O DEUS DESCONHECIDO

LUCINDA RIBEIRO ALVES

Versão revista
2024

Copyright © 2014 Lucinda Ribeiro Alves

All rights reserved.

ISBN-13: 978-1499208597

ISBN-10: 1499208596

Prefácio da autora

Não sou uma teóloga importante, nem tenho um cargo eclesiástico de destaque em nenhum grupo religioso. Sou um ser humano comum que, após grande sofrimento e incessante busca, crê ter sido encontrada pelo Autor da Vida. Este livro destina-se a partilhar essa busca e esse encontro com pessoas comuns, que ouvem acerca de Deus desde que nasceram, que até têm a sua religião ou nem por isso, mas que reconhecem que Deus é de algum modo um ser ainda desconhecido. Se alguém não reconhecer que Deus lhe é desconhecido, não poderá conhecer mais Daquele que desconhece. Se julgo saber tudo sobre algo, estou satisfeita e descansada, não preciso saber mais.

O Mestre da Galileia disse um dia: "*não necessitam de médico os sãos, mas sim os enfermos* (Evangelho segundo Mateus 9:12). Precisamos de reconhecer a doença para sermos tratados e curados. Só o vazio pode ser preenchido. É para esses que querem saber, que querem mais, que sabem que nada têm e quão pequenos e desconhecedores, são que veio o Carpinteiro de homens. É a esses também que me dirijo e com quem partilho a minha história.

Quando falo de Deus, falo de uma pessoa real, não de uma religião ou uma filosofia. O facto de não conhecermos algo plenamente não invalida a sua existência. O desconhecimento de algo não prova a sua inexistência. A ciência nunca provará que

Deus não existe, porque antes do *Big Bang*, não encontra mais nada além da possibilidade de um Criador, seja ele descrito da forma que for.

No meio da sarça ardente, falou de si mesmo ao homem Moisés e disse: "EU SOU". Não era um nome que partilhava, mas a sua existência, acima de qualquer existência. Ele é antes de tudo ser. Muitos homens tiveram encontros e desencontros com este EU SOU. Alguns foram fugazes, outros extraordinários. Nestas páginas, escolhi partilhar o meu. É um encontro sem muitas manifestações visíveis a outros, mas é o meu encontro. É o meu, muito meu e só meu! E isso torna-o melhor que todos os de outros, em todos os tempos.

Deus é hoje para mim um pouco menos desconhecido. Confesso que sinto ainda que não o conheço, mas sei que não é um desconhecimento total. No entanto, que seria de mim se julgasse ter tudo dele? Estaria perdida com certeza, fechada em dogmas religiosos, sem desejar, sem ansiar, sem ter fome de mais.

Tenho fome do desconhecido que ainda não descobri, da surpresa de O conhecer mais, sem que o conheça completamente alguma vez. Por isso é difícil, por vezes, relacionar-me com os que se dizem crentes, mas estão satisfeitos e completos. Não os posso tomar pela mão e dizer-lhes: vem buscar comigo. Entretêm-se com ocupações diversas, seculares ou religiosas, que não envolvem buscar desesperadamente o Desconhecido. Sinto-me bem com os esfomeados insaciáveis e humildes.

O Messias pregou aos pobres de espírito, que reconheciam que nada tinham neste mundo. Ao mundo chegamos sem nada

e deste mundo partimos sem nada, pelo menos de material. Devemos ter consciência desta pobreza, para que possamos receber da riqueza de espírito.

É com humildade que reconheço que neste livro partilho mais do meu desconhecimento do que do meu conhecimento. Cada página é o reconhecimento da minha ignorância, do quão pouco compreendo Dele, dos mistérios da criação, das leis que a regem e de mim mesma. Encontrei-me com a dimensão da minha ignorância, mas este é o ponto em que devo estar para finalmente aprender algo. Assim dizem os filósofos…

De qualquer forma, não busco o conhecimento em si mesmo. Busco a verdade e na verdade sei que o conhecimento estará presente. Simplesmente, deparei-me na minha busca com o seguinte: Ele é a Verdade! Nele estão contidas toda a sabedoria e toda a ciência. O meu desconhecimento de tudo está em que não o conheço a Ele. No meio da escuridão cerrada, Ele estendeu-me a mão para meu extremo espanto. Nas trevas, Ele quer guiar-me até à Luz e nessa direção deixo que me guie. Mesmo quando não vejo luz, seguro-me na Mão que me guia. Ouço o seu sussurro, não porque fale baixo, mas pela minha surdez. Seguro a Mão mais fortemente e abandono-me, porque posso confiar na única Mão que me foi estendida no meio da escuridão e esta Verdade guia-me para a luz.

Gostava de ter a fórmula de Deus como no livro que tem esse nome[1], mas infelizmente, essa fórmula não existe. O mais

---

[1] De José Rodrigues dos Santos

próximo dela chama-se Jesus, ou Yeshua, como lhe chamavam realmente. Deus não é como a comida em pacote, não está pronto a servir. É preciso ter paciência e estar disposto a seguir a receita elaborada, para se obter o prato especial que se deseja.

Como Pedro e João a caminho do templo, não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu dou (Atos 3:1-8). Nestas páginas ofereço o meu maior tesouro, deixando as palavras do Pregador: "*Buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á*" (Mateus 7:7).

…porque, passando eu e observando
os objetos do vosso culto,
encontrei também um altar em que estava escrito:
AO DEUS DESCONHECIDO.
Esse, pois, que vós honrais sem o conhecer,
é o que vos anuncio.

Atos dos Apóstolos 17:23

Índice

I. Os tempos da meninice 1

II. Um sonho especial 9

III. Caminhando para o abismo 15

IV. O primeiro encontro 23

V. Os primeiros passos 29

VI. As hipóteses de Voltaire 37

VII. A autolimitação de Deus 47

VIII. A limitação do amor 53

IX. A limitação da vontade humana 61

X. A limitação das leis e princípios 77

XI. As origens e a Bíblia 95

XII. O plano de redenção 109

XIII. O novo nascimento 137

XIV. Mensagem final 145

I

Os tempos de meninice

Quase que ia nascendo num ermo alentejano de que já nem sei o nome, mas a minha mãe fez questão de que eu nascesse na casa da minha avó materna, numa aldeia beirã, rodeada de ribeiras, campos e serras. Ao cimo de umas escadas de pedra, lá estava a inesquecível porta de ferro verde. Foi ali, naquela casinha de pedra que vim ao mundo. Quando o tempo chegou, a minha família deslocou-se lá propositadamente para eu nascer e depois voltou para onde residia. Não sou muito campestre, mas reconheço que a minha aldeia é bonita.

As minhas primeiras recordações remontam aos três anos numa localidade chamada Salvaterra do Extremo, assim chamada por ficar numa zona fronteiriça. As memórias são nubladas e diversas: comer flor de amendoeira, algumas birras e consequentes repreensões do meu pai, magoei um dedo do pé, tinha um amiguinho chamado David e brincava com ele com um touro pequeno de plástico preto. Além disso, fui a um funeral com a minha mãe e fiquei do lado de fora do cemitério debaixo de enormes ciprestes. Ainda comi um pacote de batatas fritas junto de um rapaz mais crescido, de quem eu era fã, segundo me contaram. Seria Carlos o nome? A minha irmã nasceu nessa altura. Parece que a pedi até a conseguir, dizendo que dava todo

o meu dinheiro em troca de uma irmã. Ela deve ter sido barata, porque chegou rápido, apesar das minhas poucas moedas!

Ainda com três anos levaram-me para morar em Salvador, outra pequena aldeia, escondida na Beira. Olhando agora para trás, acho interessantes os nomes de onde morei na meninice: Salvaterra e Salvador.

A minha mãe, católica praticante até hoje, levava-me à missa dominical, desde que me recordo de existir. Lembro-me de estar sentada à espera que acabasse… Agora percebo que não era assim tão longa, mas para a minha pequena mente de criança era interminável.

Havia algures na liturgia um momento em que a minha mãe dizia que podíamos pedir um desejo, pelo menos foi o que compreendi. Era "entre o cálice e a hóstia". Explicava que se rezássemos com muito fervor, naquele momento especial, o pedido seria concedido. Não que a resposta fosse certa, mas parece que as probabilidades aumentavam consideravelmente se o pedido fosse feito naquele exato momento. Claro que eu, crédula criança, tinha a minha espera desesperada interrompida por um desejo silencioso de segundos. Não me consigo lembrar do que pedia, mas sei que pedia algo. Assim se resumia o meu conhecimento de Deus durante os primeiros anos de vida. Não posso dizer se alguns dos pedidos se concretizaram, mas se não me lembro, suponho que signifique que não, caso contrário penso que ficaria naturalmente registado na memória.

Durante os anos da escola primária, nesta pequena aldeia, entre montes por poucos conhecidos, um padre visitava a minha

classe a fim de nos preparar para a Primeira Comunhão. Foi este homem, tão modesto e pouco eloquente, que me falou pela primeira vez do Salvador, ali na aldeia que tinha esse nome.

Já faleceu o pacato padre Agostinho… O melhor que pôde, levou-nos a todas as crianças a um dia de confissões. Tomei aquilo muito a peito! Sondei tudo e mais alguma coisa dentro de mim e até confessei que falei palavras indecentes e tudo o mais que podia ser considerado pecado. Fui bastante corajosa e sincera. Tive de cumprir uma penitência de Pai Nossos e Avé Marias. Depois vinha a parte mais difícil: tinha de aguentar sem pecar o mais tempo possível… Isso seria uma odisseia impossível! Assim que as miúdas maquiavélicas da minha rua descobriram que queria manter-me santa, sentaram-se à minha frente a tentarem de tudo até satisfeitas exclamarem: "Pronto, já pecaste"! Então foram-se embora e deixaram-me a sós com a minha culpa. Tanto esforço e perdi a santidade… Agora, esta só voltaria confessando-me outra vez… Por esse caminho, isto da santidade seria sol de pouca dura, pois o padre só o via ao domingo e não fazia confissões sempre que quiséssemos.

Esta experiência foi o auge da minha espiritualidade e a minha maior proximidade com Deus na infância. De certo modo, neste lugar chamado de Salvador, tive um pré-encontro com Aquele que se tornaria um verdadeiro Salvador pessoal.

A vida foi complicada desde cedo. O meu pai era militar e não sabia educar senão com dureza. Eu era um espírito rebelde e os problemas entre nós começaram cedo, praticamente desde

que comecei a falar. Quando ele dizia não, para mim era sim e quando para ele era sim, para mim era não. Como não me abstinha de o expressar, só podia ter dado mau resultado. A frase dele que mais me ficou gravada foi: "tu és um zero à esquerda".

A minha autoestima morreu antes de ter nascido e o crescimento foi um doloroso processo diário. Ter sobrevivido foi, por si só, um grande milagre, mas apenas eu posso compreender em que medida. A dimensão do sentir está reservada ao próprio e não pode ser partilhado o sofrer. Por mais que o descrevamos a outros, só adivinham, baseando-se nas suas experiências pessoais. A dor foi minha companheira, durante o meu crescimento. Também a meditação sobre a vida e o sofrimento humano.

Antes dos dez anos houve outra mudança de morada para um lugar cujo nome e lenda da localidade são associados a "penas", "sangue" e "morte". Ali houve um aumento extremo do meu sofrer e do anelo pela morte. Tinha o desejo diário de nunca ter nascido, culpando a minha mãe da minha existência infeliz.

Deus tornou-se o Desconhecido da religião materna. Ainda andei um tempo na Catequese e fiz outro sacramento chamado de Profissão de Fé. A partir daí cortei a ligação à religião.

A minha insistente mãe ia ao domingo a uma missa e eu prometia-lhe que ia a outra posterior no mesmo dia. Porém, fazia tudo para não ter de assistir ao cerimonial que nada me dizia.

Tornei-me ateia mais ou menos convicta, direi até tristemente convencida da inexistência de Deus. Eu queria que Deus existisse, mas se não o via nem sentia, só podia deduzir que não existia. Imagino a quantidade de pessoas assim pelo mundo: desejando Deus, mas pensando que não existe. Talvez porque os que falam de Deus descrevem-no mascarado das suas frustrações e tradições.

De tempos a tempos apareciam à minha porta os evangelistas da Torre de Vigia, que se intitulam de Testemunhas de Jeová. Numa vila pequena de católicos, muitos deles pouco mais que analfabetos, os TJ sofriam muito por ousarem ser diferentes e pensarem contra a corrente. Eu fui uma pequena, mas incomodativa, pedra no seu sapato. Cada vez que me iam bater à porta, quem se cansava eram eles, imagine-se! Eu conseguia ficar horas colocando questões a que não tinham resposta e, por outro lado, eu tinha resposta para tudo. Questionava-os sobre o sofrimento humano, sobre provas da existência de Deus e não me cansava nunca.

A revolta contra o meu sofrimento era imensa. Como não tinha contra quem retaliar, Deus era um bom alvo. Se ele existia, deveria ser o responsável, mas se não existia, melhor ainda para servir de bode expiatório.

O Deus de que ouvia era grande, mas distante e incapaz de afetar a minha insignificante vida. Era um enorme déspota, surdo e mudo, sem sensibilidade ao meu tormento. Se porventura existisse, esta era a imagem que tinha dele.

Dia após dia, carregava o fardo da vida… Em casa eram guerras diárias, sempre entre mim e o meu pai. Eu não era má nos meus pensamentos, pois desejava o bem para os outros, mas não me encaixava no mundo. Era como se este me vomitasse a cada manhã… O ódio que sentia não era pelos outros, mas por mim mesma. Esta vida não me queria, não me encaixava no gigante e estranho puzzle social onde apareci sem pedir.

Os traumas da mais tenra infância marcaram-me de tal forma que me considerava um ser humano miserável. Na escola, tinha boas notas, mas sentia-me deslocada e não me integrava. As crianças conseguem ser mais cruéis que os adultos, porque não desenvolveram sensibilidade ao sofrimento e não têm razão para conter o que pensam.

Na escola, era introvertida e não me conseguia relacionar. Em casa manifestava livremente a minha revolta pela vida. Culpava muitas vezes a minha mãe por eu ter nascido. Chegaram a planear colocar-me num colégio interno.

Que seria de mim? Não sabia o que era ter amor, aceitação, segurança… Quem me dera nunca ter nascido neste planeta de terror! Talvez um dia conseguisse por termo a tudo… Pensava assim muitas vezes. Haveria esperança no meio de tanto desespero? Ainda cheguei a levantar a voz ao Céu, à procura de uma resposta: "**Se existes faz-me nascer outra vez, noutro lugar, com outras pessoas!**". Clamei, mas pouco, porque nada acontecia… O que me impedia de por termo a tão infeliz existência? Não sei… O homem nasce com uma dose de esperança misteriosa. Dizem que a esperança é a última a

morrer. A minha esperança era tão minúscula, que mal dava por ela, mas estava lá. Talvez um dia saísse dali e tudo mudasse…

8 - O Deus desconhecido

II

Um sonho especial

Não posso dizer com exatidão que idade tinha, quando tive o sonho mais extraordinário da minha vida, mas estaria algures entre os doze e os catorze anos. Eu não cria em Deus e sempre que tinha oportunidade de defender a sua inexistência, aproveitava com grande empenho. Foi nesse contexto que o sonho aconteceu.

Era escuro à minha volta, mas não sei se era noite. Parecia estar num lugar fora da terra, algures no espaço. Poderia ser a lua ou outro lugar. Estava dentro de uma torre alta, como um grande campanário de que não se via o começo. Era muito alta e eu estava lá no cimo. Não estava sozinha…

O Filho de Deus estava ali, vestido de branco. Não sei como sabia que era ele. Apenas sabia. Estava à minha direita e olhávamos para fora. Eu não ousava olhar para o lado e contemplá-lo. Estava tomada de um temor tão grande que mal podia pestanejar.

O Senhor, naquela altura, não era o meu senhor. Pelos vistos já andava a trabalhar para que isso viesse a acontecer, ainda que para mim tudo fosse terrível e Deus fosse a última coisa em que estava interessada.

Penso neste sonho muitas vezes... Como sabia eu que era o Senhor se não sabia nada dele, se dizia não crer nele? Eu sentia algo forte. Era uma presença, que hoje compreendo e identifico, mas como pude senti-la, sendo descrente, blasfema e ímpia? No entanto, ali estava ao meu lado, tratando-me como se eu fosse especial e única. Lembro-me de ter a cabeça baixa e olhar apenas um pouco para a direita. Por isso, vi que ele estava vestido de branco e vi uma mão, mas já não recordo como era.

Ele mostrava-me a terra ao longe. Parecia como nos filmes, vista a partir da lua. Estava tudo escuro à volta e lá estava o planeta dos homens, visto daquela torre distante. Então começou a mostrar-me o mundo, todas as pessoas, todos os países, de uma forma que não consigo explicar. Só sei que mostrava tudo ao mesmo tempo e eu via tudo, sem que fosse preciso mencionar cada pessoa. Deve ser assim que Deus consegue ver a todos ao mesmo tempo… Não percebo como era, mas sei que via todos ao mesmo tempo num piscar de olhos.

Enquanto me mostrava todas as coisas, falou comigo. Não me lembro do timbre da voz, mas nunca esquecerei do temor que produziu em mim. Era uma voz que era amor e autoridade ao mesmo tempo. Fiquei presa a ele apenas por ouvi-lo. Poderia ficar ali para sempre e teria tudo. Mas não era o seu plano...

Olhando para todas as pessoas que mostrava na terra, disse-me: **Eu fui e morri por ti, tu queres ir e morrer por mim?** E foi tudo o que ele disse. Como tão poucas palavras podem ter a importância de uma vida? Estas foram as palavras mais importantes que jamais ouvi!

Continuávamos a olhar para a terra e eu tinha de responder à sua pergunta. Sabia pelos filmes e pelo que ouvira no catolicismo que Cristo viera à terra morrer por nós e tudo o resto. Porém, era completamente diferente ouvi-lo da sua boca. Não era uma história, era ele mesmo dizendo o que tinha feito e que o fizera por mim. Que palavras tão profundas: Eu fui e morri por ti, tu queres ir e morrer por mim?

Tinha de responder… E o que poderia responder àquela presença santa, plena de amor, que me cativava a alma? Não estava habituada a sentir amor… Esse amor pedia-me para morrer, parecendo ser uma grande contradição. Não era um amor qualquer, mas afeto que preenche e faz com que tudo tenha sentido e propósito. Eu era apenas uma criança em transição para adolescente, mas a linguagem do amor pode ser compreendida em qualquer idade.

Sem me conseguir mexer, por segundos pensei no que dizer… Se aceitasse morrer por ele, teria de ter grande coragem para suportar a morte. Mas ele disse que o fez por mim, por isso não deveria eu fazer o mesmo? Fazia sentido, contudo não foi a lógica que me fez responder-lhe, mas aquele amor imenso. Era um amor tão grande que me envolvia, preenchia e paralisava de temor simultaneamente. O Senhor, para quem não ousava olhar por me sentir indigna, pedia que eu deixasse aquele lugar de paz para ir à terra e dar a vida por ele…

Tudo se passou em segundos e não lhe pude resistir. Da minha boca saiu a resposta: **Sim, eu vou.** E com estas palavras

terminou o encontro mais maravilhoso da minha vida. Quem me dera ter prolongado o momento e ter perguntado muitas coisas. Quem me dera ter olhado e ter passado um tempo para que fosse restaurada e encontrasse o sentido da minha vida. Quem me dera tê-lo conhecido, tê-lo compreendido, tê-lo amado…

O encontro terminou, mas não foi o fim do sonho. Depois das minhas palavras, encontrei-me na terra. Estava numa casa vazia. Tinha diversas divisões, mas não tinha mobília. Pensei que não deveria ser necessário, pois estava ali apenas para morrer pelo Senhor, como me pedira. Fiquei à espera que alguém me viesse buscar, como combinado, para que eu morresse por ele. Estranhamente, os dias passaram e nada aconteceu. Tive de sair de casa, comer e trabalhar como as outras pessoas. Os dias foram passando e o meu encontro ia ficando mais distante…

Ainda estava a sonhar, mas na vida do sonho ia esquecendo a razão pela qual tinha vindo à terra. O tempo passou e tornei-me uma pessoa como as outras, vivendo uma vida comum como os restantes, até o meu encontro especial se apagar da minha mente. E então o sonho terminou.

Acordei e naquele dia pensei um pouco sobre o assunto. Porém, como no sonho, na minha realidade o sonho foi-se também desvanecendo e ficou escondido na minha memória. Voltei a blasfemar de Deus, a querer morrer, a odiar-me… Era a minha vida de sempre a continuar o seu curso. Não esqueci totalmente aquele sonho invulgar, mas coloquei-o num lugar da memória onde não o encontrasse. Porque tinha sido um sonho,

porque eu era super racional, muito esclarecida e evoluída para crer num sonho e muito menos no Deus de um sonho. Eu precisava de coisas reais, de uma ajuda real, de uma mudança real.

III

Caminhando para o abismo

Cheguei aos catorze anos e tinha de decidir a minha área de estudo para o futuro. Estava envolvida na juventude de um partido político oposto ao de um familiar. Não teria importância se ele não fosse um dos donos do colégio que teria de frequentar e também o Presidente da Câmara. Nestas circunstâncias, os meus pais concordaram em que fosse estudar para a cidade mais próxima. Além da situação política, não havia a área que eu queria seguir nesse colégio, embora abrangesse o ensino secundário até ao último ano.

Era um grande sacrifício financeiro para a família, pois se não éramos completamente pobres, sempre senti que andávamos lá perto. A nossa casa era humilde e o carro dos meus pais foi o mesmo durante vinte anos.

Apesar da dificuldade, tudo se preparou para eu ir estudar para a cidade mais próxima: o quarto foi alugado e a inscrição na escola foi feita. Foi assim que saí de casa, quando ainda não completara os quinze anos. Nesse ano fui a casa quase todos os fins de semana.

Não deixei de viver em solidão. Troquei apenas a solidão da família, por uma solidão diferente. Quando se tem a alma destruída como eu tinha, não há uma solução humana e muito

menos instantânea.

Completei quinze anos, numa cidade que não conhecia. Não tinha amigos próximos, apenas colegas, mas também não os tinha de onde vinha. Contudo, a mudança fez-me sonhar um pouco. Fez-me acreditar que talvez tudo pudesse mudar e um dia fosse possível ter uma vida de paz e alguma felicidade. O que seria preciso para isso? O mesmo que todos precisam: ser amada e valorizada pelo que era, sem ter de fingir ser algo diferente.

Esse ano passou e infelizmente não foi tão diferente da vida que tinha antes. Não estava com a minha família em casa, mas não me encaixava socialmente também ali. Eu continuava a ser a mesma pessoa tímida, destruída por dentro, a querer morrer. O fardo de existir continuava muitíssimo pesado…

O ano letivo terminou e o marido da senhora onde estava hospedada piorou de saúde, ficando acamado. Precisaram do quarto, segundo me disseram. Tinha de procurar outro lugar para ficar no ano seguinte. Uma viúva, da aldeia onde nasci, morava ali há muitos anos e alugava quartos. Tinha um senão para os meus pais: era "Testemunha de Jeová". Acabei por ficar lá no quarto que tinha sido do filho, pois os restantes estavam ocupados com outras jovens.

Foi um tempo cheio de coisas muito más, mas outras nem tanto. Tive algumas aventuras que até hoje acho alguma graça. O ano foi de viragem e já só ia passar fins-de-semana de quinze em quinze dias.

A Dona Ilda era uma senhora bondosa e tentou alcançar-

me. Os seus livros religiosos estavam no meu quarto numa estante. Nunca tive curiosidade de os abrir. No entanto, ela tentava transmitir-me Deus da melhor maneira que sabia. Sempre rejeitei com as respostas a que me habituara, de modo que ela dizia que eu era "*um pau torto que nunca se havia de endireitar*". Não comentava isto com desprezo ou por não me querer bem, mas mostrava apenas o seu desespero por ver quão duro era o meu coração em relação a Deus.

Eu completara os dezasseis anos no início do ano letivo. Foi nesse ano que conheci todas as discotecas da cidade. Uma das jovens ali hospedada, com cerca de vinte anos, levava-me com ela. Quando a Dona Ilda adormecia, saíamos pelas traseiras da casa, para que ela não ouvisse. Note-se que a senhora era surda e assim que tirava o aparelho auditivo para dormir, não ouvia nada mais. Por outro lado, ressonava tão alto que era fácil ser controlada. Quando já só se ouvia a Dona Ilda a ecoar pela casa, estava na hora da nossa saída.

O grupo com quem saía era todo mais velho que eu. Tinham de dezoito anos para cima. Todos fumavam e eu, embora detestasse, comecei a fumar com eles, apenas para me sentir mais integrada. Nunca cheguei a gostar, nem a compreender que prazer dava aquela coisa que nos fazia deitar fumo pela boca.

De longe, passados tantos anos, consigo ver Deus ali a proteger-me de muitas coisas. Cada vez que vínhamos de uma discoteca, eu ficava na cama a meditar sobre a minha vida. No

outro dia voltaria para a escola e continuaria a ser tudo terrível. Sentia-me cada vez pior…

Quando acordava, a primeira ideia que vinha à minha mente era qual seria a melhor forma de acabar com a minha vida. Todos os dias era assim. Dia após dia, o sofrimento intenso fazia-me acordar com o mesmo pensamento… Fui excluindo todas as hipóteses possíveis até que encontrei a ideal: tomar calmantes e adormecer para sempre. Não doía, não ficaria desfigurada e estava ao meu alcance.

Quando ia passar o fim-de-semana a casa, tirava sempre alguns calmantes da minha mãe, de forma que ela não percebia. Não tive coragem de os tomar todos logo, mas descobri que se tomasse dois ou três ficava meia adormecida e sentia menos a dor de estar viva. Foi assim que comecei a tomar doses elevadas de calmantes sempre que tinha de estar com pessoas de forma mais exposta. Ia experimentando quantos aguentava, aumentando a dose.

Dia a dia, a minha pequena luz de esperança parecia mais distante e invisível. Com dezasseis anos sentia o fardo da vida tão pesado que era insuportável. Desabafava escrevendo poemas mórbidos num caderno feito por mim, com vários cadernos cozidos, uma capa em papel veludo preto e uma fita rosa a servir de marcador. Ali escrevia as minhas tristezas.

Havia anos que me esquivava a escrever textos na escola. Nos testes de português fazia tudo corretamente e deixava por fazer a composição. Dava para ter nota positiva de qualquer maneira. Não escrevia porque achava que ninguém iria entender

o que sentia, nem a minha opinião sobre as coisas. Recusava-me a escrever o que queriam que pensasse.

Ainda hoje tenho dificuldade em escrever sobre um tema que me seja pedido. A escrita para mim é um fluir do meu interior, uma extensão deste. Escrever algo que me é imposto, parece-me quase uma traição do meu eu. É como se a escrita fosse sagrada, como se fosse a minha verdadeira face. Contudo, quando me mandavam fazer poesias, fazia-as com vontade, porque poesia é sentimento e posso ser subjetiva. De alguma forma, sentia que havia um respeito diferente perante uma poesia e por isso havia menos possibilidade de ser julgada pelo que era.

No ensino secundário era mais difícil evitar as composições, mas fugia sempre que possível. Só me sentia livre para escrever no meu caderno confidente. Com as suas páginas partilhava o que sentia até ao limite. Eram rimas simples, mas que expressavam sentimentos fortes de morte, desespero e infelicidade.

Um dia, estava no quarto com a rádio ligada e ouvi algo que me chamou a atenção… Alguém citava palavras de Cristo dizendo: "***Vinde a mim, todos os que estais cansados e eu vos aliviarei…***"[2]. Aquelas palavras, miraculosamente trespassaram o meu duro coração e desatei a chorar desesperadamente. Eu queria que Deus existisse! A sério que queria mesmo… Haveria

---

[2] Mateus 11:28

outra saída para mim, além da existência de Deus intervindo para mudar tudo? Por outro lado, se havia algo que ainda prezava, era a minha capacidade de raciocínio e inteligência. Não podia simplesmente entregar-me a uma ilusão que de nada me serviria. Além de ser infeliz, seria uma infeliz ignorante.

Naquele momento peguei numa folha e escrevi algo em prosa. O meu caderno era para poesia, mas precisava colocar as ideias de forma lógica, para ver se fazia sentido o que pensava. Nunca tinha escrito em prosa antes, para expressar o meu interior. Então, escrevi três hipóteses:

1ª) Deus não existe *e significa que não tenho mesmo solução;*

2ª) Deus existe e é todo-poderoso*, tal como o descrevem na igreja da minha mãe, mas distante, insensível e mau, podendo intervir na minha vida, mas escolhendo não o fazer;*

3ª) Deus existe, mas embora tenha poder, por algum motivo, não pode intervir *na minha vida, sendo nesse caso bom, mas estando limitado por razões que desconheço.*

Olhei para aquelas três hipóteses com a minha última réstia de esperança, chorando. Será que Deus existia? Será que aquelas palavras da rádio podiam ser reais? Então, desenhando letras lentamente, com o peso da vida que carregava, escrevi: "***Queria que Deus existisse, mas não me posso enganar a mim mesma***".

Gostava de ter guardado aquela folha… Não sei o que lhe terei feito. Certamente, num momento desesperado devo tê-la destruído. Concluí tristemente: se Deus existia, ou não podia intervir na minha vida, ou não o queria fazer; deste modo a

vantagem da sua existência não era nenhuma.

A casa da Dona Ilda ficava a meia hora a pé da minha escola. Tinha cinco minutos para almoçar e depois voltar à escola, para as aulas da tarde. Por outro lado, eu estava a ocupar o quarto do filho, que não teria onde dormir quando visitasse a mãe. Talvez fosse apenas a Dona Ilda que estava cansada de mim, mas tive de procurar novamente um quarto.

Na altura, não havia computadores disponíveis para qualquer pessoa e quis comprar uma máquina de escrever. Nesse Verão, ao entrar numa loja para fazer a compra, verifiquei que na porta estava um anúncio de um quarto para alugar. Saí com a máquina e não só. Na mão tinha também a morada e telefone para contactar. A pessoa que me atendera era filho da senhora que tinha o quarto e morava com ela.

Tudo correu bem e ficou combinado ficar ali no ano letivo seguinte. Apenas havia uma diferença: teria de ser eu a cozinhar e levar o que fosse necessário para tal. Era perto da escola, de forma que até ouvia o toque de entrada, o que seria muito melhor que estar a meia hora de distância.

Tinha de passar as férias com os meus pais. O Verão era o pior. Ficava fechada em casa, normalmente no terraço, apanhando sol e meditando nas minhas tristezas ou a ver televisão. Ali vivia a dificuldade de ter de me relacionar com o meu pai. A guerra continuava sempre que estávamos no mesmo lugar.

Eu provocava-o e respondia-lhe sem me conter. A minha

revolta contra tudo impossibilitava-me de me relacionar. Tínhamos ambos um temperamento nervoso e teimoso. O tempo seguiu o seu curso e o Verão terminou. Iria iniciar o último ano do secundário e completaria os meus dezassete anos. Não imaginava que uma grande mudança estava perto…

IV

O PRIMEIRO ENCONTRO

As aulas começaram e cheguei ao meu novo quarto. Coloquei a roupa num pequeno espaço que me facultaram, no roupeiro já muito cheio. O lugar para colocar os livros e objetos pessoais era ínfimo, contudo já me habituara às restrições de morar em casas alheias.

A Dona Antónia era a minha senhoria. Outrora fora muito rica. A casa ainda mostrava que o nível social era elevado. As empresas faliram e o marido morrera. Tinha dois filhos casados, bem na vida, e um terceiro divorciado. Este morava com ela, com um emprego simples na loja de máquinas de escrever onde o conheci. O meu quarto fora alugado devido às carências que agora passavam. Herdaram dívidas em vez de bens e todos os tostões serviam para sobreviver. A mobília com maior valor foi penhorada, alguma já na minha presença.

O meu quarto, no lugar de janela, tinha a porta para uma varanda. Por baixo da varanda, um pouco para a direita, estava a entrada de uma sala onde se faziam reuniões religiosas. Devido ao que estava escrito cá fora, não percebia se era uma sala alugada para qualquer religião ou outra coisa. Convidavam qualquer pessoa de qualquer crença! Não fazia ideia do que significava. Ouvi cânticos logo no primeiro dia… Ao serão,

rimo-nos daquelas pessoas que cantavam tanto. Tive curiosidade, apesar dos meus comentários depreciativos.

A Dona Antónia era frequentadora assídua da missa católica e convidou-me para ir com ela, quando chegasse o domingo. Contudo, algo aconteceria de forma que eu já não a acompanharia…

Sexta-feira de tarde fui visitar a senhora onde ficara no décimo ano. Ficava perto e era uma questão de cortesia. O marido morrera e tinha a casa apinhada de estudantes. Aproveitava cada metro quadrado levando preços muito acima das condições que oferecia. Morava com a filha, ainda solteira. Eram pessoas de pouca instrução, de carácter brusco e de pouca afetividade.

Sentei-me um pouco na sala e contei-lhes onde alugara o quarto, ali perto, na praça mais próxima. Todos conheciam a Dona Antónia, por ter sido rica e socialmente reconhecida. Também comentei o facto de estar por cima dos "religiosos das cantorias". Então, para minha grande surpresa, afirmaram que tinham lá ido algumas vezes, porque dava sorte. Um jovem, que ali morava, também já tinha ido para dar sorte na escola.

Estavam de saída para a reunião de sexta à tarde, a segunda de maior afluência, depois do domingo. Perguntei se podia acompanhá-las. Uma estranha curiosidade invadia-me… Será que podia dar-me sorte também? Se havia alguém que precisava era eu. Assim, fui com elas.

As luzes estavam apagadas na sala cheia de cadeiras. Ouvia-se um murmúrio… Diversas pessoas estavam de joelhos

com o rosto sobre as respetivas cadeiras, rodeadas pelas restantes ainda vazias. Ouvi o que diziam. Umas agradeciam por algo que lhes acontecera, outras pediam socorro, outras pediam perdão… Nunca ouvira alguém dirigir-se a Deus daquele modo! Falavam como se ele fosse mesmo uma pessoa que os ouvia!

Para grande surpresa, as minhas acompanhantes ajoelharam-se imitando os restantes presentes. Creio que era apenas por imitação, pois não via nelas a sinceridade e espontaneidade que havia nos outros. Por vergonha de ser a única sentada, coloquei-me também de joelhos e experimentei dirigir-me a Deus falando das minhas aflições… Embora não pudesse explicar, havia naquele lugar algo diferente de tudo o que vira até à data.

Entretanto, a sala ficou cheia e um homem começou a tocar guitarra e a cantar uns cânticos simples, algo cómicos. Eu estava na primeira fila, pois tínhamo-nos sentado ali, como se a proximidade do homem que dirigia pudesse dar maior "sorte". Enquanto cantavam, batiam palmas e faziam muitos gestos! Cantavam: "*o nome do Senhor é poderoso, ninguém o pode derrotar, o pecado sai, a doença vai, o nome do Senhor vai operar…*". Quando pronunciavam "sai" e "vai", sacudiam as mãos como se algo estivesse a sair na realidade! Era tudo muito estranho! Será que Deus era mesmo poderoso para mudar a minha vida? Ali estava eu, pequeno ser desesperado no meio do universo, esperando…

Pela primeira vez, Deus parecia assustadoramente e maravilhosamente próximo! Seria possível importar-se comigo,

o menor dos seres humanos? Fiquei desconfortável no meio de toda aquela espontaneidade, mas a minha invisível luzinha de esperança começou a iluminar-me como nunca. Parecia como se Deus estivesse mesmo ali fisicamente, como se estivesse algures disfarçado no meio dos participantes.

Quando acabaram de cantar, o homem largou a guitarra e começou a falar. Não percebi nada, nem me lembro de nenhuma palavra. Então chamou quem queria aceitar a Cristo como seu Salvador. Não fazia ideia do que significava e certamente não ia colocar-me em evidência perante toda aquela gente… Então, a senhora que me levou, empurrou-me da primeira fila para o espaço que estava à frente, diante do homem, enquanto me dizia: "vai que dá sorte"!

Meio obrigada, fui. Senti-me exposta na minha miséria diante de todos. Foram aparecendo à frente mais alguns ao meu lado. O homem disse para repetirmos o que ele dizia…

Eu detestava a hipocrisia. Tinha aprendido, penso que na televisão, que hipocrisia era algo mau. Com todas as minhas idiossincrasias, hipócrita não era… O homem dizia: "*Jesus entra na minha vida, eu me arrependo dos meus pecados, sê o meu Senhor…*". Senti que se não falasse aquelas palavras de forma sentida, seria uma tremenda hipócrita. As pessoas pareciam verdadeiras, pois não conseguiriam ser espontâneas assim, se não o fossem. Decidi falar as palavras, não só com a boca, mas com o propósito de as sentir o mais que conseguisse.

Não vi nenhuma mudança no momento. Tudo era como entrar num filme, como estar a viver um sonho. Nada daquilo

parecia real ou com alguma lógica. Então, apareceu uma pessoa que não esperava encontrar: a minha professora de Matemática da escola! Disse-me que fazia parte daquela igreja! Aquilo era uma igreja? Não me parecia nada uma igreja, de acordo com o conceito que tinha até à data. Pareciam antes um grupo de loucos, mas loucos felizes…

Deram-me um papel com a data, como se tivesse sido uma cerimónia de extrema importância. Sentia uma euforia estranha, mas à parte disso, nada de diferente. Apenas tinha um desejo de voltar inexplicável e até uma subtil alegria! Deveras inédito!

Cheguei a casa e partilhei tudo com os meus anfitriões. Ria enquanto contava o que se fazia no lugar ao lado da casa. Pedi emprestada uma Bíblia à Dona Antónia, porque queria saber mais sobre Deus. O homem que falara estava sempre com a Bíblia na mão e dizia que era a Palavra de Deus. Se tinha palavras de Deus, tinha de as conhecer todas. Podiam dizer algo que fosse importante para mim e também queria conhecer mais sobre esse Deus desconhecido de que falavam.

Foi assim, que de ateia e moribunda, iniciei um caminho no sentido oposto. Numa sexta-feira, dia vinte e dois de setembro de mil novecentos e oitenta e nove, a insignificante adolescente foi encontrada por Aquele de quem blasfemava, tornando-se um Pai que a adotaria para toda a vida.

V

Os primeiros passos

No domingo, dois dias depois, voltei e ouvi atentamente o sermão. As pessoas cumprimentaram-me com um grande sorriso. Nesse dia, uma jovem começou a gritar muito, chorando convulsivamente. Depois parou e pareceu sentir-se aliviada. Passei a vê-la assiduamente nas reuniões e acabámos por nos tornar amigas. Tínhamos a mesma fome de Deus e a mesma necessidade dele. Muitas vezes, ela chegava do trabalho e passava na minha casa para orarmos e conversarmos. Éramos almas angustiadas, mas sensíveis. Encontramos conforto e compreensão, uma na outra. A nossa amizade fraterna perdurou pelos anos. No momento em que escrevo estas páginas, mais de vinte anos depois, ela continua a ser mais que amiga, uma irmã do coração.

Não mais parei de ler a Bíblia. De noite acordava e lia até adormecer de novo. Assim que chegava da escola continuava. Adormecia e acordava a ler… O homem, que afinal chamavam de Pastor, dizia que era a Carta de Deus para nós. Tinha de saber tudo o que me dizia a Carta de Deus! Comecei no princípio em Génesis, como se começa qualquer livro, e só parei com aquele ritmo acelerado quando cheguei ao fim de Apocalipse, passados menos de três meses.

O mais estranho de tudo era que não conseguia parar de cantar! Cantava em todo o lado. Claro que a Dona Antónia, tão refinada que era, achou que eu não era boa da cabeça. O pior foi quando fui passar um fim-de-semana a casa…

A minha avó materna tinha um historial clínico de doença mental. A última recaída ocorreu na ocasião em que fora numa excursão a Fátima. Ela era muito calma e recatada. Porém, quando chegou da dita viagem, não parou de cantar até se começar a despir na rua e a endoidecer completamente. Foi complicado de acertar com um tratamento que a fizesse voltar a si.

Agora, imagine-se o que a minha mãe pensou quando eu cheguei com cantorias que nunca mais acabavam, a falar de Deus e a ler a Bíblia! A minha irmã contou-me mais tarde que ela lhe confidenciou acerca do medo de eu poder estar a enlouquecer, à semelhança da minha avó. É muito compreensível. No seu lugar pensaria o mesmo. Felizmente a minha loucura era outra. Era a loucura de ter descoberto a minha razão de existir, de ter sido encontrada pelo Pai maior de todos. Esta loucura seria permanente, como puderam comprovar.

Quando chegaram as férias do Natal tinha terminado de ler toda a Bíblia. Uma das coisas que me chocou foi a distância entre a Bíblia e o cristianismo praticado pela minha mãe. Claro que os princípios básicos estavam lá, mas havia um sincretismo com costumes pagãos cuja origem demorei a decifrar.

Durante essas férias, aconteceu um episódio interessante… Estava convencida que tinha descoberto algo na

Bíblia que os católicos desconheciam e era por isso que tinham algumas práticas contrárias à Bíblia.

Quando fomos à aldeia dos meus avós, decidi falar com um padre, professor de Seminário, que passava ali a quadra natalícia, pois a minha aldeia também era a sua terra natal e tinha ali familiares. Assim, num dia de semana, peguei na minha Bíblia e fui assistir a uma missa pouco frequentada, realizada por ele. Fiquei ao fundo e quando terminou dirigi-me à Sacristia.

Quando fico nervosa, dá-me vontade de rir. Com dezassete anos de vida e uma Bíblia na mão, rindo como uma tola, entrei. O homem olhou-me espantado. Expliquei-lhe que precisava ter uma conversa e aceitou. Contei-lhe como me tinha encontrado com Deus e começara a ler a Bíblia, depois de ter sido ateia e ter blasfemado muitas vezes.

Tinha a Bíblia sublinhada nos versículos que considerara importantes, de modo que conseguia encontrar tudo o que precisasse. Passei a expor os assuntos que me preocupavam… Ingenuamente, expliquei-lhe que Deus proíbe que nos ajoelhemos diante de estátuas, sejam elas à imagem do que forem. Mostrei-lhe na Bíblia abundantes textos onde Deus diz abominar que façamos orações aos mortos, que usemos qualquer intermediário a não ser Cristo, pois ele é o único caminho para o Pai. Anunciei-lhe que Maria é um exemplo, não um alvo de oração, adoração ou veneração. Maria não é rainha do céu, porque o céu não tem rainhas. Isso é uma idolatria que já existia na antiguidade. A própria Maria, se estivesse viva, repreenderia

toda a idolatria que praticam. A Bíblia ensina que ainda que venha um anjo anunciar outro Evangelho, não devemos crer nele, pois Satanás transfigura-se em anjo de luz para enganar os homens. Tudo foi acompanhado com leitura de textos na Bíblia.

O constrangido homem tentou defender-se e procurar uma qualquer passagem para me mostrar, mas não a encontrou. Depois virou-se para mim e disse: "*É verdade que não nos devemos ajoelhar diante de imagens, eu próprio tento não o fazer, no entanto se disséssemos isso ao povo, este revoltar-se-ia, por isso temos de ir deixando aos poucos; há apenas uma coisa a que nos devemos prostrar: é o Santíssimo Sacramento, pois Deus está presente*".

O homem estava sem forças, não tinha palavras para responder a uma miúda que experimentara Deus, sem religiões, nem compromissos. À sua afirmação, respondi com grande convicção: "*Mas nem aí nos devemos prostrar, pois se é por Deus estar presente, está escrito, que onde estão dois ou três reunidos em seu nome, ele está presente; sendo assim devemos prostrar-nos já, porque ele está aqui!*". Ficou a olhar sem saber o que dizer…

A minha experiência com o amor de Deus era tão real que o padre, professor de Seminário, não tinha capacidade de responder. Então ele disse, concluindo a nossa conversa: "*Não compreendo, mas posso ver que Deus te chamou de uma forma especial; não consigo compreender porque não foi na igreja católica, mas só Deus saberá!*". Eu sorri e despedi-me, agradecendo-lhe a sinceridade.

Contei à minha mãe a conversa, mas ela não acreditou. Claro que não podia acreditar que aquele padre tivesse confessado que era errado o sistema de oração a santos e

sobretudo a Maria. Eu fiz o meu papel e mais não podia fazer.

Na casa dos meus pais, meditava sobre tudo o que me acontecera. Estaria a viver apenas um sonho? Deus seria mesmo assim como me ensinavam e estava descrito na Bíblia? Com toda a minha alma queria que tudo fosse real. Porém, algumas dúvidas ainda ensombravam ocasionalmente a minha nova e recente paz. Foi no meu quarto, nessas férias, que após orar, chorar, meditar em tudo, tomei a decisão final de seguir, com total entrega e amor, este Deus que me estendia a mão. Lembro-me desse dia de forma muito clara.

Mesmo quando Deus manifesta a sua presença e o seu amor, ele dá ainda espaço para que o homem decida se o quer ou não seguir. Recordo, um ano mais tarde, ter falado de Deus a um primo com idade próxima da minha. Depois de testemunhar e de lhe mostrar quem Deus é realmente, fez-se sentir a presença do Espírito ali. O jovem pôde sentir Deus e reconhecer que tudo aquilo que eu dizia era verdade. Com as suas palavras confirmou-me que compreendia aquilo que lhe transmitia, contudo sabia que para seguir Deus teria de fazer mudanças na sua vida, que não estava disposto a fazer. Não sei a que se referia, mas algo ele fazia em oculto que sabia estar muito errado e não estava disposto e deixar. Na sua liberdade, fez a sua escolha. Eu escolhi o contrário: achei que tinha encontrado um tesouro, pelo qual valia a pena abdicar de tudo alegremente. O Evangelho de Mateus fala de algo semelhante:

O reino dos céus é semelhante a um negociante que buscava boas pérolas; e encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e a comprou. (Evangelho segundo Mateus 13:45-46)

É maravilhosa e simultaneamente terrível esta liberdade com que Deus nos criou. Com ela nos rebelamos contra o Criador ou nos sujeitamos a Ele. Aceitar a sua salvação é fácil. Quem não quer ser salvo? Porém, nem todos querem sujeitar-se a Deus.

A salvação implica sujeição ao senhorio de Deus sobre nós. Não precisamos temer, pois é o submeter a um Pai de amor. Tudo aquilo que nos impõe é para nosso bem. O versículo que um dia ouvi na rádio na casa da Dona Ilda está também no Evangelho de Mateus e diz:

Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve. (Evangelho Segundo Mateus 11:28-30)

Este jugo suave e leve é a sua autoridade sobre nós. Não é uma autoridade opressiva, mas suave, para nos proteger do mal. Tal como o pai segura e avisa o seu filhinho pequeno, assim Deus é um Pai de amor. Para usufruirmos do cuidado e da proteção precisamos sujeitar-nos, pois ficaremos debaixo do seu domínio e estaremos afetados pela sua paternidade e amor.

Foi em Deus que encontrei um verdadeiro Pai, com todo o amor e aceitação de que precisava para ser curada das minhas

feridas interiores. Demorou muito tempo, mas pouco a pouco fui sendo restaurada.

Cada vez que ia a uma reunião na tal igreja, no final faziam uma oração pelos problemas de cada um, orando-se individualmente. Eu ia quase sempre pedir oração para que a situação mudasse entre mim e o meu pai. Sabia que só Deus poderia mudar uma coisa tão difícil. Passado algum tempo, algo se passou dentro de mim, como se o próprio Deus me tivesse falado. Era uma forte impressão, no mais profundo do meu interior, que me dizia que, se eu queria que as coisas mudassem entre mim e o meu pai, **tinha de ser eu a primeira a mudar**! Deus era bom e amoroso, mas também muito direto e objetivo.

Quando voltei a passar o fim-de-semana, tive oportunidade de colocar em prática o que o Pai me pedia para com o pai terreno: cada vez que ia surgir uma discussão, calava-me e se fosse necessário ia para o quarto. E assim terminaram as discussões infernais. Eu calava-me com grande esforço. Custou muito no princípio, mas fazia-o pelo meu novo Pai, que me amava por ele e pelo da terra o suficiente, de modo que faria qualquer coisa por esse amor.

Outro episódio interessante nesta altura, foi um encontro com a Dª Ilda. Depois da minha conversão, lembrei-me de partilhar com ela a minha mudança. Ela dizia que eu era "*um pau torto que nunca se iria endireitar*". Queria que ela soubesse que Deus, era poderoso até para me endireitar.

Fui visitá-la uma tarde, com a minha Bíblia na mala. Dirigi-

me para a sua casa. Quando já estava quase perto da rua, eis que se deu uma daquelas "coincidências"! Na minha direção vinha a Dª Ilda…

Após os cumprimentos, não perdi tempo e disse-lhe que a ia visitar com o propósito de lhe contar que me convertera. Ela não acreditava. Podia ter sido endrominada por alguma seita, mas qual conversão qual quê! Quando abri a mala e retirei a minha Bíblia, ficou de boca aberta.

Contei-lhe rapidamente e expliquei-lhe que me convertera de coração, que Deus estava a mudar a minha vida e que entendia agora que ela estava certa em muitas coisas… Apesar das nossas diferenças na interpretação bíblica, a verdade é que ficamos ambas felizes porque amávamos o Deus que nos tocara e estava presente nas nossas vidas.

Passados alguns meses sairia da cidade para ir estudar numa universidade. Tinha sucedido tanto em tão pouco tempo! Não era mais aquela menina destruída que ali chegara… Partiria uma nova Lucinda, não mais só, não mais desesperada, não mais com desejo de morrer.

VI

As hipóteses de Voltaire

Sou desconfiada em relação a livros sobre religião. Como diz o povo: "cada cabeça, sua sentença". Prefiro utilizar o meu tempo a estudar diretamente a Bíblia, em vez de ler opiniões acerca dela. Não foi sempre assim. Nos primeiros anos após a minha conversão, li muitos livros cristãos. Porém, a certa altura percebi que teria de procurar por mim, porque nos livros encontraria sempre "espinhas". Esta é uma figura que ouvi alguém utilizar. Dizia: "os livros têm espinhas". Queria dizer que nas interpretações humanas, há sempre algo que não está totalmente correto. Ao lermos um livro, devemos "comer o que é bom" e retirar as "espinhas". Procuro livros com poucas espinhas. O tempo é escasso e para dedicar o maior tempo possível à Bíblia, só leio aqueles selecionados que valham a pena.

Descobri um livro que está nessa categoria. Intitula-se "Os Segredos do Pai Nosso", do psiquiatra Augusto Cury. Talvez não tivesse coragem de expressar publicamente os próximos capítulos, se não fosse a motivação que ele me deu.

Cury fala do Deus que eu conheço. Este homem não é religioso, mas encontrou Deus, porque o buscou. Não é um modelo para mim, mas tem sido uma inspiração. Ele valoriza cada ser humano, admirando a capacidade de pensar e

questionar dos mais desprezados na sociedade.

Só podemos compreender Deus, quando o olhamos através dos olhos de uma criança. Cristo disse que temos de tornar-nos como meninos para vermos o Reino (Marcos 10:15). Deus é um Pai e temos de nos reduzir a uma criança de colo, humilde, dependente, sem ambições, para o conhecermos. Admirei Cury neste seu livro, pois o psiquiatra coloca-se humildemente numa posição de desconhecedor, mas chegando a supremas conclusões, de que tantos teólogos, clérigos e grandes religiosos estão distantes.

O mais interessante é que aquilo que Cury expressa não foi totalmente novidade, mas uma doce confirmação de muitos pensamentos que cultivava no meu íntimo em oculto. Perceber que existem mais pessoas, que têm a ousadia de contrariar ideias muito enraizadas na tradição cristã, deu-me coragem para partilhar as minhas. Isso é outra coisa que Cury produz: faz-nos sentir que o que pensamos importa e devemos expressá-lo, pois um mendigo tem o mesmo valor de um rei. O meu Deus também é assim.

Como os outros livros, sei que os meus também terão as suas "espinhas". Procuro que as tenham o menos possível, mas são o resultado de uma necessidade vital de pensar, questionar e sobretudo buscar o conhecimento de Deus. Não quero nunca dizer: "*nesta nasci, nesta hei-de morrer*". Quero ser capaz de questionar e daí retirar algumas certezas, porque fiquei com convicções mais aprofundadas.

Logo depois de ler toda a Bíblia, dois meses após a

conversão, comecei a estudá-la e a escrever sobre ela. Tive o primeiro computador, passados três anos. Até lá escrevia em folhas de papel e cadernos. Nunca imaginei que escreveria livros! É como se a minha capacidade de escrita tivesse sido impedida pela providência divina como algo santo que seria apenas para Ele. O facto é que assim que comecei a ler a Bíblia, comecei também a escrever sobre ela e não mais tive o bloqueio de não conseguir escrever.

A minha mente questionava tudo o que ouvia nas pregações e tentava colocar tudo em prática. Como se fosse um computador, a minha mente analisava as pregações, enquanto as ouvia, comparando-as com o que conhecia das Escrituras. Em casa, conferia tudo e via o que era possível aplicar à vida prática. Aprendi que Deus agia mais, à medida que o deixava mudar-me e na mesma proporção.

Não querer mudar é o maior impedimento para crescer e evoluir no conhecimento de Deus. Espero que os meus livros possam ajudar outros a se abrirem ao Deus desconhecido. O simples ato de escrever é para mim a forma como me abro na sua busca. Precisamos libertar-nos dos fardos da tradição que recebemos, senão nunca conheceremos o verdadeiro Deus.

Surpreendeu-me muitíssimo a porção do livro de Cury que passo citar:

Observando a destruição e o sofrimento causados pelo terramoto de Lisboa, Voltaire expressou com argúcia três simples mas grandes questões ou hipóteses: ou Deus não existe, ou existe, mas não quer

executar a sua própria vontade, ou quer executá-la, mas não pode.[3]

Confesso que fiquei estupefacta, sem querer acreditar no que estava a ler! No quarto da Dona Ilda, no meu último ano de desespero e por palavras semelhantes, escrevi as mesmas três hipóteses: "*ou Deus não existe, ou existe, mas não quer executar a sua própria vontade, ou quer executá-la, mas não pode*". É realmente estranho, mas também maravilhoso. Nunca conheci alguém que tenha formulado as mesmas hipóteses que eu, na minha lógica desesperada daquele meu último ano sem Deus.

Não sei se o filósofo Voltaire algum dia chegou a alguma conclusão definitiva. Quanto a mim, creio que cheguei. Partilharei essas conclusões nos próximos capítulos. Obtive-as no estudo das Escrituras e na vivência diária em comunhão com o Espírito, não no estudo dos comentários teológicos ou ensino de grupos religiosos, por mais que os respeite e aprecie. Desta forma, é muito possível que o que exponho não esteja de acordo com a doutrina tradicional de muitos cristãos. Para mim são princípios e explicações que me têm satisfeito e aproximado mais de Deus.

Em primeiro lugar, poderia dar razões sem fim para justificar a existência de Deus, mas a verdade é que apenas **acredito na sua existência porque me encontrei com ele**. O Espírito de Deus é bem real e suavemente insiste em atrair amorosamente cada ser humano.

---

[3] CURY, Augusto, "Os Segredos do Pai Nosso –A solidão de Deus", pág. 133

Eu cedi. Talvez a minha alma estivesse em tal ponto de destruição, que não conseguia resistir-lhe. Não sei. Apenas sei que pela lógica, não me fazia sentido, mas quando tive um encontro com o seu amor, lancei-me de braços abertos sem rede. Era ele, por isso não havia nada a temer. Quem está diante da morte a cada dia, não resiste a quem o vem salvar.

Depois de acreditar na sua existência, tive de compreender como Deus é e como age. Queria tanto conhecê-lo! Li a Bíblia incansável e famintamente, ouvi todo o tipo de ensino de pregadores, li muitos livros e sobretudo busquei-o diariamente em oração, adoração e estudo.

Descobri que muitos crentes em Deus, tanto católicos como protestantes, têm uma imagem muito deturpada dele. Atribuem-lhe desgraças terríveis em nome de um conceito de soberania distorcido. Não que não sejam sinceros ou verdadeiros na sua fé, mas devido à herança doutrinária que receberam. Alguns estão **certos no coração, mas errados na cabeça**. Como Deus é misericordioso, olha para o coração e não para a cabeça.

O conceito de Deus que têm é o da segunda hipótese. Creem que Deus existe e é todo-poderoso de tal forma que nada acontece sem que ele o tenha decidido. Assim cada morte, enfermidade e cada coisa terrível que acontece, tudo está dentro da sua vontade e propósito. É Deus soberano, ultra omnisciente, ultra omnipresente, ultra omnipotente. Tudo porque a sua teologia assim o exige ou porque lhe foi assim transmitido no

ensino tradicional que receberam. Segundo eles, só pode ser Deus se tiver todas essas características e exatamente da forma como as interpretavam os homens do passado, cujas ideias seguem cegamente. Acontece que **este Deus concetual de que falam não é o Deus real que veio em meu auxílio,** quando já ninguém queria nem podia ajudar-me.

Depois de ler toda a Bíblia, vez após vez, concluí que o Deus da Bíblia era compassivo, perdoador, que se arrepende do mal[4] e estende a mão ao oprimido. O Pai, que Cristo revelou, mandou dar a outra face e ter misericórdia do inimigo (Mateus 5:39,43-44). O Deus de Amor odeia o pecado, mas ama o pecador. O seu maior anseio é libertar o homem do mal que o oprime. Jamais seria capaz de escolher homens para salvação e outros para perdição ou de amar alguns filhos de Adão em detrimento de outros.

O Deus da Bíblia não agiu poderosamente usurpando o poder em Jerusalém quando o Rei Messias veio à terra. Cristo podia ter assumido o poder como rei de Israel, mas deixou-se matar de forma cruel e injusta. Muitos ficaram desiludidos, porque no seu conceito de Deus, este deveria assumir o poder no lugar dos romanos e reinar. Contudo, o Deus verdadeiro não se submete às doutrinas teológicas dos homens, quer sejam fariseus, saduceus, católicos, evangélicos ou qualquer outro

---

[4] Exemplos de referências a Deus arrepender-se: Génesis 6:6; Êxodo 32:14; I Samuel 15:35; II Samuel 24:16; Jeremias 18:8; Jonas 3:10. O arrependimento divino é diferente do humano.

grupo cristão ou não cristão. **Deus é soberano sim, ao ponto de se sobrepor ao conceito de soberania que os humanos definiram.**

Resta-nos a terceira hipótese: **Deus quer intervir no sofrimento humano, mas não o faz por alguma razão.** A questão está no que o impede, sendo Deus criador e soberano sobre todas as coisas. Um dia, iremos ouvir todas as respostas dele mesmo, mas por agora posso expor apenas o que creio. Não que seja detentora de toda a verdade, estou muito longe disso, mas há um minúsculo conhecimento Dele que me encontrou: o grande e supremo Deus criador dos céus e da terra é bom e misericordioso. Este é o princípio básico de todo o conhecimento de Deus. Tudo aquilo que o contraria não provém dele, mas são cogitações humanas. **Deus é bom e a sua Palavra é a verdade**.

Deus não pode ser conhecido à margem das Escrituras, senão estaríamos a construir um Deus imaginário diferente do Pai que Cristo manifestou. **Se apenas crermos que Deus é bom, fora da sua Palavra revelada nas Escrituras Bíblicas, cairemos em erros enormes**. Quereremos exercer a nossa própria misericórdia em situações que Deus condena. Por outro lado, se nos centrarmos na Palavra, sem o princípio base da bondade divina, podemos incorrer em interpretações bíblicas que nada têm a ver com o plano e propósito de Deus para o homem. Creio firmemente que foi o que aconteceu com alguns dos principais reformadores da igreja. Hoje seguem-se cegamente doutrinas originárias na Reforma e, sem questionar, aceita-se que Deus é

aquilo que ficou escrito nos livros.

Recuso-me a aceitar os "papas" humanos, quer sejam católicos ou protestantes. O meu Senhor é Cristo e aos líderes em geral honro-os e respeito-os. Porém, quero ser livre para pensar e questionar, crescendo em entendimento de Deus e das Escrituras. **Contestarei sempre qualquer ideia que manche o conceito da bondade divina e respeitarei sempre aquela que a revele aos homens.** Do mesmo modo, admirarei sempre quem buscar na totalidade das Escrituras a Verdade, e não apenas em versículos ou livros bíblicos isolados.

É perigoso usar apenas o Antigo Testamento, mas também o é usar apenas o Novo Testamento, porque este não irá ser compreendido. Muito perigoso é, também, restringir-se às Cartas de Paulo, sem ter por base os Evangelhos. Pegar no que Paulo afirmou e retirar conclusões, que contrariam o que Cristo disse, leva a um cristianismo que é uma nova religião, falando de Cristo, mas não obedecendo ao que ele ensinou.

Fala-se muito na graça, mas não há graça sem bondade. **A graça calculista envolvida numa soberania absolutista não revela bondade.** Não acredito numa graça que não tem bondade, para com o crente e para com o descrente. Este foi o Deus que veio em meu socorro, este foi o Deus que encontrei na Bíblia, este foi o Pai que Cristo veio revelar.

Só compreendemos a Bíblia depois de experimentar a bondade de Deus, que nos é manifestada através da salvação em Cristo. O Espírito de Deus toca-nos com misericórdia e graça, para depois nos ensinar que é Senhor, através das Escrituras.

Contudo, **se tão só por um momento nos esquecermos que Deus é absolutamente bom, afastar-nos-emos de tudo o que ele é e de tudo o que ele deseja para nós**.

Na Bíblia, está a Palavra de Deus dada ao homem, herdada de geração em geração. Devemos obedecer-lhe como ao próprio Deus, tendo a certeza que a sua vontade é o melhor, pois ele é e será sempre bom. Não podemos ser filhos de Deus sem obedecer, pois aquele que se torna filho passa a anelar obedecer-lhe. O que é filho confia e entrega-se ao Pai.

Baseada nestes dois princípios, a bondade de Deus e a verdade da Palavra, considero que existem razões principais para que Deus não aja e intervenha como gostaríamos. Estas são algumas das que consigo compreender pelo que tenho conhecido dele: a limitação do amor, o respeito pela vontade, a sujeição a leis e princípios por ele criados. Nos capítulos posteriores desenvolveremos estes temas.

VII

A autolimitação de Deus

Antes de mais, quando falamos em autolimitação, não é uma verdadeira limitação. Usamos este termo por falta de outro melhor que expresse o que pretendemos descrever. Não estamos de modo algum a diminuir Deus. Creio, de todo o coração, que aquilo que para alguns pode ser considerado uma limitação é um engrandecimento da pessoa grandiosa do Pai. Não estamos também a humanizar Deus, pois muito daquilo que consideramos humano em nós, não é mais que vestígio da semelhança divina, que nos foi dada na criação. Ele tem emoções, ama, sente desejo de comunicar e relacionar-se. Isto não são fraquezas e uma diminuição do seu poder, antes pelo contrário. **Deus é muito mais que o conjunto de atributos de um livro de teologia sistemática**.

Ninguém pode limitar a Deus, pois ele é único em poder, conhecimento e eternidade. O homem não pode limitar Deus, nem com tradição ou ciência, nem com teologia ou filosofia, nem com atos ou palavras. **Só Deus mesmo pode tomar decisões que o afetam.** Tudo está em suas mãos e antes de tudo ele existiu, nas eternidades das eternidades.

Ao criar, Deus introduziu seres eternos na sua vida, afetando a sua própria eternidade. A partir desse momento Deus

limitou-se na sua autossuficiência. O leitor deve ter ficado chocado com esta afirmação! Nunca terá ouvido algo semelhante, mas lembre-se que Deus ao criar o homem introduziu algo extraordinário e diferente na sua existência divina.

A sua divindade, o seu poder e muitos dos atributos, com que o descrevem, continuam a fazer parte dele, mas **há uma alteração no seu comportamento e emoções devido à criação de seres que ama**. Por isso, mais à frente dizemos que o homem pode limitar Deus, não que em si mesmo o possa fazer, mas porque Deus criou seres livres para amar, por sua própria iniciativa. A criação teve repercussões na sua existência.

Note-se que Deus tem um plano imutável. No meio de todo o seu amor, de toda a liberdade que concedeu e de todas as leis que criou, ele determinou um fim para o sistema que conhecemos. Há um tempo concedido aos que o rejeitam, mas no fim deste, o homem conhecerá que Deus é Senhor e tudo o que determinou ocorrerá. Contudo, devido a este determinismo divino, muitos têm interpretado que ele determinou tudo em todo o tempo e não é assim.

Ele determinou linhas gerais, um princípio e um fim. No entretanto, estabeleceu leis e princípios que devem reger a vida na carne e no espírito, para que o amor e a liberdade possam fluir. Deus respeita e ama a criação. Porém, se lermos o livro de Apocalipse, compreendemos que há um fim determinado. A Bíblia diz que "*Deus conhece o fim desde o princípio*" (Isaías 46:10). Esta expressão não se refere às vidas

individuais e às escolhas de cada homem, mas apenas ao que determinou.

Ele determinou um fim desde o princípio, mas não determinou como vou viver entre esse período. Cada homem deverá fazer escolhas, como Adão no Jardim teve de escolher. Só assim Ele pode ser amado, como deseja. Só assim Deus terá saciado a sua fome de relacionamento desinteressado e a sua sede de amor genuíno. Não somos fantoches de um grande espetáculo. Somos seres livres para amar ou não amar, para obedecer ou rejeitar, para viver ou morrer.

O facto de Deus não ser um déspota determinista, não significa que ele não tenha um plano para cada pessoa. No grande projeto da existência humana, com tempos determinados, cada homem é precioso e especial. Cada ser humano é único e Deus tem para ele um propósito. O seu plano é o melhor, pois a sua vontade perfeita é sempre a melhor. Porém, **Deus não impõe o seu plano**. O Espírito procura maternalmente atrair o homem e conduzi-lo, em primeiro lugar em direção ao Pai e depois à vida abundante que existe para ele. Deus jamais coage ou aprisiona a vontade humana.

A vontade divina é boa, perfeita e agradável. No entanto, como o homem tem receio de deixar o seu próprio querer e se entregar, escolhe muitas vezes caminhos fora do plano divino e sofre as consequências. Aquilo que o homem sofre não é a vontade de Deus e muito menos um castigo por não lhe obedecer, mas apenas a consequência natural da vida sem Deus

ou da vida com as escolhas erradas. Algumas vezes, nem tem a ver com escolhas, mas com o simples facto de vivermos num mundo regido por princípios distantes do Criador. Estamos neste mundo e como alguém que anda num caminho de pó, assim sujamos os nossos pés, ao caminharmos nas estradas deste sistema.

Deus ainda intervém na vida dos homens. Fá-lo, no entanto, segundo leis e princípios. Ele desejaria fazê-lo mais ativa e visivelmente, mas depende mais do próprio homem que dele. Quando o homem se submete e se dispõe a entrar na vontade divina, então a sua intervenção começa a tornar-se visível. Deus intervém, mas neste tempo existem limitações ou regras que Deus mesmo criou ou que são consequência da vontade humana.

Um dia o Todo-poderoso manifestar-se-á abertamente e julgará todas as coisas. Todavia, é a sua interminável compaixão que o sustém até esse tempo estipulado. **Ele deseja que todos se salvem**, como afirmam as Escrituras (I Timóteo 2:4), mas conhece o homem e sabe que uma parte da humanidade rejeitá-lo-á. Não porque tenha predestinado uma porção da descendência de Adão para a condenação eterna, mas porque a liberdade concedida trouxe essa possibilidade. Alguns dizem que ele não predestinou para a perdição, apenas para a salvação, mas uma coisa implica a outra. Outros afirmam que todos os homens já estavam condenados e que salvar alguns demonstra a sua graça, mas o Deus da Bíblia não faz aceção de pessoas, nem discrimina homens feitos à sua imagem.

O seu desejo é que o maior número possível seja alcançado e espera que os seus filhos cooperem com o Espírito na expansão do Reino aqui na terra. Nem todos aceitarão a salvação divina, para dor do coração divino, mas este é o tempo e a oportunidade para que cada homem reconheça a existência, mas acima de tudo o amor paternal de Deus que lhe quer abrir os braços.

As igrejas cristãs estão cheias de pessoas que reconhecem a existência e o poder da divindade, mas não receberam o seu amor e não vivem em comunhão íntima com o Pai. Deus não é apenas alguém a quem se obedece ou se sofre as consequências. Deus é a mão estendida, quando escorregamos em direção a um fatal precipício. Deus é o Pai que acalenta o recém-nascido, que o alimenta e protege. Deus é amor perfeito, compaixão, misericórdia, fidelidade e ternura.

Nós humanos, pegamos no nosso filho acabado de nascer e o chão foge-nos de debaixo dos pés! De onde vem esta capacidade de amar e nos doarmos? Vem do nosso Criador, do qual recebemos a semelhança. E se jamais faríamos mal ao filho que saiu das nossas entranhas, como Deus terá uma capacidade inferior de amar para com aqueles que Adão gerou?

Para os que se dizem cristãos e ainda não tiveram um encontro com o amor do Pai, Deus permanece um grande Desconhecido. Até o Diabo sabe que Deus é Senhor e que é criador, todo-poderoso e os restantes atributos. Até o inimigo sabe que tem de se submeter às leis divinas e que será julgado. **Apenas uma coisa Satanás não poderá experimentar: o amor do**

Pai a envolvê-lo num abraço salvador e adotivo.

Que pensar de tantos crentes que nunca experimentaram a confiança de um relacionamento seguro com o que chamam de Salvador e Senhor? Quando uma doença grave os ataca ou perdem um ente querido, logo olham para os céus com grandes questões como: "porquê Deus", "como permitiste", "porque Deus não agiu"? Outros acham que têm de fazer muitas coisas, alcançar muitas pessoas, ter muitos projetos, viver trabalhando até à exaustão para servirem a Deus e àquilo que chamam de obra de Deus. Contudo, Deus quer acima de tudo que paremos para o amar.

Se estamos seguros no amor do Pai, sabemos que ele é o primeiro a desejar a nossa paz, a nossa felicidade e sempre que o permitimos ou as leis que regulam a sua intervenção o permitem, irrompe na nossa vida para nos livrar e ajudar.

Muitas vezes, ele não se mostra presente e ativo porque não agimos segundo a sua Palavra, não criando as condições para a sua manifestação. Apesar do seu amor, ele ainda é Deus e a sua atuação não é regida pelo nosso querer, mas por princípios que devemos perscrutar, para que assim o conheçamos e o experimentemos de forma mais visível.

Deus age muitas vezes, enquanto pensamos que está inativo. Está escrito que a fé vê o invisível. Como precisamos de ver o invisível! À medida que vamos conhecendo o Pai, a nossa capacidade de discernir a sua ação vai aumentando. É o que mais precisamos nesta vida: aprender a ver os atos de Deus invisíveis e ouvir a sua voz inaudível.

VIII

A limitação do amor

A primeira limitação que Deus colocou a si mesmo foi o amor direcionado a outro fora da divindade. Note-se que, como já dissemos, não é uma limitação. É-o apenas aos olhos humanos, no contexto do pensamento humano.

O amor é uma característica eterna de Deus, mas quando ele criou um ser diferente de si, para estender-lhe o amor imenso que possuía, esse relacionamento teve reflexos na forma de agir e de viver na sua própria divindade intocável. Houve mudança na existência divina: ele deixou de ser o único a ter, ser e partilhar amor.

Quando as Escrituras apresentam Deus como imutável, refere-se aos seus atributos e não a que nada na existência de Deus possa mudar. A criação do homem e dos anjos trouxe grande mudança na existência divina.

Na eternidade, Deus existia… Estava só e era realmente ultra poder e ultra conhecimento. O estado de Deus na eternidade é próximo com o conceito da segunda hipótese de Voltaire. Deus estava só e era único. Não era o Deus criador, porque não havia nada criado. Era apenas Ele: perfeito, puro, eterno, mas só. Não podemos compreender o que é ser Deus, mas passa por ser só e único. Não podemos entender a

eternidade, por isso não poderemos entender Deus. Sou contra descrições fechadas da pessoa de Deus, estipulando-lhe atributos. É um grande risco, porque nunca compreenderemos o que significa, por exemplo ser omnipotente ou omnisciente.

Ao dizermos que estava só, não significa que ele se sentisse deprimido com isso. Deus é saudável emocional e psiquicamente, caso contrário não aguentaria a sua eternidade. A necessidade de relacionamento não é uma doença, mas a tendência natural de qualquer ser saudável. Apesar da perfeição, da paz divina, da sua autossuficiência, algo despoletou a necessidade de ter outros. Talvez fosse apenas a criatividade divina sem limites…

Algures na eternidade, Deus gerou um Filho. Não vou discorrer aqui acerca do Filho de Deus, por ser alvo de muita discussão e polémica entre os diversos grupos religiosos: coeterno ou gerado na eternidade, Deus mesmo ou o Filho além de Deus, outra Pessoa divina ou a mesma, Deus igual ou Deus menor?

Algo que tenho a certeza, é que o Filho não foi criado como toda a restante criação, porque ele fez parte do processo criador. O Filho contém em si mesmo a divindade de Deus Pai, contudo é difícil dizer em que medida. Em toda a Bíblia, **o Filho é digno de adoração, participa na criação como cocriador**, representa e conhece Deus Pai como ninguém. Enquanto se discute, desde os primeiros Concílios, sobre os atributos e identidade do Filho, Ele mesmo antecipou a insolubilidade da questão: "*ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai*" (Lucas 10:22). Gostamos de conjeturar,

mas temos de reconhecer que não teremos certezas definitivas.

Na eternidade, num ponto que não podemos alcançar, o Filho foi gerado do Pai. Este mistério é grande e não me alongarei nele neste momento, pois apesar da existência do Filho, Deus ainda estava só, uma vez que o Filho recebeu a essência divina e não havia nada mais. Creio que o Pai e o Filho (juntamente com o Espírito, outro mistério), divinos e plenos em amor, santidade e criatividade, pelas eternidades do tempo desconhecido, desejaram mais: mais amor, mais partilha, mais a quem dar, a quem amar e algo novo: serem amados por terceiros.

Quando me converti, ouvi dizer algo interessante: "*todo o homem tem um vazio em forma de Deus, que só ele pode preencher*". Uma noite, antes de adormecer, pensando em Deus, compreendi algo tremendamente invulgar: "**Deus tem um vazio em forma de homem, que só o homem pode preencher**". Quem criou esse vazio foi ele mesmo, como Deus soberano e todo-poderoso. Alguns não concordarão, porque acharão que para ser Deus, não pode ter vazios. Foi esse princípio de raciocínio humano que fez com que Cristo não fosse reconhecido como o Messias. Dizem que Deus não pode ser assim, que Deus não pode ser de outra forma… Deus pode tudo o que Ele entender que pode e vai continuar a ser Deus e nós não.

Na eternidade passada, Deus decidiu alterar a sua eternidade futura. Foi na sua soberania e com conhecimento do que mudaria que tomou a decisão. Quando decidiu criar além

da sua pessoa, não mais estaria só, mas muitas implicações viriam pelo facto de amar além de si e do seu Filho. **O amor é o maior condicionador do poder.** O amor gera a necessidade de ser amado pelo outro e faz de quem ama um eterno guardador do amado.

Tenho um filho. Logo na gravidez estranhei o facto de não poder estar completamente só. Ele estava dentro de mim e ia comigo para todo o lado. A surpresa foi que quando nasceu, estaria comigo para sempre também. A minha vida mudou a partir do momento que concebi um filho. Todo o resto da minha vida foi afetado. Nunca mais tomarei uma decisão ou farei um plano, sem pensar nas consequências para o meu filho. Tudo isso, porque o amo de forma especial e única. Ele nem sempre fará escolhas corretas, passará por dificuldades, a sua vida terá altos e baixos e eu sofrerei com ele tudo: alegrar-me-ei com as suas alegrias e chorarei nas suas tristezas. **O amor traz um doce prazer incomparável, mas também sofrimento e consequentemente limita-nos.**

Quando Deus decidiu criar, sabia que teria implicações, porque Deus é amor e nunca mais seria independente emocionalmente. **Ao decidir amar além de si mesmo, conheceria algo que não era suposto Deus conhecer: o sofrimento.** Sim, Deus sofre.

Quem pensa que Deus é apenas felicidade sem conhecer o sofrimento, engana-se totalmente. Isto não é humanizar Deus. Ele fez-nos participantes de si mesmo, ao criar o homem à sua imagem e semelhança. **A capacidade de amar vem dele, assim**

como a capacidade de sofrer. Como pode alguém imaginar que o Pai não sofreu quando o seu Unigénito estava pendurado no madeiro, entregando-se pelos homens pecadores? Como pode alguém imaginar que Deus não sofre cada vez que um homem o rejeita? Deus sofre pelo homem de tal forma que deu o seu Filho.

Deus tornou-se dependente do amor dos seus amados. Esta foi a grande limitação com que Deus se limitou. Que Deus este que altera assim a sua eternidade! Foi ele que assim decidiu… Sei que estas afirmações são consideradas blasfémia por alguns crentes, mas ao ler as Escrituras vejo este Deus com emoções, sensível e que sofre com aqueles que ama.

Quando, ao dar os Dez Mandamentos, Deus requer para si adoração exclusiva e sobretudo o amor de todo o coração, de toda a alma e entendimento, subentendemos a sua necessidade de amor intenso. É mais fácil sujeitarmo-nos e prestarmos culto a Deus do que amá-lo. **Conheço muitos crentes que reconhecem Deus como o Senhor, mas não sabem amá-lo.** O seu amor é fraco e sem expressão, porque para o amar, há um requisito indispensável que é conhecê-lo, ao experimentar o seu amor incomparável. Deus deseja ser amado pelos homens, porque os ama de forma que não podemos alcançar.

Era muito fácil destruir a humanidade, quando esta se rebelou contra ele. No entanto, não o fez. O Deus implacável que alguns descrevem, teria destruído os homens há muito tempo. Em vez disso, empenhou-se em restaurá-los ao ponto de sacrificar o seu Filho unigénito por esta humanidade

corrompida, que o rejeita e trai continuamente. Que amor é este?

Que amor me atraiu, depois de blasfemar dele? Que amor esperou pacientemente, ano após ano, até que eu cedi, por não ter mais alternativa? Sei que não merecia, mas ele estava sempre lá, esperando. Ainda está… Cada vez que erro, cada vez que escolho o orgulho e a minha vontade, ele permanece em silêncio, aguardando que eu o busque.

As Escrituras dizem que Deus é amor (I João 4:8,16). **Este amor incompreensível colide com a sua justiça e deriva em compaixão, que dá à luz a misericórdia.** Deus vê o sofrimento de cada homem, de cada criança doente e faminta, a dor do coração solitário, a tristeza e infelicidade ocultas.

Não sei bem quem foi criado primeiro, se o homem ou os anjos. No entanto, estes foram com toda a certeza criados antes do homem se rebelar. Antes do pecado humano, aconteceu algo de que não se fala muito entre os cristãos: o pecado dos anjos.

A Bíblia faz referência a uma rebelião angélica por parte de um grupo destes. Entre eles, está aquele a quem chamam Satanás, que significa inimigo ou adversário, mas não é um nome próprio. Os anjos têm nomes como Rafael (Deus cura), Miguel (Quem é como Deus) e Gabriel (Homem Forte de Deus). Satanás teria um nome assim, mas perdeu-o ao rebelar-se. Além deste anjo, outros se uniram à rebelião e terão um julgamento no Juízo Final. A questão importante é que os anjos pecaram antes do pecado humano e participaram na tentação do homem, seguindo um plano maligno para afastar a humanidade de Deus.

Para contrariar o plano inimigo, Deus criou um novo plano

para restaurar o direito do homem à eternidade e comunhão com o Criador. Há quem diga que Deus não tem dois planos, mas apenas um e tudo foi planeado por ele. Eu vejo algo muito diferente nas Escrituras: **Deus tem sempre um novo plano, seja qual for o caminho tortuoso que escolhemos**. Ele tem uma capacidade criativa sobrenatural de encontrar solução para o que já não tem solução.

O plano de redenção foi um plano alternativo. Nesse plano, o seu filho pagou pelo pecado do homem apenas, não pelo pecado dos anjos. O amor de Deus pelo homem é tão grande que levou a um ato salvador de autossacrifício.

Apesar de serem criaturas maravilhosas, Deus não procurou o amor dos anjos. O plano de salvação para o homem deve-se ao grande amor pela humanidade e ao desejo de ser amado por ela. Apesar de extraordinários, não existe um plano de redenção para os anjos que pecaram, nem o sacrifício de Cristo os pode salvar do julgamento pela sua traição. Desta forma, mesmo os santos anjos de Deus, não podem compreender o que é salvação, o que é ser redimido do pecado e ser filho amado de Deus. Só aos homens está reservada a imagem e semelhança, ser filho, a experiência de ser restaurado do pecado e experimentar a misericórdia redentora em Cristo.

Se Deus ama tanto os homens, porque não acaba com o sofrimento? Deus deseja muitíssimo fazê-lo e fá-lo-á.

IX

A limitação da vontade humana

Quando Deus criou o homem, não fez um autómato ou um fantoche para viver segundo um guião que tenha escrito. Ele criou um ser excecional, à sua imagem e semelhança, com capacidade de mudar o seu destino, livre, com o seu futuro em aberto, com capacidade de amar ou não amar, por sua própria decisão. Esse ser maravilhoso, um dia escolheu viver rebelado do seu criador.

Ainda que sofrendo a dor pelas consequências fatais para o ser que amava, Deus estipulou um tempo em que não julgaria definitivamente a situação. Durante um tempo determinado, Deus fica respeitando e observando, intervindo de acordo com certos limites por ele estabelecidos. Deus continua a ser o Senhor do universo físico e não físico, mas respeita de tal forma o homem que não o coage a fazer o que está certo. Fica presente atraindo-o suavemente, falando docemente como uma brisa impercetível, ouvida pelos que regressam como filhos pródigos à Casa do Pai. Mesmo esses, por viverem neste mundo rebelde e contaminado, são afetados pelo sistema e pelas consequências dos atos dos outros homens.

Quando nos desprendemos deste mundo e decidimos buscar a vontade do Pai, experimentamos um outro reino "que

não pode ser abalado" (Hebreus 12:28) e torna-se real a intervenção divina, de modo que temos experiências consideradas loucura pelos mortais comuns.

Tenho ouvido algumas vezes, que mesmo o pecado do homem estava no plano de Deus. Que coisa mais horrível e falsa! Deus jamais poderia criar algo tão contrário a si mesmo. O pecado foi a causa de ter entregue o Filho à morte. Nunca planearia tal! Então qual a razão de ter colocado a Árvore da Ciência do Bem e do Mal? Com muito temor, porque não sabemos com certeza, nem devemos julgar as ações divinas, podemos imaginar justificações. Uma pode ser: quando Deus deu a liberdade ao homem, tinha de ter uma forma de testar essa liberdade. Não queria coagir a sua criatura a servi-lo e amá-lo, pois isso não o preencheria. A árvore poderá ter sido o teste à liberdade. Este era o enorme preço de criar seres livres, que amava e por quem queria ser amado.

O homem foi a obra-prima de Deus. Contudo, como poderia Deus ter a certeza que este não se rebelaria também contra a autoridade paternal divina? Meditemos… **O problema real não foi a árvore, seja ela literal ou figurada, mas foi a intervenção da "serpente"**, ou Satanás. O que despoletou o pecado não foi a existência da árvore, nem o mandamento que Deus deu de não se comer do seu fruto, mas o facto de Eva ter ouvido o inimigo com informações falsas acerca do carácter de Deus.

Satanás disse: "*Deus não quer que comam para não se tornarem deuses*" (Génesis 3:4-5). **A origem da queda humana deveu-se a**

terem acreditado que Deus não era perfeitamente bom e que a sua vontade para o homem não era o melhor. Enquanto confiavam que Deus era bom, mantinham-se em obediência.

Hoje, continua a ser a tática de Satanás, sendo chamado de Enganador. Fala subtilmente para que creiam que Deus tem planos que não envolvem total amor e bondade. Na teologia têm a Bondade e o Amor, mas não na prática e no dia-a-dia das suas vidas.

Estamos longe de compreender tudo acerca das consequências e razões daquilo que chamam "livre arbítrio". Porém, a Bíblia diz vezes sem fim: "escolhe o bem e rejeita o mal", "escolhe", "assume as consequências das tuas decisões" (Génesis 4:7; Deuteronómio 30:19).

Surge então uma questão muito debatida ao longo da história: sabe Deus a nossa decisão antes que ela aconteça? O Determinismo afirma que sim.

Quando estudei um pouco acerca da Teoria da Relatividade e da perceção que Deus teria do tempo, cheguei a pensar que Deus poderia já estar a ver "*o fim desde o princípio*" no sentido como o interpretam, mas não é o que a Bíblia nos mostra exatamente. **Deus determinou um fim e, naquilo que determinou, nem as nossas vontades poderão interferir.** Porém, Deus não determinou as decisões da nossa vida, nem se o vamos aceitar e amar. Essa opção é exclusivamente nossa. Se é assim, como Deus vê o futuro? Mais ainda, será que Deus vê mesmo o futuro? E se o vê, como o vê?

Einstein descobriu que o tempo é relativo. Baseados na sua teoria, os cientistas consideram que teoricamente poderíamos viajar no tempo se apenas conseguíssemos alcançar a velocidade da luz. Contemplamos o céu estrelado e vemos a luz de estrelas que existiram há milhões de anos. As estrelas que vemos neste momento não são as que existem realmente, mas as que cuja luz demorou a chegar aqui milhões de anos. A luz demora assim a propagar-se apesar da sua velocidade aproximada de 300 mil milhões de metros por segundo em vácuo. Assim, algumas estrelas que vemos agora já não existem e outras novas ainda não se veem.

Quando Deus contempla a sua criação, não tenho dúvidas que vê o universo presente e o universo passado. O passado do homem já aconteceu e Deus não esquece e pode aceder à sua memória como quer.

Se é fácil de compreender a possibilidade de aceder ao tempo passado, baseando-nos na Teoria da Relatividade, já não o é quando pensamos no tempo futuro. Recordo-me de muitos filmes que abordam este tema das viagens no tempo. Sempre que alguém ia ao passado e alterava qualquer pormenor, isso tinha consequências enormes no futuro despoletado pela alteração passada.

Quanto ao futuro ainda é mais complicado. Alguém desloca-se a um futuro que ainda não aconteceu e vê algo terrível. Ao voltar ao presente muda completamente a sua forma de agir de modo que esse futuro não venha a acontecer. Assim aquele futuro será diferente. Mas, se o primeiro futuro deixou de

existir, terá existido alguma vez? Ou foi apenas uma hipótese entre muitas? **Se é um de muitos caminhos, não é possível viajar até ele. Muito simplesmente porque o futuro ainda não aconteceu…**

Na ciência, descobriu-se que a teoria de Einstein não explicava todo o funcionamento do universo, antes apenas parte daquilo que é infinitamente grande. Surgiu assim outra teoria científica: a Física Quântica. A Física Quântica explica o infinitamente pequeno e é a teoria que nos pode ajudar a compreender o acesso divino ao tempo futuro.

O que tem a ciência a ver com a teologia? Tem tudo a ver. A teologia é a interpretação das Escrituras com o fim de atingir o conhecimento de Deus e extrair princípios e doutrinas de forma a sistematizar esse conhecimento. Assim, a teologia é feita pelo processo de construção de pensamentos. A forma como uma sociedade pensa vai mudando ao longo da história. O pensamento grego influencia ainda muito a forma como questionamos e tiramos conclusões. Pensamos e concluímos de acordo com sistemas de causalidade e interpretação que nos foram transmitidos genética e socialmente. **Creio que a ciência e a teologia estão interligadas na forma como vão evoluindo, porque todas as conclusões têm por base a mesma forma de pensar e de estruturar raciocínios.**

Na ciência evolui-se da causalidade universal, na relatividade einsteiniana, para a incerteza quântica. Em experiências com partículas subatómicas, o Princípio da

Incerteza de Heisenberg diz-nos que se houver uma observação da posição da partícula numa caixa fechada de dois compartimentos, apenas será possível localizar a partícula incidindo luz nela e através da posição e deslocação da luz conseguir informação. No entanto, a utilização da luz interfere com a deslocação e posição daquilo que está a ser observado, **não sendo possível observar sem influenciar**.

A Teoria da Relatividade, embora faça referência ao tempo, não pode explicar as questões do tempo futuro. Creio que é na Física Quântica que podemos encontrar respostas. Fazendo uma analogia entre a experiência das partículas e a perspetiva divina do futuro: **o simples facto de haver uma iniciativa de observar o futuro tem influência neste**. Se Deus aceder à previsão da nossa vontade, vai influenciá-la. Mas, até que ponto Deus na sua integridade, santidade e justiça faz isso? Se lhe pedirmos, ele pode fazê-lo e ajudar-nos a tomar decisões. Porém, temos grande dificuldade em permitir que interfiram na nossa vontade. E se isso acontecer, será apenas pontualmente e uma intervenção no presente. Deus nunca nos controlará, pelas razões que já falámos anteriormente.

Há uma premissa fulcral nesta análise: **o futuro ainda não aconteceu**. Mesmo para Deus, o futuro ainda não aconteceu. Se o futuro tivesse acontecido, Deus teria acesso direto, pois não está limitado ao tempo e poderia deslocar-se lá para o observar. Contudo, Deus vê o futuro naqueles acontecimentos que determinou que ocorressem.

Segundo este raciocínio, **se Deus conhecesse plenamente**

o futuro, seria plenamente determinista. Então, os que creem no Deus da segunda hipótese de Voltaire teriam razão, pois o Deus determinista teria predestinado todo o mal que nos assola e a perdição eterna para alguns. Estou totalmente convicta que este não é o Deus que me encontrou. O meu Pai não determinou todas as coisas terríveis pelas quais tenho passado, nem as enfermidades fatais de crianças indefesas, nem os roubos, nem os estupros, nem a pedofilia, nem toda a corrupção e miséria. O meu Deus é bom e planeou um mundo cheio de bondade.

Note o leitor, que ao defender a imutabilidade da bondade divina, não ignoro que o homem pode não reconhecer a bondade de Deus em situações que a nós parecem negativas. Deus pode conduzir-nos por vezes em situações aparentemente desagradáveis, não pecaminosas, a fim de nos levar ao seu bom propósito. Nem todo o sofrimento aos nossos olhos é mau e destituído de propósito divino.

Estou a argumentar num plano filosófico, baseada tanto em teologia como em ciência. Não se escandalize, pois amo e adoro a Deus com mais fervor ainda depois de crer deste modo.

As profecias ocorrem naquilo que foram determinadas. Existem profecias deterministas como a vinda do Messias, o julgamento do mundo e a vida eterna. Outras profecias são condicionais. No relato do profeta Jonas, por exemplo, a profecia que anunciou era condicional. **A profecia de Jonas não se cumpriu**, porque os requisitos não se reuniram (Jonas 3:10). O arrependimento da cidade encaminhou o curso da história

noutra direção, anulou a profecia e ela não se cumpriu. As profecias, daqueles que se dizem profetas hoje, são condicionais quase na totalidade. **As profecias revelam a vontade divina e são condicionais à resposta humana.**

Se Deus fosse um determinista global, veria o futuro total no presente. Ele é Deus e vê do futuro tudo o que dele quer ver, pois isso implica determiná-lo. **Deus é um observador de eventos a ocorrer a cada ínfima parte de um segundo em muitos milhões de seres livres e criativos**. Ainda assim Deus observa, mas a sua intervenção está limitada àquilo que está de acordo com o seu conceito de justiça e amor.

Então e a omnisciência divina? A omnisciência está numa capacidade divina de saber uma infinidade de possibilidades futuras para todas as suas criaturas, sendo elas detentoras de plena liberdade para alterar o curso dos acontecimentos. Apesar de Deus se abster de determinar o futuro de cada indivíduo para não violar a sua vontade, pode ver o infinito número de futuros possíveis e se o homem assim quiser, pode ajudá-lo a encaminhar-se para o melhor.

A omnisciência divina consiste em ver todos os futuros possíveis de todos os homens e não um futuro único predeterminado. Isto não é uma diminuição do seu poder, mas um incremento incalculável.

Ainda que Deus tenha um plano para cada homem, que é o melhor do Pai, raramente os homens conseguem manter-se no plano divino toda a sua vida. Cristo disse que iria enviar o Consolador, o Espírito de Deus, que habitaria e guiaria o homem

que nele cresse (João 14:16-17, 26). O Espírito procura conduzir o homem, que lhe serve de habitação, ao melhor do Pai. Ainda assim, o ser humano escolhe muitas vezes independente de Deus. Alguns homens são mais moldáveis e fáceis de conduzir. Outros são cheios de orgulho e teimosia. Estes últimos são os que mais se queixam da falta de intervenção divina nas suas vidas, mas eles mesmos são o obstáculo.

Quando o homem vive escolhendo à revelia de Deus, acaba por se afastar do plano divino, que é o melhor e onde estaria a plenitude da vida abundante. Posso ver isso claramente no meu passado próximo. Todas as minhas escolhas encaminharam o meu presente. Tantas escolhas foram feitas sem Deus, embora não deliberadamente, nem por rebelião. Simplesmente não foram pensadas e aguardadas até ter a certeza de qual era o melhor de Deus.

Cada decisão tem consequências e encaminha-nos para um destino, que vamos criando a cada dia. **Estamos a viver a consequência das decisões passadas.** A boa notícia é que o nosso futuro pode ser melhor, se tomarmos melhores decisões. Se procurarmos o melhor de Deus, faremos melhores decisões que nos conduzirão a um melhor futuro.

Tudo foi calculado ao pormenor pelo grande Arquiteto, para que a vida exista como a conhecemos: a posição e existência da lua, a distância da terra em relação ao sol, os gases que envolvem a terra, a composição química do solo, o nosso cérebro e todos os sistemas do corpo humano… Quão clara é a

intervenção divina em tudo o que podemos observar!

Os fractais revelam o quanto a matemática está presente em toda a natureza. Cada planta cresce de forma calculada e não aleatoriamente. As suas ramificações são geradas segundo padrões matemáticos que o Criador implantou. Escolhi duas imagens de fractais para exemplificar a vida do homem nas suas decisões.

escolhas independentes de Deus

escolhas na vontade de Deus

Na primeira imagem vemos caminhos em diversas direções, sem se encaminharem para um determinado objetivo. Simbolizam decisões impulsivas, independentes de Deus, segundo a vontade espontânea do momento. O melhor que Deus planeou fica perdido e inalcançável.

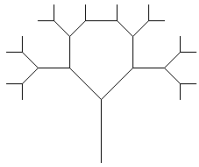
A segunda imagem, embora mostre decisões à margem da linha central, encaminha-se para um futuro específico. É impossível tomar sempre a decisão certa. Contudo, não é impossível que as decisões mais importantes da nossa vida sigam em direção ao plano divino. Se conseguirmos discernir nas decisões mais importantes e esperarmos pela direção divina, a nossa vida tomará um rumo para o melhor de Deus, que é o

seu plano perfeito. Sem Deus não podemos saber as consequências definitivas de uma escolha. **Só ele vê os futuros e sabe as consequências de cada ramificação das nossas escolhas.** Quando escolhemos a nosso bel-prazer, por vezes ficamos em tal confusão na nossa vida que é quase impossível voltar a ter um rumo certo para algo bom.

É difícil permanecer no centro da vontade divina! Exige esperar muito, buscar muito e amar muito. Contudo, quem vive assim nunca dirá que Deus não intervém. Aqueles que sabem que a vontade do Pai é o melhor, não têm problemas em sujeitar-se. Se alguém duvida que a vontade de Deus é o melhor, nunca será capaz de se deixar guiar. Por isso creio firmemente que **mais importante que crer no poder de Deus é conhecer e experimentar o seu amor**.

Ainda é tempo de cada um de nós começar a procurar o melhor de Deus. Essa é a principal intervenção e mais difícil que Deus procura fazer a cada momento. A cada decisão, ele quer conduzir-nos. Queremos que ele irrompa e faça milagres extraordinários, mas não o deixamos fazer o milagre de nos guiar ao melhor para nós. A cada dia temos escolhas a fazer. Elas terão repercussões, algumas enormes, no nosso futuro. Não conseguimos ver o futuro, ou antes os futuros, no entanto Deus pode vê-los. Só ele sabe o que "um pequeno bater de asas de uma borboleta" pode despoletar do outro lado do mundo… Só ele pode ver o que a escolha de fazer o que me apetece ou dizer o que quero pode causar. Como um fractal, a nossa vontade vai-se

ramificando, construindo o futuro.



Qual a razão da não intervenção divina? É fácil! Respondo com outra pergunta… Porque não deixo Deus intervir na minha vida e conduzi-la a cada dia? É o mesmo motivo que impede Deus de intervir de uma forma geral. A razão é que ele foi excluído da humanidade. Deus só intervém quando age no seu território e com o acordo humano, isto é a segunda autolimitação.

Restam-nos ainda algumas questões… E os crentes que pedem para Deus intervir e não têm resposta? Há muitos homens que confiaram um dia as suas vidas a Deus, são humildes e querem realmente que Deus seja Senhor nas suas vidas. Eles pedem-lhe em oração diária que intervenha. Embora uns vejam respostas extraordinárias e tenham grandes testemunhos, outros choram de desespero por não terem recebido a resposta que clamaram. Será que podemos ousar culpar Deus e dizer simplesmente que depende apenas da sua vontade? Podemos ter essa certeza, que Deus por propósitos insondáveis decide não intervir em algumas vidas que lhe pediram socorro? Quem pode assegurar que não está a julgar injustamente o seu Criador?

Há ainda aqueles que querem verdadeiramente seguir a vontade de Deus, mas não sabem qual a escolha certa. Como saber a vontade divina em cada momento, já que é assim tão importante fazer a escolha certa? É verdade que Cristo prometeu o Consolador e o Espírito habita no homem, que lhe entrega a sua vida, mas não é fácil deixar-se guiar pelo Espírito (João 16:7-13). Somos muito desconhecedores da forma como se move e fala. Estas questões levam-nos ao próximo ponto: além de Deus ter inserido na sua eternidade as limitações do amor e da vontade humana, ele respeita as suas próprias leis que regem o universo físico e espiritual.

A intervenção divina não é automática como uma magia, mas obedece a leis. Para Deus intervir, o homem deve aprender como abrir o mundo espiritual e como trazer do mundo espiritual aquilo que Deus tem ao seu dispor. **A maior parte do que os homens pedem a Deus já é seu direito legal, pelo sacrifício de Cristo, mas o homem não sabe como trazer o que é seu por direito do mundo espiritual para o natural.**

Meditava há pouco tempo sobre uma teoria ainda por provar: a Teoria das Cordas. A Teoria da Relatividade levava-nos a imaginar o universo como um grande aquário onde a água podia ser considerada como a quarta dimensão do tempo. Deus estaria, como criador e observador, fora do tempo. É por isso que alguns teólogos pensam que Deus acede ao futuro como ao passado. Não é assim que funciona o universo, segundo o que entendo. Baseio-me tanto nas Escrituras, como na recente

evolução da ciência.

O futuro ainda não aconteceu. **A deslocação à velocidade da luz não permite viajar ao futuro, porque este não existe.** O universo não é um grande aquário com Deus fora dele. Digo isto como sendo a minha humilde opinião de ser pensante e não afirmando ser a verdade perfeita.

A Teoria das Cordas, apesar de não comprovada, é interessantíssima. Muito sinteticamente, defende a existência de um universo composto por cordas de tamanho muito inferior às partículas subatómicas. Cada corda emite determinada frequência que representa uma dimensão diferente de existência. Cada corda vibra de forma diferenciada e gera um tipo de matéria ou dimensão independente.

Esta teoria conseguiu o grande feito de relacionar a Teoria da Relatividade com a Física Quântica. Apesar de ainda não existirem meios para a testar, ela pode ser um embrião para uma teoria geral que engolirá as restantes e explicará todo o funcionamento do universo. Einstein procurou essa teoria geral, mas morreu antes de a encontrar.

Transpondo para o espiritual… Em vez de existir uma dimensão tempo e outra maior que a envolve exteriormente, coloca o tempo como uma entre outras dimensões coexistentes. Deus estará numa delas e a sua capacidade de se mover além do material permite-lhe transpor as dimensões sem restrições. Deus não está fora do nosso universo, mas numa outra dimensão, entre todas as que criou.

Cury diz no seu livro[5] que se Deus estivesse num lugar distante de nós, quando falou no batismo de Cristo, a velocidade do som faria demorar uma eternidade desde que as palavras foram pronunciadas até que elas chegaram à terra. A velocidade do som é muito inferior à da luz… Se a luz já demora milhões de anos para percorrer o universo, muito mais aconteceria com o som.

Pensando em outros exemplos, que dizer da ascensão de Cristo quarenta dias após a ressurreição, ou da ascensão de Elias, ou ainda das manifestações angélicas? O mundo espiritual não pode ser fora do tempo, mas paralelo ao tempo, senão qualquer passagem entre o mundo natural e espiritual demoraria uma eternidade a acontecer. É assim que o mundo natural pode aceder ao espiritual.

Temos por exemplo as visões apocalípticas de João (Apocalipse 4-5): ele viu o lugar onde Deus habita. Terá ele saído do nosso universo físico e se deslocado até ao mundo espiritual fora do nosso universo? Não! Simplesmente acedeu à dimensão onde Deus habita. Mais complexo de entender ainda será a exortação das Escrituras de entrarmos ousadamente no Lugar Santíssimo pelo Espírito. Como pode o Espírito habitar no crente e estar simultaneamente onde o Pai habita? Como podemos receber a sua direção e ouvir a sua voz? Deixo este tema motivador para aqueles que estudam as Escrituras poderem

---

[5] "Os Segredos do Pai-nosso: A solidão de Deus", Augusto Cury

meditar.

Considero maravilhoso que todo o conhecimento é um só. As Escrituras dizem que Cristo é a Verdade. A Epistola aos Colossenses diz que **Nele estão escondidos todos os segredos da sabedoria e da ciência** (Colossenses 2:2-3). A ciência não é inimiga de Deus. A ciência é uma forma de Deus se revelar. Infelizmente os teólogos teimam em ver a ciência como oposta inimiga. Os religiosos têm medo de perder a fé. Então agarram-se às tradições, temendo perder o poder sobre os crentes, sobre a religião e de se acharem ignorantes. **Esquecem-se que Deus é ainda um desconhecido até para o crente mais fervoroso ou para o maior sábio da humanidade.**

As descobertas científicas devem fazer-nos rever as nossas interpretações bíblicas, mas o inverso também é verdadeiro. Devemos também meditar na ciência à luz das Escrituras. No fim, há uma só verdade e sairemos mais ricos e menos desconhecedores de Deus. Sem humildade, permaneceremos cheios do nosso conhecimento passado, orgulhosos do quanto sabemos e do quanto conhecemos de Deus. Por isso o Mestre dizia que temos de tornar-nos como crianças (Marcos 10:15).

X

A limitação das leis e princípios

Acredito que durante todo o meu intenso sofrimento, Deus esteve presente e desejou ardentemente intervir, mas não pôde fazê-lo, pois ele mesmo deve respeitar as leis que sustentam as dimensões espirituais e físicas. Ele é amor e compaixão, mas é também santidade e justiça.

Creio que é desejo intenso do coração de Deus terminar com o sofrimento humano e fazê-lo já, contudo na sua capacidade incompreensível de ver tudo e conhecer tudo, as perdas eternas seriam catastroficamente maiores que o sofrimento individual de cada homem. Este não é o conceito de bem social que se sobrepõe ao bem individual. Deus não segue esse princípio. Ele é capaz de deixar "noventa e nove ovelhas" para resgatar uma perdida (Lucas 15:4). O conceito de bem social divino é a reunião de todos os bens individuais e cada ser é da máxima importância. Todavia, Deus vê o que não vemos… Ele poderia vir para implantar definitivamente o seu Reino. Terminaria este sistema, o mal seria julgado, os seus filhos veriam finalmente a sua justiça e bondade na sua plenitude. Esquecemos, na nossa visão limitada, que Deus deseja a salvação de todos os homens e por isso espera pacientemente. Nós sentimos a dor do nosso sofrimento presente, enquanto ele

conhece o significado da condenação eterna para aqueles que não se arrependerem para sair do império das trevas.

Observando a minha infância, onde estava Deus? Quando eu gemia na escuridão da noite, contorcendo-me de dor e solidão, onde estava Ele? Hoje sei que estava perto… Porque não intervinha? Porque eu mesma o mantinha longe, por desconhecimento, e também porque as condições para a sua ação na minha vida ainda não estavam reunidas.

Enquanto Deus permanece um desconhecido, não pode entrar. Deus intervém segundo regras e não as conhecemos todas. **Age na sombra onde só os que veem o invisível conseguem contemplar.** Com a sua sabedoria e conhecimento infinito dos homens, sabe como conduzir os acontecimentos, sem forçar a vontade humana, apenas conduzindo suavemente, respeitando os seres que criou e as suas leis imutáveis.

Colocou-me aos quinze anos na casa da pessoa com quem fui pela primeira vez à igreja, dois anos depois. Ele sabia que era uma pessoa dada a bruxas e curandeiros, logo seria fácil levá-la àquela igreja, muito focada em bênçãos, curas e libertações. No ano seguinte, na casa da Dona Ilda ouvi o Evangelho, ainda que não de forma totalmente bíblica. Ela era sincera e não era difícil tocar-lhe o coração para me receber na sua casa. O quarto na casa da Dona Antónia, estava guardado para mim…

Tudo foi preparado minuciosamente, mas de forma subtil, sem violentar, sem agredir. Vejo Deus intervindo nas pessoas e ambientes onde andei, mesmo quando eu o rejeitava. Ele age, conhecendo fatores e consequências que desconhecemos, pois vê

os corações e mentes de todos os homens. Não defendo que Deus não intervenha ou não planeie. Ele fá-lo, mas de forma sábia, obedecendo a regras e zelando pela liberdade humana.

Deus poderia explosivamente impor a sua vontade, manipulando e coagindo, contudo não o faz. Ele usa homens falíveis, rebaixa-se a usar instrumentos humanos, com todo o respeito que cada ser lhe merece. Cada homem, mesmo o mais rebelde e capaz de atos terríveis, é visto por Deus como um diamante em bruto, como um bebé que precisa de amor e proteção, como um tesouro sem preço. Que mistério!

É impossível listar aqui todas as leis e princípios a que o mundo físico e espiritual se sujeitam, até porque só conheço algumas, mas mesmo as que conheço não caberiam num só livro. A Bíblia está repleta de princípios de funcionamento do Reino: semear para colher, vencer o mal com o bem, chamar à existência as coisas que ainda não são, a autoridade do filho de Deus sobre as trevas, o poder do amor, crer no impossível, o descanso da fé, o poder da obediência, o poder do louvor, o enchimento do Espírito, a autoridade das Escrituras, o sacerdócio de cada filho de Deus, a necessidade de oração, entre outros que podemos descobrir.

Deus age de acordo com as leis que estipulou para que o mundo espiritual coexista com o natural, de forma organizada. **Estas leis espirituais, ao contrário do que parece, não servem para restringir a intervenção divina, mas para a possibilitar e nos proteger da nossa própria rebelião.**

O ser humano escolheu conduzir-se a si mesmo sem Deus. Mais à frente veremos que o homem não se governa a si mesmo. Há um terceiro interveniente. Se não existissem as leis espirituais, o homem seria totalmente governado por Satanás e Deus não interviria nada, pois o homem abandonou-o. No entanto, no seu imenso amor e sabedoria, com a perigosa dádiva da liberdade de pensar e agir, o Criador estabeleceu leis. Elas regem o mundo invisível e são uma forma de poder agir, apesar do império das trevas reinar no mundo. O Diabo não pode destruir o planeta, não pode manifestar-se abertamente como quer, mas apenas de acordo com as leis pré-estabelecidas. Quando um homem se abre às profundezas de Satanás, este tem liberdade de o tomar e possuir. Caso contrário tem de ficar na sombra influenciando maleficamente com os seus espíritos imundos que o servem. Fica como que invisível e limitado, mas devido à sua persistência e astúcia, acaba por fazer grandes estragos na humanidade.

No capítulo anterior falávamos em dimensões. Creio que Satanás e seus anjos ocupam uma dimensão espiritual. Embora interfiram na nossa dimensão física, o seu lugar é numa dimensão diferente, a que as Escrituras chamam de Hades, Abadom ou Inferno. Na minha opinião, o inferno não é um monte de chamas a arder, mas uma dimensão onde habitam os poderes satânicos. Quem não tiver conhecimento sobre este assunto pode achar estranho referir este ser angélico e poderoso como dominador neste mundo. No capítulo sobre o Plano de Redenção, abordaremos a sua origem e ação, para quem não

conheça as Escrituras.

Deus ama o homem e não intervém se este não se abrir de acordo com os princípios que estabeleceu. Estes "abrem a porta" da ação divina. Quem for rebelde não obedecerá a estas leis divinas e não conhecerá a manifestação poderosa do amor do Pai.

Certamente existem leis importantíssimas que desconheço. Dessas não posso falar, mas posso falar daquilo que já tenho um pequeno entendimento. Vejamos algumas das leis que estão contidas na Bíblia e nos podem ajudar a ver uma manifestação de Deus mais frequente e visível na nossa vida. Note-se que estas leis não são magias instantâneas, funcionam apenas se praticadas como modo de vida e não pontualmente. São princípios que não são detetados pela maioria. A Bíblia chama-os de segredos.

A lei da sementeira e da colheita funciona tanto no mundo natural como no espiritual e é talvez a lei mais importante. Há sempre um tempo de espera entre a sementeira e a colheita. No caso das coisas espirituais, elas são semeadas no mundo espiritual e demoram até se manifestar no mundo natural. Segundo a Parábola do Semeador, no Evangelho de Marcos, este princípio é um mistério: "*a vós é confiado o mistério do reino de Deus, mas aos de fora tudo se lhes diz por parábolas*" e ainda "*não percebeis esta parábola? como pois entendereis todas as parábolas?*" (Marcos 4:1-20). A semente é a palavra: as palavras escritas na Bíblia são sementes, mas também as nossas palavras.

O solo é o coração dos homens, que pode estar mais ou menos produtivo. Os impedimentos a que a semente produza, descritos na parábola, são: ela ser roubada por Satanás, ser recebida com alegria mas de pouca duração, as preocupações deste mundo, a sedução das riquezas e a cobiça.

Tudo aquilo que fazemos, falamos ou pensamos serve de semente no reino espiritual, mas as palavras são o maior segredo e são desprezadas neste mundo. Provérbios 18:21 diz: "*a morte e a vida estão no poder da língua e aquele que a ama comerá do seu fruto*". Muitos não comem "*do seu fruto*", porque não amam a sua língua, ou seja, não valorizam as suas palavras. Também na Epístola de Tiago, este compara a língua a um pequeno leme:

Todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavra, esse é homem perfeito, e capaz de refrear também todo o corpo. Ora, se pomos freios na boca dos cavalos, para que nos obedeçam, então conseguimos dirigir todo o seu corpo. Vede também os navios que, embora tão grandes e levados por impetuosos ventos, com um pequenino leme se voltam para onde quer o impulso do timoneiro. Assim também a língua é um pequeno membro, e se gaba de grandes coisas. Vede quão grande bosque um tão pequeno fogo incendeia. (Epistola de Tiago 3:2-5)

Os que já são crentes têm dificuldade em compreender estes princípios, porque existem muitos livros seculares que os defendem numa perspetiva humanista, onde o homem alcança o sucesso sem Deus. A verdade é que estes princípios são universais e qualquer um os pode praticar, obtendo resultados. A sua origem está em Deus, mas aqueles que rejeitam Deus têm experimentado que funcionam. Mesmo sem Deus podem obter

mudanças na sua vida. Tal como a lei da gravidade, **os princípios espirituais funcionam para todos**, mesmo para os descrentes.

Praticamos esta lei cuidando de todas as palavras que falamos. Devemos falar palavras de vida para nós e para todos ao nosso redor, abençoar em vez de amaldiçoar. Os nossos pensamentos também são mais importantes do que possamos imaginar. Uma mente inquieta vive perturbada e acaba por falar e agir de forma desfavorável. É importante aquietar a mente e controlar os pensamentos, sem os deixar fluir livremente em ódio, amargura, angústia ou preocupação. Os pensamentos influenciam diretamente as emoções, e as emoções despoletam rapidamente ações e palavras.

A lei do amor funciona segundo o princípio da sementeira. Mais que semear amor, devemos viver em amor: com Deus, connosco mesmos e com os outros. Somos exortados a vencer o mal com o bem (Romanos 12:21), a amar o inimigo (Mateus 5:44), a dar a outra face como sendo mais eficaz que retaliar (Lucas 6:29), a perdoar sempre sob pena de contrair doenças espirituais ou físicas por falta de perdão (Mateus 11:25). O amor nunca falha e permanece para sempre. Se não houver amor tudo é em vão para Deus (I Coríntios 13:1-13).

Em primeiro lugar, Deus pede que o amemos com toda a nossa força, emoção e mente. Só depois devemos amar os outros homens como a nós mesmos (Mateus 22:37-39). O amor

sobrenatural de Deus é derramado no crente pelo Espírito, naqueles em que o Espírito habita (Romanos 5:5).

Praticamos esta lei quando tomamos consciência que devemos amar a Deus como o nosso verdadeiro Pai, acima de todos e tudo. Só conseguimos fazê-lo quando o conhecemos no seu verdadeiro carácter. Amor é relacionamento, troca, experiência de dar e receber, é também emoção e tempo passado juntos. O primeiro e mais importante de todos os mandamentos é amar a Deus com todas as forças, mente e de todo o coração.

Praticamos ainda o amor quando perdoamos sempre e não nos vingamos do nosso inimigo, orando por ele e abençoando-o com palavras. O amor é o vínculo da perfeição e da maturidade (Colossenses 3:14). Só o amor mantém o terreno do nosso coração limpo e apto para cultivar as sementes santas de Deus. O ódio, a falta de perdão, a murmuração são como pedras no coração que o tornam pouco fértil (Mateus 13:20-22).

A lei da fé coopera com a lei anterior. Uma semente pode germinar sem fé e sem amor, como qualquer erva daninha o faz, mas para uma sementeira excelente é preciso amor e fé (Gálatas 5:6). A fé é como um poderoso fertilizante, fazendo crescer as sementes até darem fruto. Sem fé não podemos agradar a Deus (Hebreus 11:6). Fé é crer no invisível (Hebreus 11:1). A semente depois de semeada deixa de se ver, ficando invisível. É preciso crer e esperar até que ela cresça e posteriormente dê fruto. Uma semente depois de ser semeada deve ser regada. Se não houver fé, a semente será abandonada e pode não germinar. Estes conceitos agrícolas funcionam também na vida espiritual do

homem.

Cristo sempre incentivou os seus discípulos a crer no impossível, a ousar em fé, a não temer as circunstâncias adversas, a ir além do universo físico. O Mestre exortou com expressões como: "*ainda não tendes fé?*" (Marcos 4:40); "*homens de pouca fé*" (Mateus 8:26); "*se podes crer, tudo é possível ao que crê*" (Marcos 9:23); "*nunca vi tanta fé em Israel*" (Mateus 8:10); "*crede que o tendes recebido*" (Mateus 21:21); "*se tiverdes fé como um grão de mostarda*" (Mateus 17:20). Dizem as Escrituras:

Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem. Porque por ela os antigos alcançaram bom testemunho. Pela fé entendemos que os mundos foram criados pela palavra de Deus; de modo que o visível não foi feito daquilo que se vê. Pela fé Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho das suas oferendas, e por meio dela depois de morto, ainda fala. Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte; e não foi achado, porque Deus o trasladara; pois antes da sua trasladação alcançou testemunho de que agradara a Deus. Ora, sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam. (Epistola aos Hebreus 11:1-6)

Fé não se resume a crer que Deus existe. Ouço tantas pessoas dizerem que têm muita fé, porque creem que Deus existe. Isso não é fé, é bom senso! Quando estudamos um pouco de ciência, só podemos concluir que Deus existe. Tudo é perfeito demais, calculado de forma que só um ser inteligente poderia ter originado e planeado…

Fé é crer que "*ele é galardoador daqueles que o buscam*" (Hebreus 11:6). A verdadeira fé implica busca. Buscar Deus, significa relacionamento. Fé é uma vida de troca e conhecimento de Deus, sabendo que ele presenteia aquele que o busca. Só se pode dizer que se tem fé, quando se vê algo invisível que ainda não se manifestou no mundo físico, logo fé implica buscar algo e receber esse algo. Contudo a maior recompensa daquele que conhece Deus é apenas ele mesmo. Ter conhecimento e relacionamento com o Pai é a maior recompensa, para aquele que o conhece. Todavia, os que o conhecem sabem que, estando nele, tudo o resto é acrescentado.

Fé é discernir o invisível, ver as coisas que ainda não brotaram da terra, sabendo que se a semente foi semeada, produzirá o seu fruto, desde que seja um terreno bom e fértil. Sim, fé é crer, mas é mais que crer… Quando se tem fé é porque já se vê o invisível. Voltando às dimensões, a fé implica ver o mundo espiritual e ver aquilo que ainda não se materializou. Não é uma visão física, mas um discernimento espiritual.

Decidir semear e crer em coisas que Deus não promete ou são contrárias às Escrituras, é um risco. Podemos estar a direcionar a nossa vida para caminhos fora do seu plano, longe do melhor para nós. Esta é a diferença entre aquele que pratica as leis com ou sem Deus. Quem semeia ódio, colherá ódio, quem semeia amor colherá amor. Quem vive distante de Deus não poderá colher tudo o que Deus tem para dar. Aqui está novamente o poder da liberdade humana: praticar as leis em sujeição ao Pai ou independente dele.

A lei da santidade, em conjunto com a lei do amor, mantem o coração limpo. O pecado é o principal impedimento ao conhecimento de Deus. Ninguém pode contactar com Deus, sem passar por um arrependimento genuíno. Deus é santo! Nele não há imperfeição alguma, nem tem contacto com o mal. Como seres corrompidos nunca poderíamos contactar com Deus. Por isso precisamos passar pela experiência da redenção e novo nascimento de que falaremos mais à frente.

As Escrituras exortam-nos a ser santos como ele é santo (Levítico 11:45; I Pedro 1:15). Foi para isso que nos foi dado o Espírito. Além de guiar, ele age para santificar. A santificação está intimamente ligada à obediência. Um coração orgulhoso não obedece. Não é obedecer a um déspota, mas a um Pai amoroso e sábio que conhece e deseja o melhor para nós. **A humildade é das características que mais ajudam o homem a encaminhar-se para o melhor e a conhecer Deus**.

Comparando com a vida natural, imaginemos um pai humano com o seu filho. Um filho rebelde e desobediente está sempre a gerar problemas que o prejudicam. O pai educa o filho e estabelece proibições, apenas porque sabe aquilo que é melhor ou pior. O pai pensa sempre no filho e não cria obrigações apenas para lhe dificultar a vida. Certa vez, Cristo disse: "*se sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, como não o fará o vosso Pai celestial*" (Mateus 7:11).

Deus é bom e ama-nos como ninguém! Não precisamos de fazer grande esforço para sermos perfeitos, mas apenas deixar-

nos guiar suavemente pelo Espírito, confiando nele e com um coração humilde reconhecer que Deus sabe mais sobre nós que nós próprios. Se estamos nas mãos do Espírito e no processo de santificação, já somos perfeitos. O conceito de perfeição divino não é igual ao conceito de perfeição grego que nos foi culturalmente transmitido. Não é uma obra acabada! Aquele que está no processo de aperfeiçoamento, já é perfeito. Assim, Deus vê-nos perfeitos e santos, ainda que falhemos e pequemos por vezes, porque nos vê como terminados, apesar de estarmos ainda a ser transformados.

O pecado funciona também como impedimento a que as boas sementes germinem e deem o seu fruto. Pecados como a mentira, a lascívia, manipulação dos outros e a cobiça, impedem que todas as sementes que temos semeado frutifiquem abundantemente. Não é uma punição divina por desobediência, mas é antes o funcionamento normal do reino. A boa semente precisa de um terreno limpo.

A lei da autoridade é de uma importância extrema. Toda a criação física e espiritual é regida por leis e por princípios de autoridade. Este tema tem muito a ser explorado, mas diremos apenas que o homem perdeu a autoridade sobre a terra. Cristo veio restituir a autoridade ao homem, apenas àqueles que se sujeitam a Deus. Estes voltam a ter autoridade espiritual sobre a terra e sobre todos os seres que nela estiverem.

Os espíritos que obedecem a Satanás não têm mais autoridade sobre aqueles que se reconciliaram com Deus e receberam a autoridade recuperada por Cristo. Porém, se

alguém desconhecer esse facto, não irá exercer a autoridade que detém. A autoridade não é uma mera posição hierárquica, tem de ser exercida. Quando Cristo esteve fisicamente na terra, até ele teve de a exercer. Os demónios não saíam apenas por ele estar presente. As curas não se davam a não ser que ele exercesse autoridade, exceto aquelas que foram despoletadas pela fé do próprio. Ele teve de repreender, ordenar, lutar contra os poderes das trevas. **Não basta apenas ter autoridade, é preciso exercê-la**, ou será apenas um conceito sem resultados práticos.

A autoridade espiritual serve para afastar o inimigo da nossa sementeira. Ele vem para "*matar, roubar e destruir*" (Evangelho de João 10:10). Ele é como aqueles pássaros que vêm destruir as culturas ou como as pragas. Precisamos vigiar e exercer a nossa autoridade.

O primeiro passo para praticar este princípio é saber qual é a autoridade que se possui. Se o leitor não for um crente nascido de novo, convertido verdadeiramente ao Deus criador, a autoridade que possui é limitada à sua pessoa. Tem a sua vontade e com ela pode agir livremente, contudo não tem autoridade sobre demónios. Poderá exercer autoridade sobre o seu corpo em caso de enfermidade, usando a lei da sementeira e das palavras, mas não tem autoridade acima disso.

Quanto a um filho de Deus, que tenha o Espírito, pode e deve exercer a sua autoridade em tudo aquilo onde discernir que há um ataque ou interferência do inimigo. A Bíblia aponta-nos diversas armas espirituais para usarmos e uma das principais é

o nome de Jesus, ou Yeshua, como ele se chamava realmente. As Escrituras ensinam a usar o seu nome para expulsar demónios e exercer autoridade sobre circunstâncias.

Caso considere isto descabido e sem sentido, de nada servirá. Se não crermos será mero teatro. A autoridade espiritual deve ser exercida com entendimento e discernimento de espíritos. Exorcismos sem conhecimento das Escrituras podem ser perigosos ou sem efeito.

A autoridade espiritual pode ser utilizada nas mais diversas situações da vida e não apenas contra entidades espirituais. Cristo chegou a ordenar ao vento que se aquietasse (Marcos 4:39-41). Vai depender da fé e entendimento de cada um. No entanto, esta autoridade não deverá ser utilizada para manipular a vontade de outros. A isso chama-se bruxaria ou **magia: a utilização de poder espiritual para fazer o mal**. Sempre que se desrespeita a vontade de outro homem, não se está a agir segundo Deus. Ele não manipula vontades, nem desrespeita nenhum ser humano. Assim, ainda que tenhamos boas intenções, nunca devemos usar os princípios divinos para atingir algo na vida de outro, se não é o que esse outro quer.

A lei da oração é o princípio mais extraordinário. A exortação à oração é uma forma de praticar todos estes princípios, enquanto estabelecemos relacionamento com o Pai. A oração que produz resultados utiliza as leis da sementeira, da fé, do amor, da santificação e da autoridade espiritual. A oração faz funcionar todas as leis do Reino. É um grande mistério e também **a maior alavanca do sobrenatural e da intervenção**

divina.

Pela oração, apresentamo-nos diante de Deus em santificação e vivendo no seu amor. Depois semeamos de acordo com o melhor do Pai e exercemos autoridade contra o mal. Entre as diversas orações, devemos viver em fé, crendo que aquilo que oramos está a produzir no mundo espiritual e irá materializar-se enquanto esperamos. Entretanto, continuamos a amar, a crer, a semear e a repreender toda a intervenção do inimigo, que nos tenta roubar a semente e fazer desistir.

Cristo exortou-nos a orar sempre sem nunca desistir. Pela oração comungamos com Deus (Lucas 18:1). A oração pode tomar muitas formas: pensamentos, palavras, cânticos. Pode ser mais mental ou mais emotiva. Podemos orar com textos das Escrituras ou com palavras nossas. Cada um pode escolher ou usar todas as opções. A oração faz parte do relacionamento com Deus. **Não se pode ser crente e não orar.** A oração não é uma reza de palavras decoradas, que se repete como um mantra. Cristo disse que repetições são vãs (Mateus 6:7). O importante é a atitude de quem ora, mesmo que as palavras sejam simples.

A oração, quando utiliza os princípios anteriores, é dos maiores poderes do universo. Claro que somente orar sem fé e sem exercer autoridade poderá produzir pouco. Uma oração, que consiste em contar a Deus o quão terrível é a nossa vida e quão desgraçados somos, não é uma oração que produz. Deus já sabe quão mal estamos. Ele não está aqui fisicamente para falar a palavra profética que acalmará o "vento" do nosso problema.

Temos de ser nós os agentes da intervenção divina, colocando em prática os princípios que nos deixou na sua Palavra.

Como dissemos, Deus age sob princípios e não a nosso bel-prazer. **Se ele mesmo se sujeita às leis espirituais, nós também teremos de o fazer.** Muitos queixam-se que Deus não ouve, não fala, não age… Não é um Deus assim que experimento todos os dias! Sei que não é fácil… Algumas vezes sinto mais vontade de odiar do que amar, sinto vontade de dormir em vez de orar, sinto mais vontade de me lamentar do que exercer a minha autoridade sobre o inimigo. Não é fácil conseguir semear boas palavras quando alguém nos faz mal ou não vemos solução para um problema, pois a tendência humana é procurar alguém que nos ouça, chorar e queixar.

Há tempo para chorar, há tempo para lamentar, mas não podemos ficar nisso. **Se não estivermos dispostos a viver as leis espirituais, não podemos exigir de Deus que ele faça o que queremos.** Mesmo que façamos tudo, Deus continua a ser Deus e não um nosso empregado. Por vezes, ele não fará o que queremos, porque não será o melhor para nós ou porque alguma outra razão o impede. No entanto, na maioria das vezes ele quer agir a nosso favor, mas falta-nos cooperar com ele, para que se manifeste mais ativamente.

Quando já fizemos tudo o que sabíamos e o nosso sofrimento continua, é então que se manifesta o nosso verdadeiro íntimo. Será que ainda assim estamos dispostos a sujeitar-nos a Deus?

Certa vez, ele testou um homem chamado Abraão e pediu-

lhe algo estranho e contrário à sua natureza: que imolasse o seu filho em sacrifício. Abraão estava disposto a obedecer, não porque não lhe custasse, mas porque acreditava que o Deus que servia poderia ressuscitar o menino. Abraão conhecia a bondade e o poder de Deus. Tantos questionam o pedido que Deus fez, acusando-o ou não compreendendo… Foi um teste apenas. Deus jamais pediria que Abraão fizesse algo tão mau. Abraão sabia, porque conhecia! Abraão nunca pensou em se rebelar.

Deus tem quantos destes na terra? Não acredito que sejam muitos. Mas, muitos exigem dele, blasfemam dele, atribuem-lhe coisas terríveis, julgam-no, culpam-no das desgraças humanas, querem que ele termine com o sofrimento, mas não estão dispostos a sujeitar-se e a amar. O amor é a única solução para este mundo. A rebelião contra Deus dirige para mais caos, mais sofrimento. A sujeição a Deus e o seu amor seriam a única resposta, o remédio que este mundo doente precisa.

Para aqueles que se dizem crentes e estão desiludidos com Deus, tenho uma notícia: **não foi o Deus verdadeiro com quem se desiludiu, mas com um Deus que os homens conceberam e lhe transmitiram.** Se tivesse conhecido o Deus verdadeiro, nunca se teria desiludido. O Deus real está de braços abertos, quer falar-lhe, quer dizer-lhe o quanto o ama. Ele quer dizer-lhe que sempre esteve atento e chorou consigo todas as vezes que chorou. Ele estende-lhe a mão para o guiar, se somente estiver disposto a conhecê-lo, não como o Deus da teologia ou o Deus da tradição, não como o Deus com atributos concetuais de

homens, mas como o Pai que sempre procurou. É verdade que há limitações, mas também é verdade que, se aprendermos a mover-nos segundo os princípios espirituais, podemos ver Deus agir de uma forma estrondosa e poderosa na nossa vida.

Isto não são palavras apenas, eu vivo assim. Cada dia é um milagre, mesmo quando há sofrimento. Tenho visto coisas extraordinárias, mas o melhor de tudo é que, tanto nos bons como nos maus momentos, não estou só. A minha alma não tem mais um buraco por preencher, porque **tenho tudo, mesmo quando não tenho nada**.

Sim, Deus tem resposta para problemas, para enfermidades, para crises humanas. Foi por causa da minha miséria que me abri a ele. Mas, afinal havia muito mais! Ele é muito mais que uma solução para um problema. Nele encontramos a nossa plenitude!

Embora sejamos chamados a ser seus embaixadores, não podemos transmitir Deus aos outros. Podemos apenas desafiar. Deus não se transmite por palavras, apenas se experimenta. As palavras deste livro serão ocas para aquele que jaz em desespero. De nada servem além de desafiar o leitor a buscar e a entregar-se. Só experimentando, só vivendo, só tocando… A mera tradição religiosa mata, mas receber o amor do Pai é nova vida, é vida abundante e eterna já aqui!

XI

As origens e a Bíblia

Mesmo quem nunca leu o livro de Génesis, já ouviu de alguma forma a narrativa da criação. Nos três primeiros capítulos da Bíblia, é descrito que Deus criou o universo físico e tudo o que nele existe, em especial o homem. Não creio que a ciência e a religião tenham de ser opostas neste campo. A natureza conta a mesma história por "palavras" diferentes. Nada no texto hebraico original especifica que cada dia da criação seja de vinte e quatro horas. O termo YoM, traduzido como dia, surge em muitos outros contextos como um período variável de tempo. Eu mesma cheguei a listar todos os textos onde existe YoM e tem sentidos variáveis.

Cada dia da criação pode conter milhões e milhões de anos ou um só momento. Referimos atrás que a luz das estrelas que vemos foi emitida há milhões de anos e apenas agora está a chegar à terra. Como poderia o universo ter apenas seis mil anos como alguns criacionistas querem defender? Este é apenas um exemplo de como a Bíblia e a ciência não são opostas, mas companheiras na mesma busca das nossas origens e destino.

A Bíblia não é um livro de ciência, é um livro de fé. Ela revela o Criador de forma simples, para pessoas simples. Génesis descreve-nos que tudo tem origem em Deus. A ciência

regride até um *Big Bang* original que em nada colide com as Escrituras. Ao contrário do que a ciência defendeu por muitos séculos até Einstein, houve um princípio do universo. A ciência concluiu o que a Bíblia já dizia há milénios. A questão está no antes do *Big Bang*… A ciência não encontra nada antes da explosão original e podemos resumir a origem, segundo a ciência, do seguinte modo: antes não existia nada, depois numa explosão de nada, tudo veio a existir progressivamente.

Por outro lado, nada na Bíblia contradiz a ciência, naquilo que é verdadeiramente provado. O Darwinismo, por exemplo, é apenas uma teoria que se tornou tradição. Na minha opinião, tanto o Criacionismo como o Darwinismo incorrem em erros. Ambos são extremistas e com falta de bom senso. Muitas vezes uma teoria científica pode tornar-se uma religião cujo deus é a própria teoria ou o seu autor, pois não pode ser provada e parte de pressupostos que também não podem ser provados. A evolução dentro das espécies foi provada, mas nunca a evolução entre espécies, ou seja, entre *filos*. Passou-se para a opinião pública, que o sucesso ao provar a evolução dentro de uma espécie se aplicaria entre espécies, mas a verdade é que isso jamais foi provado. Todas as experiências que foram dadas a conhecer como provas da evolução, referiam-se apenas a mutações dentro da espécie, como adaptação ao meio ou outros estímulos externos.

Na religião, assim como na ciência, também se cometem desvios não intencionais. Se lermos a narrativa da criação bíblica sem os óculos da religiosidade e tradição, podemos observar que

a vida vegetal começa quando Deus ordena à terra que produza (Génesis 1:11). Não está escrito na Bíblia que Deus criou cada tipo de planta uma a uma, mas que **Deus ordenou que a terra produzisse a vegetação**. Depois na criação da vida animal, Deus também não ordenou a criação de cada ser individualmente, mas disse: "*produzam as águas cardumes de seres viventes*" (Génesis 1:20). Note-se que não nego que Deus tenha a capacidade de criar seres do nada. Ele é Deus e pode fazer tudo, mas a Bíblia não diz que o tenha feito assim, mas que, tal como a ciência diz, a vida começou na água e **foi ordenado à água que produzisse os seres vivos**. Obviamente são palavras metafóricas para colocar a origem da vida animal na água, mas proveniente da vontade divina. Considero a Bíblia fascinante pela sua riqueza em criatividade, emotividade, sensibilidade poética, em ensino profético e revelação divina:

Criou, pois, Deus os monstros marinhos, e todos ***os seres viventes que se arrastavam****, os quais* ***as águas produziram abundantemente segundo as suas espécies; e toda ave que voa,*** *segundo a sua espécie. E viu Deus que isso era bom. Então Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas dos mares; e multipliquem-se as aves sobre a terra. E foi a tarde e a manhã, o dia quinto. E disse Deus:* ***Produza a terra*** *seres viventes segundo as suas espécies: animais domésticos, répteis, e animais selvagens segundo as suas espécies. E assim foi. Deus, pois, fez os animais selvagens segundo as suas espécies, e os animais domésticos segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom. (Génesis 1:21-25)*

O texto não só diz que as águas produziram os seres

aquáticos como os voadores e os que se arrastam. Sou pouco conhecedora de ciência, mas o texto parece indicar que os primeiros seres voadores eram marítimos, começando a respirar fora da água e a adquirir asas. As águas produziram ainda os seres que se arrastam. Serão répteis que saíram da água? É bem possível que seja esse o significado de: "*os seres viventes que se arrastavam, os quais as águas produziram abundantemente segundo as suas espécies e toda ave que voa*" *(Génesis 1:21)*. Depois, é ordenado à terra que produza mais seres, com certeza provenientes das águas também. Poderei estar a interpretar o texto de forma incorreta, mas é o que este parece dizer.

Segundo a ciência, **foi no período Câmbrico que a vida surgiu de forma abundante e não progressivamente** como os darwinistas desejariam. As descobertas científicas não provam uma evolução progressiva, antes que a vida surge em abundância neste período. O "*produzam as águas*" poderá ter muitos significados, mas a origem dessa vida produzida tem o seu princípio em Deus. Terá Deus utilizado uma evolução primária apenas para criar as espécies e depois limitado a transição entre espécies? Não sabemos. Então para quê ficar radicalmente obcecado por uma posição que não tem respaldo, nem científico, nem bíblico?

Segundo Gerald L. Schroeder[6], um cientista judeu altamente credenciado, não há provas para uma evolução fora das espécies principais, mas sim para um tipo de evolução

---

[6] SCHROEDER, Gerald, "Deus e a ciência"

dentro das subespécies, ou seja, um cão será sempre um cão, embora possa alterar as suas características de raça. Pelo texto bíblico podemos perceber que **Deus teve intervenção na criação das espécies, mas depois deixou-as evoluírem livremente dentro de cada uma, segundo determinadas leis físicas**.

Num dos meus retiros pessoais, há anos atrás ao ler os primeiros capítulos de Génesis, algo me saltou à vista que nunca antes vira. É difícil explicar, mas irei tentar utilizando um esquema ordenado com as coisas criadas no primeiro e depois no segundo capítulo:

Génesis 1	Génesis 2
Princípio: céus e terra–v1	**Dia em que Deus fez os céus e a terra:** não havia planta, nem chuva, nem homem-v5
Dia 1: Luz e trevas-v5	
Dia 2: Firmamento separa águas–v8	Vapor sobe da terra-v6
Dia 3: Terra seca e vegetação-v13	Do pó da terra, o **homem** é feito alma vivente; vegetação-v7-9
Dia 4: Dia/noite com luminares-v16	
Dia 5: Das águas: seres aquáticos, voadores e que se arrastam-v23	Criação dos animais - v19-20
Dia 6: Da terra: animais; **homem e mulher** são feitos à imagem e semelhança de Deus -v31	**Mulher** para que o **homem** não esteja só – v21-22
Dia 7: Exército dos céus, céus e terra são terminados-v2:3	Serpente, Satanás – Gn 3:1

Analisei cada etapa da criação do capítulo dois e fi-la corresponder aos dias do primeiro capítulo. Não alterei a ordem, pois a ideia era manter a mesma ordem em ambos os capítulos e comparar. Fiquei muitíssimo surpreendida ao perceber que os dois encaixam na perfeição, exceto num pormenor: **o homem**.

No primeiro capítulo, o homem só é referido no dia sexto, juntamente com a mulher e com a "*imagem e semelhança*" divinas. Porém, no capítulo segundo, o homem surge com a mulher também após a criação da vegetação e com os outros animais, mas a sua criação tinha sido anterior. Essa criação prévia, do segundo capítulo, foi logo após a separação da terra seca e o homem é chamado de "*alma vivente*" e não de "*imagem e semelhança*". Pode não querer dizer nada, a ordem da descrição no capítulo dois pode ter sido aleatória, ou pode querer dizer tudo… A verdade é que existe uma equivalência perfeita na sequência dos dois capítulos, exceto na referência ao homem, muito antes de ser chamado "*imagem e semelhança*".

Algo curioso, que também não consigo explicar, é o facto de "*imagem e semelhança*" implicar sempre a existência da mulher junto ao homem. Considero uma possibilidade que o "*alma vivente*" criado pudesse ser um antepassado humano, numa fase inicial do processo criador. Isso explicaria os fósseis, tendo em conta que cada dia da criação pode conter um incalculável período de tempo. Claro que estou a especular… Porém é inegável que o homem foi criado antes da mulher e que é identificado como alma vivente nesse momento. Quanto tempo existiu o homem, sem a mulher como a conhecemos? Se o YoM não eram vinte e quatro horas, não podemos calcular quanto tempo foi…

Surge ainda a questão dos luminares só serem referidos no dia quarto. Numa perspetiva da terra, só se tornaram visíveis nessa altura, depois da separação das águas e depois do vapor

ser dissipado. Não significa que a sua criação tivesse sido tão tardia, mas pode referir-se apenas à sua visibilidade a partir da terra. Como dissemos, a Bíblia não é um livro de ciência, mas um livro de sabedoria e fé.

Estes são apenas pequenos exemplos que sem razão dividem cientistas e teólogos. A Bíblia é um tesouro incalculável. Todavia, será que podemos confiar na Bíblia como sendo a Palavra de Deus, como é chamada entre a maioria dos cristãos?

Os textos originais em hebraico e grego já não existem. O que temos é um enorme conjunto de cópias em pergaminhos, alguns bastante danificados. É a partir desses pergaminhos que foram criadas traduções. Quanto ao Antigo Testamento, foi no cativeiro Babilónico que se copiou a coletânea de todos os pergaminhos dispersos na escrita hebraica, designada de quadrada. Esta era a Bíblia na época de Cristo na terra.

O texto hebraico atual data do início da era cristã, e é atribuído a judeus chamados de Massoretas. Eles criaram um sistema de vogais para que qualquer pessoa pudesse ler. Existe ainda uma versão grega do Antigo Testamento datada de III a.e.c. É chamada de Septuaginta, devido à lenda de que foi escrita por setenta homens que miraculosamente produziram a mesma tradução sem terem contactado uns com os outros. É uma lenda, mas a Septuaginta é um texto importante, pois foi traduzido por judeus a partir de textos hebraicos mais antigos do que aqueles que são conhecidos na atualidade e certamente que o texto Massorético.

Em 1947, em cavernas do deserto de Qumran, foram descobertos manuscritos escritos desde o século III a.e.c. Os que eram utilizados nas traduções bíblicas eram muito posteriores, pelo que foi um achado tremendo. O que mais maravilhou os estudiosos foi a semelhança com os textos que já possuíam, revelando que as alterações ao longo do tempo foram mínimas. Estes pergaminhos permitiram a correção e melhoramento dos textos bíblicos que possuímos hoje. Alguns ainda estão a ser traduzidos na atualidade.

As Escrituras do Antigo Testamento têm profecias fantásticas. Elas profetizaram a vinda do Messias ao pormenor e são uma mensagem profética e pessoal para cada homem, revelando que há um Deus que nos criou e nos ama.

A Bíblia tem inúmeras traduções e nem todas estão corretas em todos os seus pormenores. Os tradutores não são Deus e se consideramos os textos originais e suas cópias como inspiradas, será que uma tradução também é inspirada? Claro que não! As traduções não são inspiradas, mas devem ser confrontadas com o texto original. Existem diferenças entre traduções, influenciadas pela cultura, pela doutrina, pelos afetos e paixões do tradutor. Isso não significa que podemos questionar a credibilidade da nossa Bíblia. Se usarmos uma Bíblia de estudo por exemplo, esta tem explicações, sempre que há alguma dúvida de tradução. De qualquer forma, todas elas transmitem o essencial da mensagem de Deus para todos os homens.

Outra questão mais complexa ainda: os livros que foram escolhidos para fazer parte da Bíblia são todos os que foram

inspirados por Deus? Havia mais que não foram incluídos ou alguns dos que foram integrados não o deveriam ter sido? Todos os livros existentes foram analisados profundamente e o grau de exigência foi muito elevado. Parece-me bastante maior a probabilidade de terem sido excluídos livros importantes que haver algum escolhido que não o merecesse. Temos de ter em conta que a escolha foi humana e não divina, ainda que tenha a certeza que aqueles homens pios terão recorrido a muita oração e busca de orientação do Espírito para tão árdua tarefa.

Mesmo os textos originais são o resultado da utilização do homem como instrumento de comunicação. Numa estação de metro em Lisboa está escrito por outras palavras o seguinte: "O Canon não é obra do homem, mas é o que de Deus podemos perceber". As Escrituras Bíblicas são o mais próximo que temos da revelação divina. Se não tivesse participação humana, seria incompreensível. As Escrituras são a revelação de Deus por palavras e emoções de homens, porque só assim o homem pode compreender. Diversos homens foram canais para que todos os homens pudessem receber a mensagem de Deus. Por isso, não podemos isolar textos e apropriarmo-nos de pequenos pedaços. A Bíblia vai-se explicando, esclarecendo e completando a si mesma. Só no seu todo se pode receber a Palavra de Deus.

É verdade que foram escolhidos textos e rejeitados outros. É verdade que ao longo da história se perderam textos, se danificaram pergaminhos… **Contudo, o grande milagre não foi o que se perdeu, mas o ter restado tanto**, depois de vários

milhares de anos.

Sem dúvida alguma, na minha opinião**, a Bíblia é o único livro que contém a Palavra de Deus**. Para nos encontrarmos com ela, temos de ter um encontro com o seu Autor. É um livro que precisa de um Guia. Como se fosse um país estrangeiro, precisamos que o Espírito seja o nosso guia na descoberta das maravilhas que existem para nos serem mostradas. **O livro sem o seu Autor é apenas um quebra-cabeças sem sentido.**

Porque afirmo que a Bíblia é o único livro que pode ser chamado Palavra de Deus? Não é sectarista, desrespeitador das outras religiões que possuem outros livros sagrados? Não digo que esses livros não tenham valor para os seus crentes, mas a Bíblia não é compatível com outros livros, outros deuses, outros caminhos.

Quem prega acerca de Deus e usa a Bíblia em conjunto com outro livro sagrado, não leu nunca a Bíblia com entendimento, pois perceberia que isso não é possível. Ao contrário do que os profetas de outras religiões afirmam, Cristo não se apresentou como um profeta entre muitos, nem um caminho entre muitos. Ele elevou o Pai ao único Deus e **apresentou-se a si mesmo como o Único Caminho**, a Única Verdade, a Única Vida que leva ao Pai (Evangelho de João 14:6). Há muitos deuses e muitos caminhos entre as religiões dos homens, mas não são compatíveis com a Bíblia, nem com o seu Messias. Cristo apresentou-se como o Filho de Deus, o Unigénito, cocriador de todas as coisas.

Enquanto esteve na carne, entre nós, testemunhou que as

Escrituras existentes eram verdadeiras e expressavam a vontade do Pai. Cristo disse a verdade acerca das Escrituras que existiam, ou foi o maior mentiroso da história. **Se ele não é o Filho de Deus, é o maior embusteiro que já existiu.** No entanto, sei que não o é, porque mudou a minha insignificante vida e não precisava de o fazer. Eu nada tinha para lhe dar, só tinha a receber e ainda tenho.

A Bíblia diz que existe apenas uma verdade e que os deuses dos outros povos não são o Deus verdadeiro e criador. **Cristo afirmou-se como o único Caminho para o Pai.** Se ele é apenas um dos caminhos, se qualquer religião leva a Deus, então Cristo não disse a verdade. Se não disse a verdade, então ele mesmo não é a Verdade e tudo o que ficou escrito sobre ele é mentira e estamos perdidos nos nossos pecados. Digo isto como mero raciocínio, pois sei que ele é a Verdade. Sei que ele é o Caminho para o Pai, a Verdade única e a Vida eterna!

Quanto aos Escritos neotestamentários, são os testemunhos daqueles que viveram com o Mestre e que foram testemunhas da sua ressurreição. No livro dos Atos dos Apóstolos é relatado o período posterior à ressurreição e daqueles que viram o Senhor após a sua vitória sobre a morte. Se Cristo não ressuscitou, então foi o maior mentiroso que já existiu, ainda que inteligente e grande filósofo. É a ressurreição que confirma que tudo o que afirmou era verdade. Ele profetizou a sua morte e ressurreição e cumpriu as profecias antigas ao pormenor. Ele era o Filho de Deus referido muitas

vezes no Antigo Testamento, voltou para o Pai e intercede pelos homens. A seu tempo será o Rei e reinará com os que se unirem a ele no seu Reino, que já está dentro daqueles que nasceram de novo.

Podemos confiar que a Bíblia é a Palavra de Deus e que Cristo é o Filho de Deus. Ambos não são objetos de conhecimento apenas, mas principalmente de relacionamento. Este pormenor faz toda a diferença e distingue aqueles que se submetem ao amor divino daqueles que se querem apropriar do seu poder para lucro próprio.

Pode-se conhecer a Bíblia profundamente, saber até as línguas originais e ensinar sobre isso, contudo o seu Autor pode ser um desconhecido. As Escrituras são um meio de relacionamento entre Deus e cada filho seu. Sem isto, é apenas mais um livro sagrado de uma religião. O cristianismo pode ser mais uma religião, porém não foi uma religião que Cristo veio fundar. Ele veio reconciliar homens com o Pai e possibilitar um novo nascimento, que torna o homem impuro e imperfeito num filho de Deus, participante da natureza divina.

A religião cristã foi criada por homens, tal como a religião judaica já o tinha sido. A religião Judaica não se baseia nas Escrituras, nem sequer no Antigo Testamento, mas em infindáveis comentários acerca deste que originaram um sistema complexo de princípios, em parte opostos aos divinos. Assim também os cristãos criaram uma religião baseada em interpretações humanas, com rituais, tradições e com um sistema clerical. Tal como no judaísmo divide-se em múltiplos

grupos.

Quanto maior o grupo, maior a probabilidade de erro. Isto é o que mostra a história da igreja. Paralelamente à cristandade, **existiram sempre pequenos grupos que buscaram a pureza e simplicidade da fé em vez da exuberância da religião**. Podem existir exceções, mas quando o grupo cresce muito e se torna numa instituição complexa, como uma empresa religiosa, torna-se difícil de integrar os que têm fome de continuar a crescer, a buscar e os que têm necessidade de pensar acima das regras do grupo. É então que os famintos pela pureza da fé se agrupam fora das grandes instituições e permanecem como sinal de que Deus preserva a sua verdade.

Uma forma de aprisionar os homens é fazê-los pensar que estão a rebelar-se contra Deus, quando se recusam a sujeitar aos jugos de autoridades humanas por razões de consciência. Se a atitude for de querer ser mais fiel, mais puro na vivência da fé, mais santo, mais misericordioso, mais dedicado à oração e à evangelização, então não há rebelião contra Deus. Se homens que nos lideram são um entrave ao crescimento espiritual e não estão a cumprir o seu papel, é melhor tomar apenas o jugo de Cristo e fazer a sua obra, ainda que num pequeno grupo. Note-se que enfatizo "pequeno grupo" e não "sozinho".

Jamais incentivarei ao isolamento ou ao fomento do orgulho individualista, mas a igreja institucional deve ser um fertilizante espiritual. Se não o é, não cumpre o seu papel, logo voltemo-nos para a "igreja pessoas". Cristo disse que onde

estiverem dois ou três reunidos em seu nome, ele estará presente. Ninguém ficará jamais sem liderança, pois Cristo é o Cabeça da igreja que se reúne em seu nome em todo o lugar.

Os "papas" humanos não gostam de perder o controlo das pessoas e tentam aprisionar com medo, com maldições de perda de salvação, com interpretações de textos bíblicos fora de contexto. O Espírito de Deus continuará, porém, trazendo mais fome, mais revelação, mais direção e os que forem seus ouvirão.

Não defendo, no entanto, a rebelião por orgulho e um conceito de superioridade perante os líderes. Uma vez, um irmão muitíssimo sábio aconselhou-me algo interessante, quando o abordei com a situação que passava. Estava a sentir-me oprimida na denominação onde me encontrava, mas era ainda muito jovem para perceber que Deus, durante a nossa vida cristã, nos leva a outros lugares para trabalhar em nós. Eu não queria rebelar-me, não queria pecar contra a minha liderança, mas sentia-me muito mal interiormente, porque sempre que alguém saía daquela igreja era rotulado de rebelde. O sábio irmão disse-me: "David respeitou a Saul sempre, mas quando a vida dele esteve em perigo, não se deixou matar e fugiu!". Aquelas palavras trouxeram-me vida e libertaram-me. Pude então ouvir de Deus e seguir o seu caminho para mim, sem me sentir culpada.

XII

O PLANO DE REDENÇÃO

Até agora evitei a citação de muitos textos bíblicos para que a leitura fosse acessível, mesmo a quem não estuda as Escrituras. Contudo, este capítulo exige que o faça, sob pena de ser considerado um mero delírio filosófico. Não o é, tudo o que afirmo tem base bíblica.

O Deus criador deu ao homem a autoridade sobre a terra e tudo o que nela existe:

*E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; **domine** ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra. Criou, pois, Deus o homem **à sua imagem**; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.*
*Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e **sujeitai-a**; **dominai** sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra. (Génesis 1:26-28)*

Outro texto posterior confirma a mesma ideia: "*Os céus são os céus do Senhor, mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens*" (Salmos 115:19). A terra pertence também ao Senhor, mas este delegou no homem a autoridade sobre esta, por um tempo determinado.

Não sabemos bem quando, mas outros seres espirituais

também foram criados, embora não sendo detentores da "imagem e semelhança" divinas. Será que podem ser identificados com o "exército dos céus" em Génesis 2:1? Se assim for, foram criados posteriormente ao homem.

Existe a opinião de que o "Elohim" criador incluía os anjos e que estes participaram na criação, no entanto não consigo encontrar na Bíblia justificação para tal afirmação. Os anjos, ou seres celestiais, são chamados de "filhos de Elohim" e em geral "Elohim" refere-se ao Deus plural, que entendemos como o Pai e o Filho (e ainda com o acréscimo do Espírito, a Ruach). Biblicamente a informação que temos sobre a criação dos seres espirituais é limitada. Referindo-se a Cristo, está escrito:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. (João 1:1-3)
…o qual é imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas. (Colossenses 1:15-17)

A expressão "primogénito da criação" pode ser erradamente interpretada se não se conhecer o significado bíblico de "primogénito". O filho primogénito era aquele que tinha o direito sobre a herança do pai. Os restantes filhos podiam receber algo ou não, mas a primogenitura era de extrema importância. Mais que associada à posse de bens, era um estatuto. O filho primogénito era o sucessor do seu pai,

assumindo a honra e a posição que o pai tinha na sociedade. Quando o texto caracteriza Cristo como "primogénito da criação" não significa "a primeira criação de Deus", mas o herdeiro da criação. Ele é o Primogénito sobre a criação. O próprio texto se explica quando diz: "*tudo foi criado por ele e para ele*". Cristo foi cocriador, e tudo foi criado para ele.

Tal como "não foi bom que Adão estivesse só", também "não foi bom que o Filho estivesse só". A humanidade foi criada para que o Filho, e também o Pai por consequência, se relacionassem. O apóstolo Paulo diz que o mistério está em que será escolhida uma Noiva entre a humanidade para o Filho (Efésios 5:32). Será uma noiva coletiva, mas santa e cheia do mesmo Espírito.

Voltando aos anjos e seres espirituais, como é espantoso que Deus tenha preferido o homem para dele formar esta Noiva, quando aos nossos olhos os anjos nos parecem mais excelentes! Há algo em nós que não compreendemos, mas que contém esta "imagem e semelhança" e nos torna únicos.

Um amigo questionou-me acerca da possibilidade de nas outras possíveis dimensões existirem mais criações com seres semelhantes ao homem, com outros mundos ou universos. Pode ser apenas o meu desejo, mas algo me faz sentir especial no meio das dimensões e universos possíveis. Se Deus desse a sua "imagem e semelhança" a outros seres e civilizações, seriamos apenas uma experiência entre muitas. O que dele tenho recebido e entendo é que há algo especial para ele nesta humanidade

corrompida. Ainda que pudessem existir mais criaturas e muitas dimensões cheias delas, somos algo acima de tudo isso. **O que o Filho veio fazer por esta Noiva não se faz diversas vezes.** Há algo aqui incomparável e único. Não tenho provas, mas é o que sinto. Se não é assim, um dia saberei…

Colossenses 1:16 diz que "*nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades*". Aquilo que é visível e o que é invisível, foi criado pelo e para o Filho. Podemos, por outras palavras, dizer que todas as dimensões que possam existir foram inicialmente criadas pelo e para o Filho, mesmo os seres espirituais que são aqui referidos como: tronos, dominações, principados, potestades. Estes nomes são posições hierárquicas dos seres espirituais. Compreendemos assim que o Filho de Deus sempre esteve acima de todos os anjos e de qualquer outro ser que possa existir. É isto que significa o texto inicial da Epístola aos Hebreus:

…nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por quem fez também o mundo; sendo ele o resplendor da sua glória e a expressa imagem do seu Ser, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo ele mesmo feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas, feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles. Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho? E outra vez, ao introduzir no mundo o primogénito, diz: E ***todos os anjos de Deus o adorem****. Ora, quanto aos anjos, diz: Quem de seus anjos faz ventos, e de seus ministros labaredas de fogo. Mas do Filho diz:* ***O teu trono, ó Deus****, subsiste pelos séculos dos séculos, e cetro de equidade é o cetro do teu reino.*

*Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; **por isso Deus, o teu Deus, te ungiu** com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros; e: **Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra**, e os céus são obras de tuas mãos; eles perecerão, mas tu permaneces; e todos eles, como roupa, envelhecerão, e qual um manto os enrolarás, e como roupa se mudarão; mas tu és o mesmo, e os teus anos não acabarão. Mas a qual dos anjos disse jamais: Assenta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés? Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor dos que hão-de herdar a salvação? (Hebreus 1:2-14)*

Deus Pai partilha a sua divindade com o Filho e ordena aos outros seres que adorem o seu Filho, algo que só é permitido fazer a Deus. No primeiro de todos os mandamentos está escrito: "*Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás.*" (Êxodo 20:3-5; Mateus 4:10).

Aparentemente tudo o que foi dito até aqui nada tem a ver com o título do capítulo, mas a base para compreender o Plano da Redenção é a compreensão da autoridade espiritual. Deus entregou a autoridade sobre a terra ao homem para que ele dominasse sobre ela. Tudo correu como planeado por um tempo indeterminado. Não sabemos quantos milénios ou milhões deles decorreram com o homem a fazer o que Deus ordenara: "multiplicar-se, encher a terra e dominar sobre ela" (Gn 1:28).

O homem foi criado, algures como alma vivente, depois no sexto dia surge com a mulher. Não sabemos quanto durou o resto do sexto dia. Segue-se o sétimo dia bíblico, onde se diz que Deus acabou a sua criação e depois descansou, ou seja, parou a criação e ficou deleitado admirando-a. Quanto durou este

descanso até que o homem pecou? Foi o tempo suficiente para o casal se reproduzir e haver mais homens na terra. Entretanto algo terrível aconteceu: anjos santos, criados puros, rebelaram-se contra o Criador.

Como é possível seres tão sublimes decaírem de um estado sobrenatural junto da divindade para um estado corrompido? Se Deus soubesse antes que iria acontecer, tê-los-ia criado? Será que Deus sabia? Se soubesse deixariam de ser livres. Ele de certeza que sabia pelo menos da possibilidade. Como Deus criou o homem livre, também criou os seres angelicais com essa característica. Temos a certeza que considerou a possibilidade de rebelião, pois liberdade implica qualquer possibilidade de escolha. Deus arriscou mesmo muito!

O texto de Hebreus diz expressamente que os anjos são espíritos ministradores dos que herdarem a salvação, ou seja, dos homens que crerem e se tornarem filhos de Deus. Se inicialmente foram criados com outro propósito, será apenas especulação sem forma de ser comprovada. O que está claramente dito é que Nele foram criadas as coisas, materiais e imateriais, seres físicos e espirituais. Parece ter sido tudo muito sequencial e não experiências separadas.

O texto de Génesis 3 traz-nos um evento dramático e que leva a uma viragem no curso do plano divino inicial. A mulher tem um encontro com um ser, identificado como a Serpente, mas que é Satanás: um anjo que se rebelou contra Deus. O texto conta que havia uma árvore no Jardim, cujo fruto não poderiam comer. Chamava-se Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Poderiam

dominar sobre toda a terra e todos os seres nela, mas do fruto daquela árvore não poderiam comer.

Tenho algumas dúvidas de que este episódio seja literal naquilo que conta, ou seja, que tenha sido mesmo uma árvore e um fruto vegetal. A árvore chamava-se "Ciência do Bem e do Mal". Será que aquilo, que foi representado pela árvore, foi acesso a conhecimento acerca do mal que lhes fora vedado? Se Satanás surge aqui tentando a humanidade é porque já pecara contra Deus. Não poderia haver uma árvore de Ciência do Bem e do Mal, se não existisse mal.

Tem-se discutido muito, na filosofia e na teologia, acerca da origem do mal. Terá Deus criado o mal? O que é o mal? Eis o que creio… O mal no seu sentido mais lato é a ausência de bem, tal como a escuridão não existe, mas é a ausência de luz. Deus é a fonte do amor, da bondade, da verdade, da alegria. Na sua ausência, há também ausência de bondade, de amor, de verdade e de alegria. A ausência Dele é o mal. Se algum ser existe separado de Deus, esse ser vive no mal. O mal surge quando o primeiro ser se rebelou contra Deus.

O profeta Ezequiel, na sua profecia acerca do rei de Tiro, fala de alguém que parece não ser um rei humano:

*Estavas no **Éden, jardim de Deus**; toda pedra preciosa era a tua cobertura: a sardónia, o topázio, o diamante, a turquesa, o ónix, o jaspe, a safira, o carbúnculo, a esmeralda e o ouro; a obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti; no dia em que foste criado, foram preparados. **Tu eras querubim ungido para proteger**, e te estabeleci;*

no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. ***Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti****. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim protetor, entre pedras afogueadas.* ***Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor;*** *por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu a ti, e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te veem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste e nunca mais serás para sempre. (Ezequiel 28:13-19)*

Outros textos de apoio, que podem ser descrições do mesmo ser, são: Isaías 14:12-20 e Ezequiel 31:8-18. Se este querubim era Satanás (o texto não o diz, é apenas uma hipótese), então o texto diz que ele foi colocado no Jardim do Éden e foi criado perfeito. Deus não o criou predisposto para o mal, mas absolutamente perfeito. Na sua perfeição, o seu interior se encheu de violência, por causa da sua beleza e da sua sabedoria, pelo que foi expulso. Faz muito sentido, pois em Génesis 3, ele surge no Éden mentindo e tentando a Eva.

Encontrei traduções onde em vez de "*eras o querubim*" tem "*estavas com o querubim*". Nesta alternativa, o texto seria uma descrição da queda do homem, que antes tinha a glória do Éden. Fora criado bom, mas inchou na sua glória e escolheu ter conhecimento como Deus, rebelando-se.

O homem foi criado perfeito. Deus, sendo bom e perfeito, não criaria algo mau ou predisposto para o mal. O homem não

peca por ter sido criado imperfeito. O homem foi criado perfeito, com capacidade de obedecer a Deus e cumprir o propósito para o que foi criado.

Tenho ouvido incessantemente que o homem é mau por natureza. Vão buscar afirmações bíblicas como "*não há um justo sequer*" entre outras. Mas os textos são retirados dos seus contextos. O que aconteceu foi que o homem se corrompeu e então a partir daí, tornou-se impuro e corrompido. O que era bom tornou-se mau, pela ausência de Deus. É então que esses textos o descrevem, mas apenas no seu estado decaído. Não foi assim no Princípio e não foi assim que foi criado: "*Deus fez ao homem reto, mas ele buscou muitas invenções*" (Eclesiastes 7:29).

Na sua liberdade, Satanás corrompeu-se e não ficou satisfeito, antes determinou destruir o homem. Vejamos como aconteceu no texto de Génesis 3:

Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas, do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: ***Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal****. E, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. (Génesis 3:1-6)*

A serpente é identificada claramente em Apocalipse: "*o*

grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás" (Apocalipse 12:9). Assim, podemos assegurar que esta serpente é o Diabo, o ser celestial que se corrompeu. Este começou por mentir para atrair a atenção de Eva, perguntando se não podiam comer de nenhuma das árvores do Jardim. Eva responde que podem comer de todas menos de uma e que a consequência seria a morte. Então a serpente, que já tinha a atenção da mulher, começa a mentir acerca do carácter e intenções de Deus. Parafraseando a serpente (Génesis 3:4-5), o que ela disse foi: "*Deus não está preocupado com o homem, nem o ama: a proibição não é para o bem do homem, mas para o limitar; Deus é egoísta e pensa apenas nele; Deus mentiu, porque o homem não irá morrer, mas ficará a conhecer o bem e o mal; assim o homem será como Deus*".

Se a árvore dava conhecimento maligno, não seria para bem do homem que Deus fizera a proibição? Falando como humana, sempre que proíbo o meu filho de aceder a informação acerca de algo mau, faço-o apenas para o proteger. Sei que ele irá contactar com essa informação mais tarde, quando crescer, mas enquanto for criança, não está preparado para se defender. Há um tempo para contactar com o mal. Será o tempo da sua maturidade. Então saberá rejeitar o mal, mas agora precisa da minha proteção, no sentido de o afastar daquilo que ele não sabe filtrar e discernir.

A Árvore da Ciência do Bem e do Mal, além de um teste à liberdade humana, pode ter sido também um conhecimento temporariamente vedado, até que o homem pudesse aprender a rejeitar o mal. Em todo o caso, esta árvore pressupõe a existência

do mal. Se as árvores são figuradas como suponho, esta árvore não era uma planta, mas uma entidade espiritual. **Eva comeu do fruto, não quando ingeriu a fruta, mas quando assumiu e recebeu o falso conhecimento acerca de Deus.** Não foi a fruta trincada e digerida no seu estômago que a contaminou, mas o conhecimento falso e maligno transmitido pela serpente. Creio que tanto a árvore como a serpente eram um só ser: Satanás.

Penso que não estou longe da verdade se afirmar que o querubim colocado no Éden, ao corromper-se tornou-se uma Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Desta árvore não deviam comer. Tudo foi escrito de forma muito poética e figurada, mas os princípios são claros: **o homem não deve comungar com o mal, seja ele uma árvore, ou um ser espiritual, pois isso gera a sua morte**. O facto foi que tanto Eva como Adão receberam deste conhecimento e consequências terríveis foram despoletadas:

*E, ouvindo a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim à tardinha, esconderam-se o homem e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. Mas chamou o Senhor Deus ao homem, e perguntou-lhe: Onde estás? Respondeu-lhe o homem**: Ouvi a tua voz no jardim e tive medo**, porque estava nu; e escondi-me. Deus perguntou-lhe mais: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?*
Ao que respondeu o homem: A mulher que me deste por companheira deu-me da árvore, e eu comi. (Génesis 3:8-12)

Estava concretizado o plano de Satanás. As consequências mais graves estão no texto acima. O homem passou a ter medo de Deus, já não confiava no seu amor e no seu cuidado: medo da

sua voz, medo da sua presença. A nudez, que anteriormente não o incomodava, passou a ser vista como algo mau. Toda a inocência do homem foi perdida, pois tomou conhecimento de todas as maldades que estavam contidas no conhecimento da árvore. Por isso, creio que não seria uma árvore, mas era o próprio mal desenvolvido e partilhado pelo Diabo. O resto do texto descreve mais consequências. Note-se que não são punições, pois Deus avisara do que aconteceria. A consequência do pecado foi a morte, mas a morte física não ocorreu logo, apenas a espiritual:

Perguntou o Senhor Deus à mulher: Que é isto que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente enganou-me, e eu comi. Então ***o Senhor Deus disse à serpente****: Porquanto fizeste isso, maldita serás tu dentre todos os animais domésticos, e dentre todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E* ***à mulher disse****: Multiplicarei grandemente a dor da tua conceição; em dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E* ***ao homem disse****: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos; e comerás das ervas do campo. Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó tornarás.*
Chamou Adão à sua mulher Eva, porque era a mãe de todos os viventes. E o Senhor Deus fez túnicas de peles para Adão e sua mulher, e os vestiu. (Génesis 3:13-21)

O querubim, que tinha sido colocado no Éden com um propósito bom, levou à queda do homem. Note-se a diferença de

linguagem para com a serpente e para com Adão e Eva. A serpente recebe uma maldição: **a descendência da mulher feriria a cabeça da serpente, mas ela apenas lhe feriria o calcanhar**. Aqui está a primeira profecia de redenção das Escrituras, logo depois do pecado. Antes de dar ao homem as consequências do pecado, revela que a sua salvação virá. Da descendência da mulher sairá alguém que pisará a cabeça da serpente.

Neste episódio acontecem coisas tremendamente importantes. A autoridade pertence a quem é delegada. O homem dominava sobre a terra, mas estava sujeito a Deus. Quando Eva ouviu a serpente e comungou com o seu mal, rebelou-se contra a autoridade divina, colocando-se sob a autoridade da serpente. Tornamo-nos servos de quem obedecemos (Romanos 6:16). É um princípio universal.

O que Deus deve ter sentido naquele momento! O seu amor imenso pelo homem fê-lo não aceitar aquela situação. Deus não se conformou, apesar do homem ter traído, desobedecido e rejeitado a sua autoridade amorosa. Determinou então um plano alternativo: a autoridade seria reposta ao seu plano original, quando um descendente da mulher derrotasse a serpente, aniquilando a sua autoridade.

De coração partido, Deus dirigiu-se à mulher e anunciou-lhe que ao gerar filhos teria grande dor e ainda algo mais profundo: ela seria dominada pelo homem. O domínio do homem sobre a mulher é uma consequência do pecado. Deus

criou o homem e a mulher para dominarem em conjunto sobre a criação, como um só. Eva foi o instrumento de Satanás para a queda da humanidade, desrespeitando a autoridade divina. Isso colocou-a debaixo de um jugo que permaneceu durante o resto da história humana.

A sociedade patriarcal, onde as mulheres são tratadas apenas como objetos reprodutores e como servas, começou aqui. Este domínio não é a vontade original de Deus, mas a consequência do pecado. Uma vez que o pecado seja eliminado, a mulher estará liberta deste domínio. A dor ao dar à luz foi multiplicada, o que significa que se havia dor era mínima. A dor intensa no parto é também consequência do pecado e não algo natural e inevitável.

Por último, Deus dirigiu-se ao homem: "*maldita é a terra por causa de ti*" (Génesis 3:17). A terra tornou-se maldita! Porque Deus diz isto? Tinha chamado a serpente de "maldita" e agora chama à terra de "maldita". Deus não chamou de malditos, nem a Eva, nem a Adão, mas apenas lhes relatou as consequências. Contudo à serpente e à terra chamou de "malditas". A terra tornou-se maldita porque alguém maldito assumiu a autoridade sobre ela. **A serpente seria autoridade na terra, por isso a terra assumiu a maldição com que a serpente foi amaldiçoada.** Infelizmente por fazerem parte da terra, Adão e Eva, com todos os seus habitantes e descendentes, ficariam também influenciados pela maldição.

O homem é chamado de pó. A serpente comeria pó. A terra é pó. A terra não obedeceria mais ao homem, porque o homem

não mais seria senhor sobre a criação. A serpente comeria, alimentar-se-ia do pó: do sofrimento humano, do pecado humano, da opressão sobre a humanidade, até que "*a cabeça (autoridade) da serpente fosse ferida*" (Genesis 3:15).

O que aconteceu foi que Satanás tomou autoridade sobre o homem. A terra continuou a ser a terra dos homens, mas sobre o homem estaria uma autoridade diabólica que o dominaria, oprimiria e exploraria. No Evangelho segundo Lucas, quando Cristo é tentado pelo Diabo no deserto, este tenta seduzi-lo: "*E disse-lhe: Dar-te-ei toda a autoridade e glória destes reinos, porque me foi entregue, e a dou a quem eu quiser; se tu, me adorares, será toda tua*" (Lucas 4:6-7). Parece de grande descaramento e astúcia, Satanás ter coragem de dizer isto ao próprio Filho de Deus! No entanto, era verdade que a autoridade dos reinos da terra lhe fora entregue. Cristo tinha, porém, outros planos: pisar a autoridade de Satanás e reaver a possessão de Deus, que o homem perdera. Ele anunciou: "*Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o* ***príncipe deste mundo****. E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim.*" (João 12:31-32). Isto aconteceria quando o seu propósito fosse cumprido, mas confirma Satanás como príncipe deste mundo.

Temos agora a base para compreendermos o que é a redenção. Ao longo das Escrituras refere-se o termo hebraico "*Goel*", traduzido como remidor ou redentor. Quando alguém tinha de entregar um terreno ou outra posse para pagar uma dívida, posteriormente um parente próximo poderia ser remidor

e reaver a possessão ao dono original, pagando o seu preço. Outro exemplo é o de uma mulher que enviúva ainda jovem. Nesse caso, um parente poderia tornar-se seu remidor, casando com a viúva. Este é o significado do termo "Redentor".

O Salmo 49 fala dos homens ricos que servem de remidores quanto às coisas materiais, mas cuja riqueza não pode comprar a salvação da alma:

*Aqueles que confiam na sua fazenda e se gloriam na multidão das suas riquezas, nenhum deles, de modo algum, pode **remir** a seu irmão ou dar a Deus o **resgate** dele (pois a **redenção** da sua alma é caríssima, e seus recursos se esgotariam antes; por isso, tampouco viverá para sempre ou deixará de ver a corrupção; porque vê que os sábios morrem, que perecem igualmente o louco e o bruto e deixam a outros os seus bens. O seu pensamento interior é que as suas casas serão perpétuas, e as suas habitações, de geração em geração; dão às suas terras os seus próprios nomes. Todavia, o homem que está em honra não permanece; antes, é como os animais, que perecem. Este caminho deles é a sua loucura; contudo, a sua posteridade aprova as suas palavras. Como ovelhas, são enterrados; a morte se alimentará deles; os retos terão domínio sobre eles na manhã; e a sua formosura na sepultura se consumirá, por não ter mais onde more. Mas Deus **remirá** a minha alma do poder da sepultura, pois me receberá …*

O homem estava perdido, dominado por Satanás, sem esperança, sem forma de retornar ao estado de comunhão com Deus e de dominador da criação em vez de dominado. Como foi executada essa redenção, anunciada no dia da rebelião em Génesis 3:15? Como um descendente da mulher poderia vencer a serpente, pisando a sua cabeça? Onde estava um parente próximo do homem que tivesse riquezas necessárias para

readquirir a posse da criação, a posse da alma humana e desposar a humanidade, na sua solidão e desamparo às mãos do inimigo?

Só um **parente chegado** poderia ser remidor de tudo o que a humanidade havia perdido, logo teria de ser um homem. Por outro lado, teria de ser sem pecado de modo que não estivesse também debaixo da autoridade satânica. Assim, da linhagem de David, descendente de Abraão, nasceu o descendente prometido, na plenitude dos tempos. Não nasceu de semente humana, mas foi gerado pelo Espírito de Deus no ventre de uma jovem hebreia da linhagem de David (Lucas 1:32-35). Cientificamente chamar-se-ia partenogénese: reprodução apenas via fêmea, sem intervenção masculina no processo. Não o foi totalmente, porque de alguma forma que não compreendemos, o homem nascido de Maria era o Filho pré-existente de Deus e foi com intervenção divina que foi gerado no útero feminino. Não tem nada a ver com reencarnação. Ele só encarnou uma vez como homem. É um grande mistério! Ele já existia, mas teve de se tornar totalmente homem, sem deixar de ser o Filho unigénito de Deus, cocriador:

Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, ***tornando-se semelhante aos homens****;* ***e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz****. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para*

que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. (Filipenses 2:5-11)

A humilhação de Cristo começou ao assumir a condição de homem. O autor da criação, vindo da eternidade com o Pai, viu-se num corpo frágil de homem, sujeito a fraquezas e necessidades. Não podemos sequer imaginar o que significou para o Filho vir à terra como homem! Como se isso não bastasse, o plano era algo considerado loucura ainda hoje:

*Porque **a palavra da cruz é deveras loucura** para os que perecem; mas **para nós, que somos salvos, é o poder de Deus**; porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei o entendimento dos entendidos. Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde o questionador deste século? Porventura não **tornou Deus louca a sabedoria deste mundo**? Visto como na sabedoria de Deus o mundo pela sua sabedoria não conheceu a Deus, aprouve a Deus salvar pela loucura da pregação os que creem. Pois, enquanto os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria, **nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos**, mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. **Porque a loucura de Deus é mais sábia que os homens**; e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens. (I Coríntios 1:18-25)*

O plano de redenção foi consumado quando Cristo morreu crucificado numa estaca, junto com malfeitores, pelos pecados da humanidade e quando ao terceiro dia ressurgiu de entre os mortos, ascendendo ao Pai quarenta dias depois, após ter aparecido a muitos, que puderam posteriormente testemunhar. Esta é a loucura do Evangelho! Porque Cristo teve de morrer?

Como Deus sacrificou o próprio Filho? Porque não houve outra solução menos sangrenta e menos injusta? Porque Deus não exigiu algo menos cruel para compensar o pecado humano?

O sofrimento de Deus foi incalculável, ao ver o seu Filho, sem poder intervir. Cury faz uma descrição espantosa e de grande sensibilidade:

O filho chorava sem lágrimas, enquanto o Deus Altíssimo descia das Alturas e curvava o Seu rosto sobre a terra, desesperado. Eu não consigo descrever a cena. Cada reação de dor, tremor e asfixia do filho percorria as entranhas do ser de Deus. Ele ficava sufocado quando Jesus não conseguia abrir os pulmões para respirar.
Ao gritar a plenos pulmões para Deus perdoar os seres humanos que zombavam dele e o matavam, dizendo que eles não sabiam o que estavam a fazer, Jesus, como o mais excelente analista, compreendeu o incompreensível…[7]

O Cordeiro de Deus tomou o pecado do mundo e Deus experimentou o que era ser homem. Foi um momento ímpar na História tanto humana como divina! O amor de Deus atingiu o seu auge e permitiu que o amor humano pudesse atingir também o seu máximo em resposta ao primeiro. Quem poderá resistir a tão grande amor?

Em capítulos anteriores já concluímos que existem leis e princípios que até Deus respeita. Não existiu dor maior que aquela que o Pai sentiu quando o seu Filho foi pendurado no

---

[7] Cury, Augusto, Os Segredos do Pai Nosso –A solidão de Deus, pág. 157,158

madeiro, exposto perante a criação como malfeitor, separado do amor e proteção do Pai! Enquanto tantos julgam e acusam Deus, ele fez a única coisa que podia ser feita para salvar a humanidade. Não havia outra solução! Nenhum homem na história tinha sido capaz de se manter fora da autoridade satânica e com as condições necessárias para pagar o preço.

Lembremos que a consequência de Adão e Eva terem contactado com o conhecimento proibido seria a morte. Porém, não morreram fisicamente de imediato, mas a vida eterna do espírito estava em perigo. Há um pormenor interessante: logo após o pecado foram vestidos por Deus com peles. Que peles eram aquelas? Há quem afirme serem as peles dos primeiros cordeiros que foram mortos para expiação do pecado.

Não consigo explicar porquê, mas o derramamento de sangue trazia remissão de pecados, ou seja, fazia com que as consequências destes não acontecessem: "***sem derramamento de sangue não há remissão***" (Hebreus 9:22b). O homem merecia morrer no momento em que pecou, mas isso não aconteceu. Creio que foi o derramamento de sangue que o impediu, quando os cordeiros, cujas peles cobriram Adão e Eva, foram mortos.

Durante todo o Antigo Testamento eram imolados animais. Por algum motivo, o derramamento de sangue servia para proteger o homem da consequência do seu próprio pecado. **Não era uma redenção que afetava o espírito nem a eternidade, mas apenas impedia a consequência do pecado durante a vida**, protegendo-os de morte prematura, enfermidade, etc. Era uma remissão temporária e pouco eficaz, sem repercussões eternas.

Após a morte, mesmo os justos em vida, não entravam na presença de Deus, mas ficavam num lugar chamado Seio de Abraão onde aguardavam o Redentor, esperando assim como os vivos por uma remissão definitiva.

Entretanto, antes de Cristo iniciar o seu ministério, há uma fase de transição, com João, o batista (o emergidor). O seu batismo (emersão) em água é baseado em arrependimento e já não é apenas algo exterior. Continuava a haver derramamento de sangue, pois no templo vigorava o sistema Levítico, mas neste batismo era requerido arrependimento interior. Ele veio preparar o caminho para a redenção definitiva, que seria feita **uma só vez e com eficácia eterna**:

*Porque, se a aspersão do sangue de bodes e de touros, e das cinzas duma novilha santifica os contaminados, **quanto à purificação da carne**, quanto mais **o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência**, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é mediador de um novo pacto, para que, intervindo a morte para **remissão das transgressões** cometidas debaixo do primeiro pacto, os chamados recebam a promessa da herança eterna. (Hebreus 9:13-15)*

Os sacrifícios de animais não podiam aperfeiçoar o interior. Por isso, eram continuamente repetidos. Os homens continuavam a pecar, porque o seu interior continuava corrompido, sem acesso a Deus. O sacrifício de Cristo teve o poder de restaurar a consciência, dando poder interior e uma mudança de natureza:

Porque a lei, tendo a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, ***não pode nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem de ano em ano, aperfeiçoar os que se chegam a Deus****. Doutra maneira, não teriam deixado de ser oferecidos? pois tendo sido uma vez purificados os que prestavam o culto, nunca mais teriam consciência de pecado. Mas nesses sacrifícios cada ano se faz recordação dos pecados, porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire pecados. Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; não te deleitaste em holocaustos e oblações pelo pecado. Então eu disse: Eis-me aqui (no rol do livro está escrito de mim) para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tendo dito acima: Sacrifício e ofertas e holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem neles te deleitaste (os quais se oferecem segundo a lei); agora disse: Eis-me aqui para fazer a tua vontade. Ele tira o primeiro, para estabelecer o segundo. É nessa vontade dele que temos sido santificados* ***pela oferta do corpo de Jesus Cristo****, feita* ***uma vez para sempre****. Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas este, havendo oferecido* ***um único sacrifício pelos pecados****, assentou-se para sempre à direita de Deus, daí por diante esperando, até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. Pois* ***com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados****. E o Espírito Santo também no-lo testifica, porque depois de haver dito: Este é o pacto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor:* ***Porei as minhas leis em seus corações, e as escreverei em seu entendimento****; acrescenta: E não me lembrarei mais de seus pecados e de suas iniquidades. Ora,* ***onde há remissão destes, não há mais oferta pelo pecado****. (Hebreus 10:1-18)*

A redenção gerou um milagre: o aperfeiçoar do espírito daquele que passa pelo "batismo" do arrependimento. O batismo em água é apenas uma figura do que acontece no íntimo: uma lavagem pelo arrependimento.

Há um aspeto tremendamente importante: a redenção realizada por Cristo foi o início do processo, não terminou ainda.

Cristo inaugurou uma nova era de restauração e implantação do Reino de Deus na terra, mas os usurpadores ainda não saíram, têm de ser expulsos. Tudo terminará um dia determinado por Deus e **a nossa redenção só estará completa quando recebermos um novo corpo redimido**:

*E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, **esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo**. (Romanos 8:23)*

Quando dissemos que Cristo se humilhou tornando-se homem, a sua humilhação é tripartida: 1º) ele humilhou-se ao encarnar como homem, 2º) humilhou-se na sua morte de cruz, 3º) humilhou-se ao fazer dos homens seus representantes na terra. Esta última forma de humilhação é na minha opinião a mais arriscada. Tenho visto muita coisa terrível, feita em nome de Deus! Ele enviou o seu Espírito para cooperar com o homem e acredita que o homem é capaz de o representar, pregando o Evangelho do Reino aos restantes:

*…no qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes **selados com o Espírito Santo da promessa**, o qual é o penhor da nossa herança, **para redenção da possessão de Deus**, para o louvor da sua glória. (Efésios 1:13-14)*
*…o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual se deu a si mesmo **em resgate por todos**, para servir de testemunho a seu tempo. (I Timóteo 2:4-6)*

A redenção foi universal, como diz o texto acima: "*deu-se em resgate por todos*". Deus deseja a salvação de todos, mas só será salvo aquele que a receber, reconciliando-se com Deus. A redenção está disponível a cada homem. Contudo, só os homens que se arrependem e recebem o Espírito de Deus, têm o selo de Deus e usufruem desta. A redenção só toma o seu efeito quando o homem a deseja; não é imposta, mas disponibilizada.

Cada convertido é chamado a ser embaixador de Cristo, seu representante para com os outros homens, oferecendo esta redenção. Esta envolve muito mais do que aquilo que podemos expor neste capítulo. Sobre ela têm sido e serão escritos muitos livros. O texto de Colossenses 1 resume tudo o que dissemos e descreve a redenção como **a transferência do redimido de um reino para outro**. Na terra coexistem agora dois reinos: o império das trevas e o reino de Deus. Somos chamados, como embaixadores do Reino, para **trazer a reconciliação com Deus a todos os homens que se arrependerem:**

*…dando graças ao Pai que vos fez idóneos para participar da herança dos santos na luz, e que **nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do seu Filho amado**; em quem temos a redenção, a saber, **a remissão dos pecados**; o qual é imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas; também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogénito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência, porque aprouve a Deus que nele habitasse toda a*

plenitude, e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, ***por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas****, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus. A* ***vós também, que outrora éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora contudo vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, a fim de perante ele vos apresentar santos, sem defeito e irrepreensíveis****, se é que permaneceis na fé, fundados e firmes, não vos deixando apartar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, fui constituído ministro. (Colossenses 1:12-23)*

Como disse o apóstolo Paulo, a mensagem da cruz é loucura para os que são inimigos de Deus, mas para o que recebeu o Espírito é nova vida, poder sobre o pecado e autoridade sobre as trevas.

Como embaixadores de Cristo, portadores do Espírito, temos autoridade na terra. Como dissemos quando abordámos o princípio da autoridade: **a autoridade tem de ser exercida, não é automática**. O império das trevas permanece na terra e há uma guerra permanente e feroz, ainda que invisível.

Enquanto tantos perdem tempo culpando Deus ou perguntando porquê, o verdadeiro inimigo continua a tentar ocultar-se e a matar, roubar e destruir em segredo (João 10:10). A sua maior arma é fazer crer que não existe, que tudo é plano de Deus. Assim resolve dois problemas: impede que o ataquem, agindo livremente, e atribui a culpa a Deus, deturpando a imagem divina perante os homens.

Se Deus fosse como o descrevem alguns, o Diabo seria menos mau que Deus. Por isso tantos se convertem e mais tarde

se afastam das igrejas revoltados com Deus, porque o Deus que é pregado é um déspota malvado. Esse não é o Deus de amor revelado por Cristo. Esse é apenas um Deus criado pela teologia humana, com origem em homens já mortos, mas que ainda manipulam a forma de pensar e ensinar.

As Escrituras dão-nos informações quase inacreditáveis acerca do plano de Deus para os homens que se convertem de todo o coração, recebendo a sua redenção. É de tal dimensão que o apóstolo Paulo tinha de orar incessantemente para que os crentes compreendessem:

… não cesso de dar graças por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele; sendo ***iluminados os olhos do vosso coração****, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos, e* ***qual a suprema grandeza do seu poder para connosco****, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que operou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita nos céus, muito* ***acima de todo principado, e autoridade, e poder, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro****; e sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés, e para ser cabeça sobre todas as coisas* ***o deu à igreja, que é o seu corpo****, o complemento daquele que cumpre tudo em todas as coisas.* (Efésios 1:16-23)

O poder que ressuscitou a Cristo fê-lo assentar-se à direita do Pai, como Salvador, mas também representando os homens redimidos, como homem que também se tornou. Cristo continua a ser o Filho Pré-existente e Criador, mas agora é também Homem. Se já era um mistério, tornou-se um mistério ainda

maior ao encarnar. Note-se, que após a ressurreição, não deixou de ser plenamente homem, mas apenas adquiriu o corpo transformado, pelo qual também aguardamos.

Surpreendentemente, o texto anterior diz que o poder da ressurreição foi transferido para os embaixadores divinos, chamados de "seu corpo" e "igreja". Esta igreja, aqui referida, não são as instituições religiosas que se autodenominam de igrejas, mas a igreja invisível que em toda a terra é composta pelos redimidos. Podemos perceber quão pouco desse poder estamos a exercer! O poder que fez assentar a Cristo acima de todo o poder, acima de todo anjo, demónio, do próprio Satanás, foi-nos delegado. Se algum crente é oprimido de alguma forma pelos poderes satânicos, é hora de dizer: basta! Temos autoridade sobre as trevas, somos representantes de Cristo e ao seu Nome todo o joelho se dobra (Filipenses 2:10). Quando ainda estava na carne, disse aos seus discípulos:

*Eis que vos dei autoridade para **pisar serpentes** e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo; e nada vos fará dano algum. Contudo, não vos alegreis porque se vos **submetem os espíritos**; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus. (Lucas 10:19-20)*

Quando o Senhor disse isto, a redenção não tinha ainda sido consumada, mas ele nunca perdeu a sua autoridade e naquele momento estava a delegá-la. Após a ressurreição, transferiu-a definitivamente aos seus discípulos, para que estes continuassem a sua obra, com a cooperação do Espírito Santo.

Para isso deixou-nos armas espirituais, entre elas o seu Nome, para que o usemos ao sujeitar os espíritos. Esta guerra é real, mas invisível. Não é uma guerra contra pessoas, mas contra o império das trevas e o seu domínio opressor sobre a humanidade:

*…pois **não é contra carne e sangue que temos que lutar**, mas sim contra os principados, contra as potestades, conta os príncipes do mundo destas trevas, contra as hostes espirituais da iniquidade nas regiões celestes. (Efésios 6:12)*
*Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne, pois **as armas da nossa milícia não são carnais**, mas poderosas em Deus, para demolição de fortalezas; derribando raciocínios e todo baluarte que se ergue contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência a Cristo; e estando prontos para vingar toda desobediência, quando for cumprida a vossa obediência. (II Coríntios 10:3-5)*

As nossas armas não são armas físicas, o nosso inimigo não é homem algum, mas estamos no meio de um tiroteio de armas espirituais entre o império das trevas e o reino de Deus.

Um dia esta guerra terminará. Deus tomará do seu poder de Deus criador e soberano e executará finalmente a sua vontade. O último livro da Bíblia, chamado Apocalipse (noutras línguas Revelação), relata esses acontecimentos de forma figurada, mas clara. Nele percebemos que o nosso destino é reinar na terra, sob a autoridade divina, em paz e felicidade na sua presença, com todos aqueles que decidirem livremente rejeitar a autoridade diabólica e sujeitar-se ao Rei e Senhor, nosso Pai amado.

XIII

O NOVO NASCIMENTO

No capítulo anterior falámos da redenção em geral, nas suas consequências para a terra e para a eternidade dos homens. Mas o que acontece no interior do homem e o que este deve fazer para entrar neste novo reino espiritual que Deus lhe oferece?

Houve um homem chamado Nicodemos, com importância no clero do seu tempo, que procurou a Cristo, quando ele se encontrava sozinho:

Ora, havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. Este foi ter com Jesus, de noite, e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre, vindo de Deus; pois ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. Respondeu-lhe Jesus: ***Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus****. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer? Jesus respondeu: Em verdade,* ***em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus****. O que é nascido da carne é carne, e* ***o que é nascido do Espírito é espírito****. Não te admires de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de novo. (Evangelho de João 3:1-7)*

O Mestre carpinteiro instruiu o erudito Nicodemos acerca de algo que este, durante toda a sua vida de estudo, ainda não compreendera: para alguém entrar no Reino precisa passar por

um nascimento espiritual. **A redenção inclui uma mudança interior, quando alguém pede perdão dos seus pecados em genuíno arrependimento e se entrega a Deus, estando disposto a ser morada do seu Espírito, ser seu filho e seu representante na terra**:

*Mas, a todos quantos o receberam, **aos que creem** no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus; **os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus**. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que **todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna**. (Evangelho de João 1:12-13; 3:16)*

*Porque, **se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo**; pois é com o coração que se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. (Romanos 10:9-10)*

Nem todos os homens são filhos de Deus. **Só aqueles que forem gerados pelo Espírito no seu interior se tornam filhos** do Pai: "*alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele*" (Romanos 8:9).

Aquele que crer que Cristo tomou os seus pecados e se entregar a ele completamente, não por emoção, mas numa **decisão para toda a vida**, esse receberá o selo do Espírito. O Espírito recreará nas suas entranhas um espírito novo, sem pecado.

De forma simples, poderemos resumir esta iniciação ao Reino em três passos: 1) confessar os pecados, 2) arrependimento, 3) crer no que ele fez por si especificamente.

Depois tudo começa… Entregue-se ao Espírito para que ele o guie. Ele fará tudo o que é necessário.

A presença do Espírito em alguém produz mudança. Pode não ser imediata, mas aquele que se converte a Deus e nasce de novo manifestará transformação. Comigo surgiu um gozo interior inexplicável, uma imensa vontade de ler a Bíblia, de modo que a li na totalidade em menos de três meses. Isso foi apenas o princípio… Não é difícil iniciar o caminho, mas é difícil permanecer nele, por isso é chamado caminho estreito. Só os que perseverarem até ao fim serão salvos, não aqueles que têm momentos de emoção. Seguir a Cristo implica entrega total. Ele disse:

E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e ***tome cada dia a sua cruz****, e siga-me. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que,* ***por amor de mim****, perder a sua vida, a salvará. (Evangelho de Lucas 9:23-24)*

O Evangelho é loucura, mas é a verdade. Só pelo Espírito podemos compreender. Quem não tem o Espírito considera-nos loucos.

Existe um filme que descreve o processo da libertação deste mundo e o novo nascimento como nenhum outro que tenha visto. Refiro-me ao primeiro filme da série Matrix. Os dois restantes da trilogia são filmes simplesmente, mas o primeiro tem sempre grande impacto cada vez que o revejo. Se não compreender o novo nascimento, veja ou reveja este filme.

Tal como no filme, os homens dormem e não sabem que são escravos de um sistema que os mantém na ignorância da sua própria prisão. Nem todos querem acordar para a verdade, pois a verdade implica entrar numa guerra terrível. Neo, o personagem principal, abre-se ao conhecimento da verdade. No início é duro, mas depois de descobrir o poder que está ao seu alcance, entrega-se ao seu destino.

Enquanto não chegar o último dia, o nosso destino é de guerra, mas lutando de olhos abertos, não na nossa força, não com armas naturais. Acima de tudo temos algo que o personagem do filme não conhecia: o amor do Pai que nos envolve a cada dia, em indescritível cuidado. Talvez a personagem Trinity representasse Deus, que está connosco e nos ama continuamente… Nada mais nos preenche depois de experimentarmos a presença de Deus a envolver-nos em amor paternal.

Com saber se nascemos de novo? Ninguém pode dizer-nos. O próprio Espírito concorda com o espírito do homem acerca da sua salvação. Está escrito:

Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. ***O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus****. (Romanos 8:14-16)*

O Espírito não é passivo. Ele guia os homens em que habita. Mas quem é este Espírito? Muito sinceramente, não sei

com certeza! Só sei que Cristo afirmou ser "outro Consolador" (João 14:16, 26) que habitaria no homem depois da sua partida para o Pai. O mundo não o vê e por isso não o pode conhecer, mas quem está no mundo, não sendo já do mundo, pode contactar com Ele.

A maioria dos cristãos considera que o Espírito faz parte da Trindade divina. A Bíblia não usa o termo, no entanto fala do Filho como divino, digno de adoração e deste Espírito como sendo procedente do Pai. O Espírito é Senhor, disso não tenho dúvidas. Já vi homens falarem ao Espírito como se fosse seu servo. Não! Ele é Senhor! A pluralidade divina é inquestionável, contudo não a podemos definir ou compreender totalmente. Eis algumas passagens acerca do Espírito:

*O Espírito de verdade, que **o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece**: mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. (Evangelho de João 14:17)*

*Mas aquele Consolador, **o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome**, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. (Evangelho de João 14:26)*

*Mas, quando vier **o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei-de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai**, ele testificará de mim. (Evangelho de João 15:26)*

*Mas, quando vier **aquele Espírito de verdade**, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, vos anunciará o que há-de vir. (Evangelho de João 16:13)*

Jesus respondeu, e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e ***viremos para ele, e faremos nele morada****. (Evangelho de João 14:23)*

Sabemos que quem faz morada no homem redimido é o Espírito e não Cristo ou o Pai. O Pai está no seu Trono e Cristo à sua direita. De alguma forma quando o Espírito, que é outro Consolador, está presente, então o Pai e Cristo estão presentes. Usufruo desta bênção maravilhosa, mesmo não a compreendendo. Sei que o Espírito é Senhor sobre a minha vida e devo obedecer-lhe como ao Pai. Sinto a sua presença e graças a Deus tenho ouvido a sua direção muitas vezes. Estaria perdida sem o Espírito. Ele é o poder de Deus, a presença de Deus, o selo de Deus em mim. Não compreendo quem é, mas sei que é Deus. Não sei muito sobre ele, mas não posso viver sem ele.

Nos últimos versículos das Escrituras, no final de Apocalipse, há uma promessa de que Cristo voltará, mas entretanto não estamos sós... O Espírito gera, santifica, aperfeiçoa a Noiva coletiva, que está sendo edificada como habitação do mesmo Espírito:

Eis que cedo venho *e está comigo a minha recompensa, para retribuir a cada um segundo a sua obra. Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o derradeiro, o princípio e o fim. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes no sangue do Cordeiro para que tenham direito à arvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas. Ficarão de fora os cães, os feiticeiros, os adúlteros, os homicidas, os idólatras, e todo o que ama e pratica a mentira.* ***Eu, Jesus****, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas a favor das igrejas. Eu sou a raiz e a geração de David, a resplandecente estrela da manhã.* ***E o Espírito e a noiva dizem:*** *Vem.*

E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, receba de graça a água da vida. (Apocalipse 22:12-17)

Quem tem sede venha e beba de graça desta fonte que jorra para a vida eterna. Não estamos sós! O leitor que chegou até este capítulo, não está só. Deus teve um propósito ao guiá-lo até aqui. **Ainda que não pareça estar presente, Deus está presente. Ainda que pareça que ninguém se importa, Deus importa-se.** Ele quer ser o seu Pai e tomá-lo para um abraço eterno. Mesmo que já seja crente, o Pai quer levá-lo a uma dimensão de relacionamento mais profunda com ele.

Deus fala e está vivo! Ele fala através da sua criação, através daqueles que, embora imperfeitos ainda, estão a carregar o maior tesouro do universo: o Espírito e a mensagem do Salvador. Estamos no caminho estreito e isso basta para sermos perfeitos aos seus olhos. Ele é o caminho, ele é a porta estreita, a única que conduz à vida, a única que conduz ao Pai. Não há outro caminho para o Pai. **Nenhum outro profeta conduz ao Pai.** Nenhum outro homem ou mulher nos conduz ao Pai. Ele mesmo disse: "*eu sou o caminho, e a verdade, e a vida;* ***ninguém vem ao Pai, senão por mim***" (Evangelho 14:6b). Aqueles que pensam que basta estar numa religião, não estão no caminho estreito. **Só Cristo é o único mediador entre Deus e os homens.** Não há mais intermediários, nem mais caminhos, nem mais sacrifícios. Não haverá outra redenção, nem outro plano. Está consumado! Quem crer será salvo, quem não crer será condenado. Ele vive! Ele ressuscitou! A nova vida está ao nosso dispor. Quem tem

sede venha e beba de graça desta água que jorra ainda… O fim chegará, mas hoje ainda é tempo. Hoje é o dia da salvação, hoje é o dia da mudança, hoje é o dia do arrependimento. A decisão de um momento muda a eternidade.

Que este seja o seu momento!

XIV

Mensagem Final

Um dia quando tinha cerca de vinte e dois anos, estava junto à janela do meu quarto orando, como o fazia todos os dias e clamava a Deus: "*Senhor, não te conheço, queria tanto conhecer-te!*". Com a testa encostada no vidro, dentro de mim palavras suaves e mansas surgiram: "***tu conheces-me, tu sabes que eu sou bom...***". Como eu chorei! De onde vinha aquilo? Deus estava a dizer-me que eu conhecia algo dele? Não podia conter a emoção! Chorei, envolvida pelo seu amor, constrangida pela sensibilidade e compaixão do Deus grande e poderoso para com alguém insignificante como eu.

Aquelas palavras fizeram-me pensar… Porque diria Deus que eu conhecia algo dele? Pensei em todas as vezes que alguém atribuía a Deus as desgraças dos homens e eu intervinha opondo-me a tal ideia. Se havia algo que tinha a certeza era que Ele é sempre Bom.

De tudo o que escrevi, posso resumir nestas poucas palavras: "**ELE É BOM**". Na verdade, revelou-se a Moisés como "Eu Sou", mas posteriormente quando Moisés pede para ver a sua Glória, está escrito que fez passar a sua "Bondade". Pode parecer estranho, mas é o que está registado nas Escrituras. Quando Deus passou e Moisés o viu pelas costas, foi a

manifestação da sua Bondade que foi revelada ao profeta.

De toda a nossa caminhada na terra, se apenas compreendermos como Deus é Bom, já teremos alcançado um conhecimento valioso e que a maioria dos religiosos não alcança. Se somente entendermos quão bom Deus é, não lhe atribuiremos terríveis acontecimentos das nossas vidas e do mundo. Acontecem coisas muito más, mas não é Deus o seu autor. Mais que isso, ele é o principal interessado em terminar com o sofrimento.

Ele sofre com a sua criação, desejando dar um fim a tanto mal. Se não o faz é porque conhece o que não conhecemos e o tempo ainda não chegou. Contudo, ele pode intervir na nossa vida. Ele quer intervir na nossa vida! Deus intervém quando nos colocamos debaixo do seu poder e autoridade e estamos dispostos a praticar as suas leis e princípios como filhos adultos, não como bebés que choram sempre que querem o biberão.

Temos de mudar de reino para podermos experimentar a nova vida que Cristo dá. Só assim estamos em posição para receber a intervenção divina. Há problemas, calamidades e situações terríveis para as quais só Deus tem resposta. É então quando podemos crer e ver Deus agindo. Eu sou uma prova viva disso. A minha existência diária é uma prova disso.

O passado não pode ser alterado. Podemos apenas construir um futuro melhor. A possibilidade de diminuir o nosso sofrimento está hoje nas nossas mãos, começando no nosso presente, no "agora" de cada homem. **Se Deus estiver presente no meu presente, é possível que o amanhã seja**

melhor. Preciso ser humilde e estar disposto a desaprender o que sei e a reaprender segundo as leis do Reino.

Deus ama cada indivíduo de forma única. Todos são insubstituíveis. Tenho ouvido ao longo dos anos que ninguém é insubstituível, mas isso é totalmente falso: para Deus **cada um é especial e não pode ser substituído**. Cada um tem dons e propósitos que mais ninguém pode executar. Quando um filho cai e o abandona, o coração de Deus chora e é capaz de "deixar as noventa e nove ovelhas para procurar aquela que ninguém valoriza" (Mateus 18:12-13). Os homens encontram logo alguém para fazer a substituição, mas Deus não, ele não substitui ninguém. É assim o Pai que me encontrou!

Ninguém me dava valor algum, fui rejeitada por todos desde que me lembro, até que Ele pegou em mim, limpou-me e amou-me como se não existisse mais ninguém no universo. Não há igual ao meu Pai!

Deus tem um vazio em forma de cada homem, que só cada homem pode preencher. Deus tem um vazio em forma de Lucinda que só esta Lucinda específica pode preencher. Deus tem um vazio em forma do João, do Manuel, da Rita, da Maria, da Cristina, da Judite, da Rute, do Paulo, do Miguel, da Helena, do Rui, do Samuel, do António, do Ricardo, do David, do Nuno, da Daniela, do(a) _____ (o seu nome), que só cada um pode preencher. Ninguém pode substituir o vazio de outro, como nas peças de um puzzle gigante.

Os homens, mesmo os cristãos, ainda não compreenderam

o que significam para Deus. Quando ele criou o homem, não o criou para ser o seu Deus, mas o seu Pai. Depois, teve de mostrar-se como Deus, porque o homem mostrou-se duro e resistente em o amar. Sobre os anjos e todas as criaturas, ele é Deus somente, mas sobre aqueles que nascem do seu Espírito entre os homens, ele pode finalmente ser o Pai que predestinou (planeou) ser. A natureza do homem muda de carnal para espiritual, de humana para divina, de alma vivente para espírito vivificante e tornamo-nos "*participantes da natureza divina*" (II Pedro 1:4). Não significa que nos tornamos Deus acima de Deus, porque numa família não existe acima nem abaixo. Ele é Pai e nós somos filhos amados. Só quem não o conhece como Pai se preocupa com essas questões de ser acima ou abaixo. Ele, Deus, adotou-me e se o reconheço como Pai, todo o meu comportamento será de reverência, obediência, retribuição de afeto e amor.

No livro de Augusto Cury vem a oração de um filósofo considerado um dos maiores ateus que já existiu, traduzida do alemão por Leonardo Boff[8]:

«Antes de prosseguir o meu caminho e lançar o meu olhar para a frente, uma vez mais elevo, só, as minhas mãos a Ti na direção de quem eu fujo. A Ti, das profundezas do meu coração, tenho dedicado altares festivos para que, em cada momento, a Tua voz me pudesse chamar. Sobre estes altares estão gravadas em fogo estas palavras: "Ao Deus desconhecido". Teu, sou teu, embora até ao presente me tenha associado aos sacrílegos. Teu, sou teu, não obstante os laços que me puxam para

[8] CURY, Augusto, "Os Segredos do Pai Nosso – A solidão de Deus", pág. 164

o abismo. Mesmo querendo fugir, sinto-me forçado a servir-Te. Eu quero conhecer-Te, desconhecido. Tu, que me penetras a alma e, qual turbilhão, invades a minha vida. Tu, o incompreensível, mas meu semelhante, quero conhecer-Te, quero servir-Te só a Ti.» (Friedrich Nietzsche)

Um homem que combateu a religião, toda a sua vida, reconheceu que não era o Deus verdadeiro que combatia, mas a imagem que os homens religiosos faziam dele. No fim, confessou que não podia resistir ao Deus que existia independentemente do seu teimoso ateísmo. Quem poderá resistir a tamanho amor, depois de o conhecer como realmente é?

Oro para que quem ler este derramar da minha alma até ao fim se abra para conhecer mais Daquele que o ama como a "menina do seu olho". Nunca se deixe enganar: Ele é Bom. Sei que muitos que enchem as igrejas cristãs estão longe de o conhecer como Pai amoroso, numa intimidade diária. Não há amor igual, nem nada que preencha a alma humana como a revelação do amor do Pai: Aba Pai!

Termino com a letra de um pequeno cântico que escrevi nos meus primeiros anos nesta caminhada:

O Deus que eu conheço é amigo,
não me deixa, não me esquece, fala comigo:
num cântico que brota do coração,
nas palavras, no abraço de um irmão…
O Deus que eu conheço está aqui.
Está dizendo que te ama através de mim.
O Deus que eu conheço é amor,
seu desejo é libertar de toda a dor.
Eu o conheço, porque o coração lhe dei.
Ele te chama, te trouxe aqui, eu sei!

Vem ao abraço que é o começo
de uma vida com Alguém
que te ama e te conhece…
Vem conhecê-lo também!

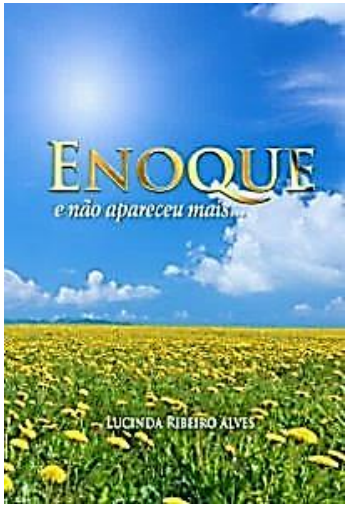
Bibliografia

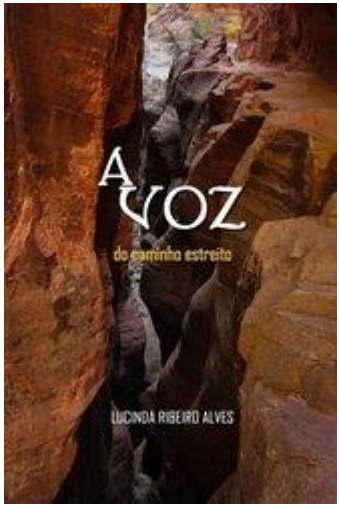
CURY, Augusto, "Os segredos do Pai Nosso - A Solidão de Deus", Pergaminho, 2008

HAWKING, Stephen, A breve história do tempo, Tradução de Maria Alice gomes da Costa, Edição actualizada e aumentada, Gradiva, 2000 Lisboa

Schroeder, Gerard, Deus e Ciência, Tradução de Paula Oliveira Antunes, Forúm da Ciência, Publicações Europa-América, 1999 Mem Martins

Outros livros da autora
com *ebooks* gratuitos em:
www.luzverdade.pt



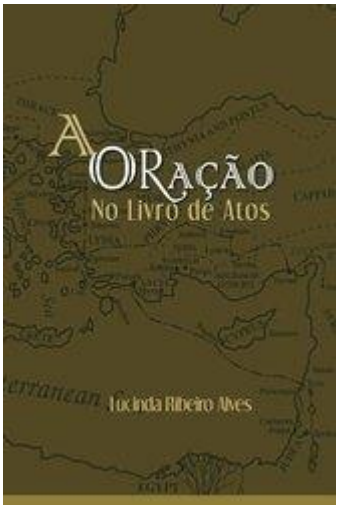


DÍZIMO
HOJE ?
SIM e NÃO !
LUCINDA RIBEIRO ALVES

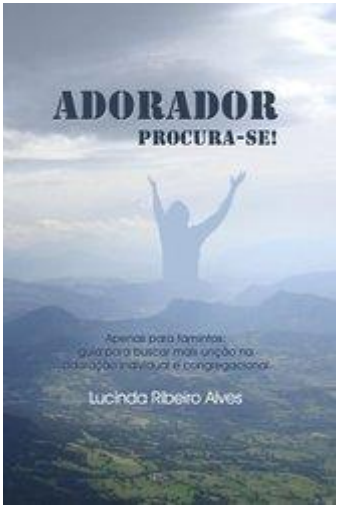
A FACE DO PAI
a visibilidade de Deus
Lucinda Ribeiro Alves

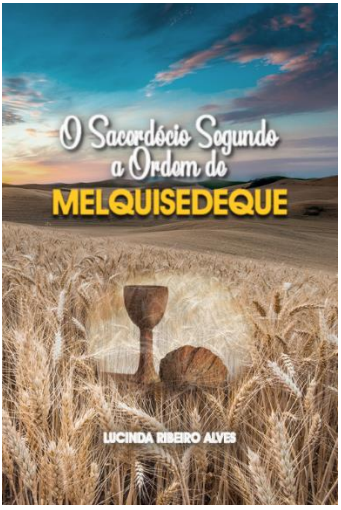
LUCINDA RIBEIRO ALVES
O LIVRO DA VIDA
e o erro de
Apocalipse 13:8

a oliveira
O ÚNICO POVO DE DEUS
LUCINDA RIBEIRO ALVES


A ORAÇÃO
No Livro de Atos
Lucinda Ribeiro Alves

LUCINDA RIBEIRO ALVES
O SUCESSO DO FRACASSO
OU O FRACASSO DO SUCESSO
?


ADORADOR
PROCURA-SE!
Apenas para famintos
que anseiam por mais unção na
adoração individual e congregacional
Lucinda Ribeiro Alves


O Sacerdócio Segundo
a Ordem de
MELQUISEDEQUE
LUCINDA RIBEIRO ALVES